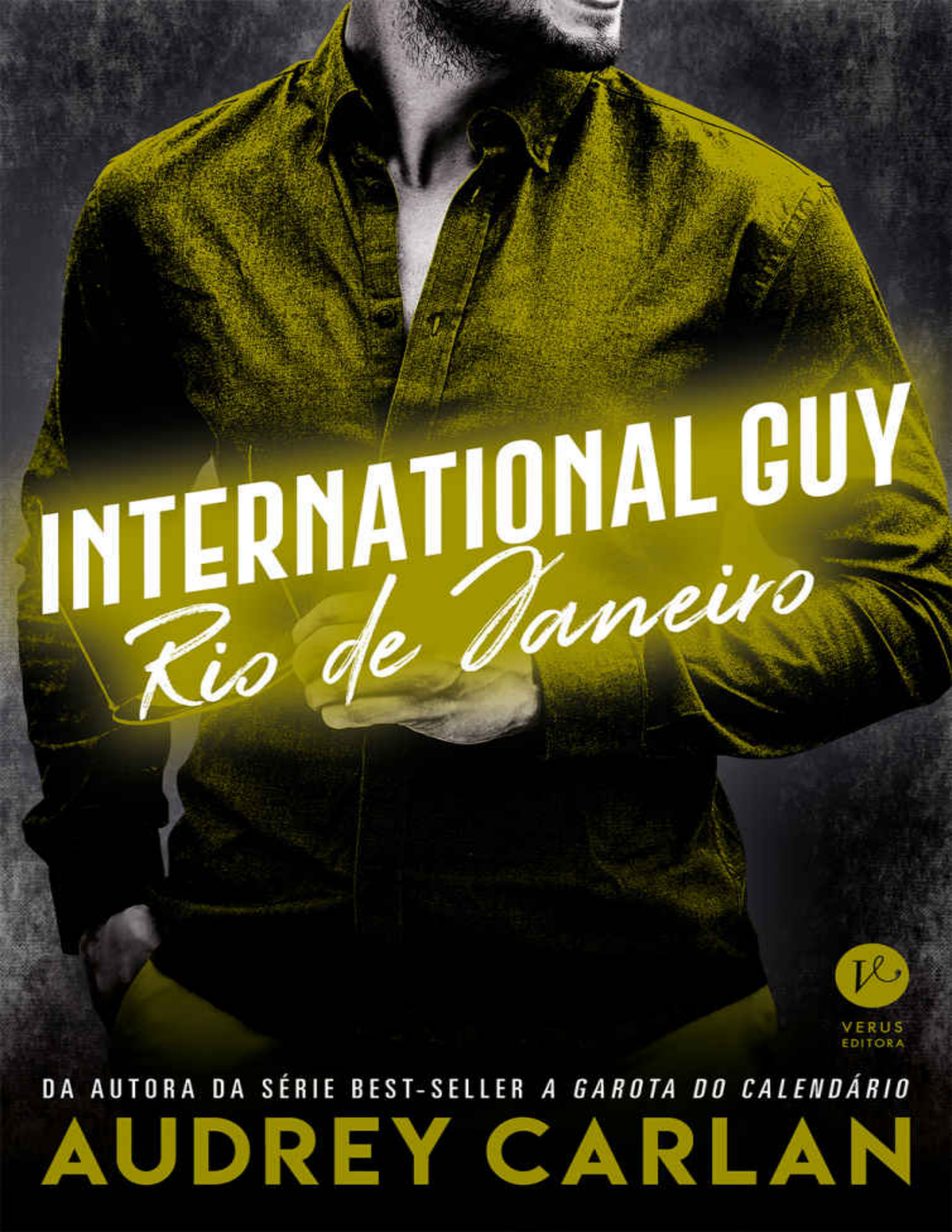


A man with a beard, wearing a dark, textured button-down shirt, is shown from the chest up. He is holding a lit cigarette in his right hand. The background is dark and moody.

INTERNATIONAL GUY

Rio de Janeiro



VERUS
EDITORA

DA AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER A GAROTA DO CALENDÁRIO

AUDREY CARLAN



Também de Audrey Carlan

Série A GAROTA DO CALENDÁRIO

Volumes de *Janeiro a Dezembro*

Série TRINITY

Corpo

Mente

Alma

Vida

Destino

AUDREY CARLAN

INTERNATIONAL GUY
Rio de Janeiro

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2019



VERUS
EDITORIA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação da versão impressa

André S. Tavares da Silva

Juliana Brandt

Foto da capa

kiuikson/Shutterstock

Título original

International Guy

Madrid, Rio, Los Angeles

ISBN: 978-85-7686-768-5

Copyright © Audrey Carlan, 2018

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2019

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278i

Carlan, Audrey

International guy: Rio de Janeiro [recurso eletrônico] / Audrey Carlan; tradução Sandra Martha Dolinsky. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Verus, 2019.

recurso digital (International Guy; 11)

Tradução de: International guy: Rio de Janeiro

Sequência de: international guy: Madri

Continua com: international guy: Los Angeles

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-768-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Literatura erótica americana. 3. Livros eletrônicos. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título. III. Série.

19-55900

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

À equipe da Verus Editora.

Vocês me levaram ao Cristo Redentor, e foi uma das experiências mais profundas da minha vida.

Vocês acreditaram nas minhas histórias e as compartilharam com o seu país. Serei eternamente grata pela paixão que vocês, o seu país e os leitores brasileiros trouxeram ao meu mundo.

Espero que este livro consiga retratar um pouco da beleza do Brasil.

SUMÁRIO

- 1 | Skyler
- 2 | Parker
- 3 | Skyler
- 4 | Parker
- 5 | Skyler
- 6 | Parker
- 7 | Skyler
- 8 | Parker
- 9 | Skyler
- 10 | Parker
- 11 | Skyler
- 12 | Parker

1

SKYLER

— Por favor, acorde, meu bem. Por favor, por favooooor. Eu preciso muito de você...

Lambo meus lábios secos e concentro toda a minha atenção no rosto de Parker. Vejo sua estrutura óssea impressionante, os traços esculpidos de seu maxilar com a barba de dois dias que raspa minha mão, mas não consigo parar de tocá-lo.

Eu preciso tocá-lo. Perder esse vínculo agora vai acabar comigo. Vou entrar em desespero.

— Você tem que acordar. Não posso encarar isso sozinha. E você promete...

Engulo em seco e a emoção me domina. Lágrimas inundam meus olhos e rolam por minhas faces como um rio de sentimentos que não posso mais segurar.

— Meu bem, você prometeu. Você, eu e os cachorros. Eles sentem sua falta, mas estão bem, não tiveram nenhum ferimento com a explosão. Estão na casa da Wendy. O Mick chamou um veterinário para examiná-los. A Wendy está cuidando muito bem deles. E, meu bem...

Passo a ponta dos dedos sobre sua testa, observando o grande curativo na lateral da cabeça, onde levou dezoito pontos. Além disso, tem um galo gigante na parte de trás do crânio por ter batido no concreto, o que causou uma concussão. Ele caiu pela segunda vez quando desmaiou e, seis horas depois, ainda não acordou. O efeito do anestésico local e dos analgésicos deve passar logo, e os médicos garantiram que é só uma questão de tempo até que ele

acorde. Os exames da cabeça estão excelentes, mas sempre há preocupação quando se trata de uma concussão. Ele está cheio de contusões nas costelas e no peito, mas internamente está bem. Vai ter que descansar e pegar leve.

Ah, se ele acordasse...

Pego sua mão e acaricio seu braço do cotovelo aos dedos, em um gesto que espero que seja tranquilizador e reconfortante para ele. Park precisa saber que estou aqui, pronta para quando ele abrir os olhos, sem nunca ter saído de seu lado.

Atrás de mim a porta se abre e Wendy entra.

— E aí, como ele está? — Noto a preocupação e a tristeza em seus traços normalmente alegres.

Sacudo a cabeça.

— Nenhuma mudança. Por que ele não acorda, Wen? — pergunto, cobrindo a boca quando as emoções me dominam, e deixo escapar um soluço.

Ela corre para mim e me abraça, puxando a cadeira para meu lado.

— O corpo e a mente dele precisam estar prontos. Ele sofreu duas pancadas feias, uma na têmpora e outra na parte de trás da cabeça. O cérebro está no modo de proteção. Tenha um pouco de paciência. Os médicos disseram que ele vai acordar, e você mesma disse que ele estava consciente e ajudando o Nate antes de desmaiar. Isso é um bom sinal — diz, apertando meu ombro. — Vai ficar tudo bem.

Fecho os olhos e anuo, pedindo a Deus em silêncio que cuide de Parker. Eu já perdi muita coisa, não vou suportar perdê-lo também.

— Alguma novidade sobre o Nate? — pergunta Wendy.

Sou tomada por uma intensa tristeza, que me força a pular em seus braços em prantos, desabando.

— Não sei. Ele está em cirurgia. É tudo culpa minha. Ele estava me protegendo...

Wendy pega meu rosto com as duas mãos.

— Olhe para mim. Você não tem culpa do que aconteceu. Ele estava fazendo o trabalho dele e conhecia os riscos. Você não sabia que essa pessoa demente incendiaria a sua casa ou plantaria uma bomba na do Parker.

— Foi isso que aconteceu? — pergunto, estreitando o olhar e cravando-o nos olhos azuis cristalinos de Wendy e em seu cabelo ruivo contrastando com a

pele perolada.

Ela morde o lábio inferior e olha para a porta, como se estivesse se certificando de que ninguém pode ouvi-la.

— Eu hackeei os computadores da polícia. O fogo na sua cobertura foi causado usando um acelerador no meio da sua cama. No apartamento do Parker a coisa foi muito mais complexa. Em termos leigos, segundo o relatório e a avaliação do esquadrão antibomba, a pessoa que montou o dispositivo é bem experiente. E, por alguma razão, a teoria deles é que a pessoa tem experiência no governo. Aparentemente, a configuração dessa bomba é ensinada no treinamento de soldados para operações secretas e em uma divisão da CIA.

— CIA? Operações secretas? — Levo a mão à testa. — Você só pode estar brincando. Eu não conheço ninguém no governo, nem tenho ideia de por que alguém que trabalhe em uma operação especial iria querer que eu ou o meu namorado morrêssemos! — digo, elevando a voz.

O pânico toma conta de mim. Meu coração está acelerado. O sangue que corre pelas minhas veias parece gelado, e todo o meu corpo começa a tremer.

— Ah, não, não! Não se desespere! — diz Wendy, esfregando meus braços e costas. — Nós vamos descobrir tudo. Na verdade, eu liguei para o Paul, irmão do Park, para me ajudar a analisar as informações. Foi ele que descobriu a conversa dos policiais sobre operações secretas e que a pessoa envolvida tem conexões no governo ou nos altos escalões do exército.

— Foi uma tentativ...

— Tentativa de assassinato? Talvez. O Paul disse que não dá para ter certeza, mas a coisa parece feia. Na verdade, ele está tão preocupado que está de vigia aqui na porta do quarto do Parker. Aliás, tenho que dizer: o cara é demaaaaais. Ele está de calça camuflada, coturno, uma camiseta preta que cai como uma luva e o distintivo pendurado no peito. — Wendy morde a mão. — Eu devoraria o Paul no café da manhã, no almoço e no jantar. Meu Deus, como ele é gostoso — diz, se abanando.

— Você está de brincadeira? Está babando pelo irmão do Parker neste momento, quando tudo está de ponta-cabeça? Minha vida está desmoronando, todas as pessoas que eu amo estão mortas, em risco, feridas ou lutando pela vida — digo, com voz trêmula. — Os malditos espiões da CIA estão atrás de

mim, alguém possivelmente atentou contra a minha vida ou do Parker, ou de nós dois... — Estou começando a perder a cabeça. Merda. Eu me levanto e grito, apertando os punhos, tão furiosa que mal consigo enxergar direito. — E você está falando que o irmão do Parker é gostoso?!

Wendy abre um sorriso largo.

— Muito bem! — Ela bate na coxa. — Aí está a minha lutadora. Ufa — passa a mão na testa dramaticamente —, pensei que precisaria de reforços para tirar você desse poço de autopiedade e te fazer reagir do jeito irlandês! — Ela dá um soco no ar e a seguir estende a mão para bater na minha.

— Eu não sou irlandesa!

Enfio os dedos no cabelo e puxo as pontas enquanto giro para me afastar da cama e caminhar um pouco. Funciona para Parker, talvez funcione para mim.

— Está bem, está bem. Quem eu conheço no governo? — Levanto a mão e aponto para Wendy. — Nós conhecemos a Kendra! — digo, como se tivesse acabado de ganhar um milhão de dólares na loteria.

Ela franze a testa.

— Não. Eu perguntei, ela não tem conexões na CIA.

— CIA... O irmão do Parker tem?

Ela retorce a boca de um jeito engraçado.

— Sim. Ele foi do departamento de operações especiais durante anos.

— A bomba pode ter sido plantada para o Parker e não para mim?

Wendy deixa cair os ombros.

— Nós achamos que não. Tudo aponta para o maluco que manda mensagens para vocês. A polícia tem um agente especializado em traçar perfis de criminosos, e ele analisou as mensagens e fez uma avaliação.

— A polícia encontrou o Benny?

— Singleton? Ainda não, mas, como ele é suspeito e há uma bomba na história, isso sem falar do incêndio em um edifício, conseguiram um mandado e invadiram o apartamento dele. Não encontraram nada relacionado à bomba, mas acharam muitas fotos suas em vários estágios da sua vida nas paredes. O sujeito definitivamente estava perseguindo você. Já estão procurando por ele.

— Então ele pode ser o responsável pela bomba, e definitivamente é um stalker.

Ela dá de ombros.

— Parece que sim. Até prova em contrário, é por esse ângulo que a polícia está investigando no momento. Eles vão querer falar com você e o Parker assim que ele acordar. Os médicos os dispensaram por enquanto.

Depois de andar de um lado para o outro até me acalmar, volto a sentar ao lado de Parker.

— Isso tudo é um horror. Não sei como a minha vida virou isso. As coisas ganharam proporções imensas.

Atrás de nós, a porta se abre e o sr. e a sra. Ellis entram. No instante em que vejo a mãe de Parker, começo a chorar de novo.

— Eu sinto muito, muito mesmo! — soluço com as mãos no rosto.

Antes que eu perceba, estou cercada de calor e amor. O cheiro de flores silvestres me rodeia, e eu o aspiro enquanto abraço a mulher que aos poucos vem se tornando uma figura feminina que admiro.

— Minha querida, tire esse absurdo da cabeça agora mesmo. — Cathy acaricia minha cabeça enquanto me aconchego em seu ombro e choro com fortes soluços.

Durante muito tempo essa mulher incrível me abraça e me sussurra palavras de conforto e amor. Diz repetidamente que não é culpa minha, que coisas ruins acontecem com pessoas boas o tempo todo. Cathy diz que me ama e que vamos superar esse problema como uma família.

Família.

Essa palavra de novo. A palavra que eu não conhecia havia muitos anos. Agora tenho uma grande família, com Parker, seus pais, seus sócios, Wendy, Mick, Rachel e Nate...

Outro soluço me faz tremer.

— O Nate está correndo risco de morte — digo e continuo chorando em seu ombro.

— Calma — ela murmura. — Vamos rezar muito ao Pai Celestial para que ele tenha misericórdia desse rapaz forte e o cure. Isso é tudo que podemos fazer, minha querida.

Levanto a cabeça, abandonando os braços reconfortantes de Cathy.

— Você rezaria comigo? Pelo Nate e pelo Parker?

Ela sorri suavemente e pega meu rosto com as duas mãos.

— Claro que sim.

Cathy puxa minha cabeça para si e me dá um beijo na testa. Fecho os olhos e deixo a serenidade que representa o amor de mãe penetrar minha alma.

Wendy se afasta para que Cathy possa se sentar ao lado do filho. Ela pega a mão dele e depois a minha quando me acomodo na cadeira ao lado, então fecha os olhos.

— Pai Celestial, pedimos ao Senhor seu amor e misericórdia. Pedimos que espalhe seus poderes de cura sobre meu filho Parker e nosso querido amigo Nathan, que estão tentando se recuperar desse ataque horrendo. Que seja feita a sua vontade, e que nós, como seus filhos, tenhamos capacidade e discernimento para aceitar sua decisão. Oramos ao Senhor em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

— Amém — sussurro, apertando a mão dela, porque estou com medo de soltá-la.

— Mãe? — Um som rouco provém da cama. — Baby? — A voz de Parker sai como se sua garganta tivesse sido passada em um moedor de carne. — Por que vocês estão rezando por mim? Eu não estou morto.

Antes que eu possa reagir, Cathy aperta minha mão e diz:

— Deus trabalha rápido. — Ela sorri olhando para o teto e depois para meu namorado. — Você assustou a nossa garota aqui, isso sem mencionar a sua velha mãe.

— Sky, baby — ele murmura. Tenta limpar a garganta, mas não consegue.

Ajo tão depressa que seria capaz de arrancar a sra. Ellis do caminho de tanta necessidade de expressar meu alívio e amor. Apoio o joelho na cama de Parker, me inclino, pego suas faces e beijo seus lábios secos com força.

Ele recebe o beijo, mas eu ainda não terminei. Encosto a testa na dele e respiro profundamente.

— Nunca mais me assuste desse jeito, Parker James Ellis — sussurro em seus lábios.

E então passo a beijar cada centímetro de seu rosto que não esteja coberto por bandagens e vou murmurando “eu te amo” entre os beijos.

— Minha querida, pelo amor de Deus, deixe o rapaz respirar! — diz Cathy, dando um tapinha em minhas costas e me ajudando a descer da cama.

Mas eu não tiro os olhos de Parker. Meio sonolento, ele sorri e aceita a caneca rosa com água que seu pai aproxima de seu rosto. Ele bebe a água como se tivesse ficado dias no deserto, e não deitado em uma cama de hospital nas últimas horas.

— Obrigado, pai.

O sr. Ellis lhe dá um tapinha no ombro e diz, com a voz tensa:

— Que bom te ver acordado e se recuperando, filho.

Cathy se inclina sobre a cama e beija a testa de Park.

— Meu menino. — Suspira e acaricia seu rosto. — Que bom que você está de volta, meu querido.

Parker apoia os punhos na cama e se ergue um pouco, soltando um forte gemido e estremeendo.

— Jesus Cristo, como dói. Parece que eu fui atropelado por um caminhão e uma banda de cornetas está tocando dentro do meu cérebro.

Ele levanta a mão e a leva à lateral da cabeça, coberta por uma bandagem.

— Não. Uma explosão e uma concussão. Duas lacerações na cabeça, dezoito pontos logo acima da têmpora subindo pelo couro cabeludo — declara Wendy, como se estivesse listando os ingredientes do jantar que vai preparar. — Ah, e contusões nas costelas e esterno, mas nada muito sério.

— Só isso? — pergunta Parker, com secura.

Ela sorri.

— Estou feliz por ver o seu rosto, chefe.

Parker suspira e sorri, encostando a cabeça no travesseiro que sua mãe está afofando para ele.

— Estou feliz por estar aqui. Agora, quem vai me falar do estado do Nate?

2

PARKER

Os lindos olhos castanhos de Skyler se enchem de lágrimas quando pergunto por Nate.

— Ah, não — solto, mal reconhecendo minha própria voz devido ao zumbido incessante nos ouvidos.

Pelo menos consigo ouvir, diferente de antes. Só posso imaginar o pior: que perdemos um amigo esta noite. Um homem que estava protegendo a mim e ao que é meu.

Minha garota pega minhas mãos e sacode a cabeça enquanto duas lágrimas rolam pelo seu rosto.

— Não, baby, ele está vivo. Está em cirurgia, mas é só o que sabemos. Já faz mais de seis horas que chegamos.

Aperto os dentes devido à dor no peito e na cabeça que sinto ao deixar o medo retroceder e a realidade cair sobre mim.

— Eu fiquei seis horas inconsciente?

Sky morde o lábio inferior e anui.

— A polícia pegou o sujeito? — pergunto, recostando a cabeça latejante nos travesseiros.

Minha mãe passa os dedos pelo meu cabelo. É tão gostoso que dá vontade de chorar. Ela cantarola baixinho, e esse som é familiar como minha música favorita, abafando um pouco o zumbido. Minha mãe é uma das pessoas mais reconfortantes do mundo. Seu toque, o som de sua voz cantarolando uma

melodia me fazem lembrar de quando eu era criança e ficava doente e ela cuidava de mim.

Wendy se aproxima e pousa a mão sobre meu pé, por cima das cobertas, sacudindo-o um pouco.

— Eles estão procurando Benny Singleton para interrogá-lo. A polícia quer falar mais sobre... — Ela olha de minha mãe para meu pai e hesita o suficiente para eu perceber que tem mais a dizer, mas não quer falar diante de tão heterogênea companhia. — ... a explosão e o incêndio.

Meu pai, sempre atento para que o clima não fique pesado no quarto, aproveita para anunciar sua necessidade de um café.

— Vamos, Cathy, vamos deixá-los conversar um pouco enquanto tomamos um café.

Minha mãe passa os dedos pela minha testa e fecho os olhos.

— Você é perfeitamente capaz de tomar café sozinho. Não precisa de mim...

— Mulher. — O tom do meu pai não admite discussão. — Não está vendo que eles querem conversar sozinhos, sem os pais dele em cima?

Abro os olhos a tempo de ver a cara de ofendida de minha mãe. Ela joga a cabeça para trás dramaticamente, como uma mulher que está prestes a dizer o que pensa, e não é coisa boa.

Meu pai pega a mão dela e a puxa para a porta.

— Vamos, meu amor, você pode gritar comigo no caminho.

— Não pense nem por um segundo que não vou gritar mesmo — ela diz, estreitando o olhar para ele com uma precisão de laser.

— Eu nem sonharia com isso. — Ele pisca para mim, depois sorri para Skyler e Wendy.

— Querido, eu volto logo. Quer alguma coisa da lanchonete? Você deve estar faminto... — Antes que eu possa responder, ela agita a mão como se quisesse me interromper. — Vou trazer uma coisinha pra você. Talvez um sanduíche ou uma fatia de torta. Aposto que eles têm alguma sopa boa.

— Jesus, mulher! Ele acabou de acordar depois de ser jogado longe por uma explosão. Acho que a última coisa em que está pensando é comida.

Minha mãe estreita o olhar e aperta os lábios.

— Comida é a cura para tudo, meu querido. Você devia saber disso, já que possuí um bar. Pelo amor de Deus! — Ela sacode a cabeça e sai pela porta que meu pai está mantendo aberta, murmurando palavras furiosas para ele.

Eu sorrio e os observo sair, mas, quando a porta se fecha, pego a mão da minha garota.

— Você está bem? — Skyler engole em seco, e seus olhos se enchem de lágrimas mais uma vez. — Baby, não chore. Odeio ver você chorar. Isso acaba comigo.

As lágrimas caem. Ela se senta ao meu lado, tão perto que levo a mão a seu rosto molhado e enxugo suas lágrimas com o polegar. Ela segura minha mão contra seu rosto, depois a beija.

— Eu te amo. — Ela sussurra as palavras, mas posso ouvi-las claras como o dia. Cada sílaba é como um bálsamo de cura em minha alma.

— Eu também te amo. Baby, eu vou ficar bem. Pare de se preocupar, tá?

Ela assente, mas continua segurando minha mão em seu rosto. Respira como se só me tocar já aliviasse sua dor. Pelo menos é o que acontece comigo.

Volto o olhar para minha amiga ruiva e cheia de vida.

— Wendy, diga tudo o que você sabe. Toda a verdade.

Durante vinte minutos, ela me fala sobre o que descobriu hackeando e analisando as informações com meu irmão.

— Chame o Paul — peço, dominado pela frustração.

Em vez de me espinafrar, Wendy vai buscá-lo. Ela sabe que a situação já chegou ao nível máximo de alerta, e não há provocação ou humor que alivie a tensão.

Paul entra, parecendo pronto para a guerra. De uniforme, sem a jaqueta, camiseta preta, botas e suas credenciais claramente visíveis. Cruza os braços musculosos e diz:

— Que bom que acordou, irmão. Eu sabia que você ia ficar bem.

— Você estava vigiando a porta? — pergunto, arqueando a sobrancelha.

Ele assente.

— E de olho na sua mulher também. Repórteres e paparazzi já tentaram se infiltrar. A segurança do hospital está mantendo essa gentinha do lado de fora, mas eles ainda tentam entrar disfarçados.

Anuo e aperto a mão de Skyler.

— Você acha que isso foi coisa do departamento de operações secretas?

Paul simplesmente anui. Palavras são desnecessárias.

— Está investigando isso? — pergunto.

Aperto os dentes. Minhas têmporas latejam ainda mais, enquanto minha frequência cardíaca dobra.

Ele assente outra vez.

— Obrigado — digo, rouco. Limpo a garganta o melhor possível.

— Imagine. Alguns amigos meus estão passando informações para a Wendy. A polícia está procurando esse tal Benjamin Singleton, mas, irmão, tenho que dizer: não acho que ele esteja envolvido na explosão nem no incêndio.

Um torpedo poderia ter atingido meu peito que doeria menos. Aperto os dentes devido à dor que vai tomando meu corpo à medida que fico mais irritado.

Paul prossegue com sua teoria:

— Minha intuição... e geralmente eu acerto, senão já teria morrido uma dúzia de vezes...

— Reconfortante isso — digo, querendo que ele vá direto ao ponto.

— Minha intuição me diz que o Benny não é a pessoa. Pelo menos não a responsável por isso. Ele não tem o necessário para realizar uma operação dessa magnitude. Bom, o sujeito acompanha a vida da Sky há muito tempo, como um cachorrinho perdido, mas não fez nada. Só entregou a segunda carta, fez questão de encontrá-la no elevador, no café. Isso é brincadeira de criança, bobagem de gente apaixonada. Essa merda é mais de alto nível, mas ainda tem certa ingenuidade. Tem toda a assinatura de uma verdadeira operação secreta ou especial, mas o meu instinto me diz que há apenas uma pessoa envolvida, que é coisa pessoal, não comercial nem de alguém contratado.

— Caralho! — grito e jogo a cabeça para trás enquanto Skyler passa as mãos pelo meu braço.

Paul prossegue:

— Não sei se você sabe, mas cada fabricante de bomba tem uma assinatura. O tipo de fio, as torções, os metais usados, o método de soldagem, o dispositivo, tudo é planejado, e certas partes em geral são específicas de uma pessoa. Como um cartão de visitas, digamos.

— Certo. Mas como isso ajuda neste caso?

— Primeiro, quem fez isso colocou a bomba no lugar antes do incêndio. Tinha um delay de dez segundos, ou seja, instantes depois de a chave entrar na fechadura e ser girada, a bomba, que estava colada com fita adesiva do lado de dentro da porta, foi acionada. Isso significa que quem fez isso esperava que você fosse atingido primeiro. A menos que soubesse que você e a Skyler estavam juntos. Se for esse o caso, faria sentido que o Nate ou a Rachel verificassem o apartamento antes de vocês entrarem. Acabar com um ou com os dois guarda-costas deixaria a Sky arrasada, mas não a mataria. Se você entrasse sozinho, morreria. De qualquer forma, as duas alternativas deixariam a Skyler arrasada, mas não a matariam. Quem quer que seja, quer você morto e ela viva.

Skyler estrangula meu braço ao ouvir essa última parte.

— Qual é o próximo passo?

— Um dos meus rapazes está trabalhando na assinatura da bomba. Essa é a melhor maneira de rastrear quem a fabricou.

— E a polícia?

Paul ri.

— Você acha que eles têm habilidade para caçar alguém de uma operação secreta? — Ele sacode a cabeça. — De jeito nenhum. Eu estou cuidando disso. Vou ter mais informações nos próximos dias, se não antes. E você — aponta para Skyler —, eu vou ser tipo a mosca na merda daqui em diante. Aonde você for eu vou. Ponto. Entendeu?

Ela franze a testa.

— Mas e o Nate e a Rachel? — pergunta, com a voz embargada.

— Eles estão fora. Ninguém vai explodir o apartamento do meu irmão, incendiar a casa da mulher dele e tentar eliminar vocês. Não debaixo do meu nariz. De jeito nenhum. Tem algum problema com isso, mana?

— Mana? — ela engole em seco, repetindo a palavra como um sussurro.

— Você está comprando uma casa com o meu irmão? Você adotaram cachorros, estão se preparando para um futuro juntos? — ele pergunta.

Os olhos inocentes de Sky estão arregalados e focados no rosto carrancudo do meu irmão. Ela anui e murmura:

— Sim.

— Bem-vinda à família. — Ele dá um sorriso de raposa. Então a porta se abre e entra um homem de jaleco branco.

Antes que o médico possa dizer qualquer coisa, Paul para diante dele e, com uma mão no peito do homem atordoado, o empurra de volta para a porta.

— Identificação. Agora — rosna.

— É... dr. Perenski... — o médico balbucia e mostra a lapela, onde tem um crachá com sua foto, nome e título.

— Me mostre outra identificação — ordena meu irmão, com seu assustador grunhido de urso.

E eu não o detenho. Pois, pela primeira vez, percebo que meu apartamento explodiu porque alguém quer me ver morto.



Mais tarde, estou tomando sopa e comendo um sanduíche, olhando para o nada enquanto Skyler está no sofá da janela em posição fetal, por fim dormindo. Meus pais foram embora depois que prometi que comeria tudo e faria exatamente o que os médicos dissessem. Também praticamente exigiram que Skyler e eu ficássemos na casa deles quando sairmos do hospital, mas eu expliquei que, por mais que odeie admitir, a casa deles não é segura para minha namorada. Sem falar que, se alguém está querendo me matar, o último lugar aonde eu levaria esse maluco seria à casa deles.

Como os médicos me fizeram passar a noite aqui em observação, tenho um tempinho para refletir sobre nosso próximo passo. Se não fizer isso, vou ficar obcecado pensando em Nate. Ainda não tivemos notícias, mas há poucas horas Royce, Wendy e Bo não conseguiram encontrar Rachel na sala de espera, o que provavelmente significa que a equipe médica a chamou. Ou então lhe deram informações preocupantes. Os médicos não disseram nada sobre isso, o que fez Wendy entrar em parafuso. A última coisa que eu soube foi que ela fez Mick trazer seu notebook “vermelho”, o que ela usa para suas caças furtivas, sobre as quais não fala conosco. Diz que, quanto menos soubermos, mais seguro será.

Tomo a última colherada de canja que consigo engolir e empurro a bandeja para o lado. É quando a porta se abre e Rachel entra.

— Oi...

É um choque vê-la em carne e osso. Seus olhos estão vermelhos, o cabelo preso em um coque bagunçado. Está com a mesma calça de antes, mas a blusa é um avental cirúrgico cor-de-rosa. Fica tão estranho nela que quase rio, mas meu coração está batendo tão forte que posso senti-lo por todo o meu corpo. Nem os analgésicos conseguem amenizar essa dor.

Ela lambe os lábios e se aproxima.

— O Nate vai sobreviver. — Sua voz é áspera, e seu olhar varre a sala, observando Skyler dormir antes de olhar para mim. — Você está bem?

Anuo.

— Como ele está? — sussurro quando ela ergue o olhar para encontrar o meu.

Ela fecha os olhos. Dá para ver que está tentando ser forte. Mas não precisa ser forte agora, conosco. Não com seu mundo todo deitado em uma cama de hospital na UTI.

Estico o braço para alcançar seu pulso e o pego para puxá-la para perto. Ela começa a sacudir a cabeça, mas eu a faço sentar ao meu lado na lateral da cama e a abraço. Por um momento ela fica rígida como uma tábua, mas então algo dentro dela se parte, porque seu corpo começa a convulsionar. Ela deixa a cabeça cair em meu peito, a testa contra meu pescoço, e me abraça como se sua vida dependesse disso. Solta um grito agudo, abafado pelo meu pescoço, enquanto suas lágrimas encharcam minha pele e minha camisola de hospital.

Do outro lado do quarto, Skyler acorda e dá um pulo, correndo até nós. Sentando-se ao lado de Rachel na cama, põe as mãos sobre os ombros da amiga. Eu abraço Rachel enquanto ela chora. A dor que sinto no peito é pungente. Minha cabeça parece que vai explodir a cada batimento cardíaco, mas não me importo. Aguento cada centímetro de dor se isso ajudar a diminuir sua angústia.

— Nate? — pergunta Skyler, só mexendo a boca.

— Ele está vivo — digo.

Rachel soluça encostada no meu pescoço. Depois de alguns minutos, finalmente levanta o rosto, enxuga o nariz e os olhos e limpa a garganta.

— Desculpem.

Franzo a testa.

— Desculpar por quê? Por ser humana? Por precisar dos seus amigos?

Skyler passa a mão pelas costas de Rachel.

— Pode contar com a gente. Eu sinto muito, muito mesmo pelo que aconteceu... É tudo minha...

— Não se atreva a dizer que é culpa sua — Rachel explode, furiosa. — O responsável pelo meu marido estar ligado a um monte de máquinas lutando pela vida é o demônio que fez uma bomba e colocou na porta da casa do seu namorado. O Nathan e eu corremos riscos no nosso trabalho. Todos os dias, o nosso compromisso é sermos atingidos, se necessário, para proteger o nosso cliente. Nós tomamos todas as precauções possíveis, por isso ele ainda está vivo.

Ela baixa os olhos e então olha para longe, como se estivesse vendo algo ou recordando alguma coisa. Com o olhar desfocado, prossegue:

— Ele deve ter ouvido o clique do temporizador quando destrancou a porta. Se não tivesse corrido, todos nós poderíamos estar mortos ou com ferimentos muito piores. O meu marido levou todo o peso da explosão... e eu tenho orgulho dele. Tenho muito orgulho por ele ter feito o que pôde para nos avisar, para nos dar tempo de reagir. — Sua voz treme, e o tremor se espalha pelo seu corpo. Ela funga e levanta o queixo, mostrando força e determinação.

Skyler morde o lábio e anui, tão dominada pela tristeza que não consegue responder.

— O que os médicos disseram? — pergunto, pegando a mão de Rachel entre as minhas. Skyler pega sua outra mão, imitando meu gesto.

Ela inspira fundo e solta o ar lentamente.

— Disseram que ele teve duas paradas cardíacas na mesa, mas conseguiram trazê-lo de volta. Um pulmão estava em colapso e perfurado, mas esse não foi o maior problema. Foi o estilhaço nas costas e a perda de sangue. Perfurou um rim, o intestino e uma pequena porção do estômago, além de destruir o baço. Eles tiraram o baço, remendaram o estômago e o rim e tiveram que tirar uma parte do intestino. Nós não percebemos que as costas dele também estavam muito queimadas. Eles trataram as feridas e o colocaram em coma induzido. Não pretendem tirá-lo do coma nos próximos dias ainda. O corpo do Nate precisa de tempo para se recuperar.

— Então ele vai ficar bem? — pergunta Skyler, com esperança na voz.

Rachel sobe e desce os ombros.

— Os médicos disseram que as próximas quarenta e oito a setenta e duas horas vão ser críticas, mas que estão fazendo tudo que podem. — Ela engole em seco e prossegue com a voz trêmula: — Disseram que ele é um lutador... e é mesmo. Ele vai lutar para voltar para mim.

Skyler puxa Rachel para seus braços e a aperta quando ela desaba mais uma vez.

— Você precisa que a gente avise alguém?

Eu me sinto um inútil deitado em uma cama de hospital como um inválido.

Rachel se apruma e enxuga as lágrimas.

— Já falei com a mãe dele. A família vem para Boston amanhã.

— E você? — pergunto.

— Eu vou ficar bem. — Ela continua enxugando as lágrimas. — As enfermeiras arranjaram uma cama para mim. Vou cuidar dele, dormir ao lado dele para o Nate saber que estou lá.

— A Skyler pode ficar com você — ofereço, embora não queira Sky longe da minha vista.

Rachel sacode a cabeça.

— Não. Não. A Sky também precisa de proteção. O Paul ainda está lá fora de guarda. Grandão, ele — diz, sorrindo brevemente. — Ele disse que vai ficar de olho em você enquanto o Nate e eu estivermos impossibilitados.

— Tudo bem para você? — pergunta Skyler, sempre preocupada com os outros.

Controlando suas emoções, Rachel ri e pousa a mão no rosto dela.

— O Nate ficaria louco se alguma coisa acontecesse com você. A melhor coisa que você pode fazer por ele ou por mim é estar segura. E aquele cara ali fora — aponta para a porta — é um profissional. Com ele de olho, não me preocupo. E você, Parker, o que os médicos disseram? — pergunta, observando o curativo na minha cabeça. — A Skyler gritou feito louca quando você desmaiou e bateu a cabeça.

Ergo a mão e passo os dedos pelo galo.

— Pois é... Minha cabeça é mais dura do que parece — digo, dando uma piscadinha para Rachel.

Ela anui e diz:

— Nisso eu acredito.

— Vão me segurar esta noite aqui em observação. Concussão, pontos, uma contratura na parte de trás da cabeça, costelas e esterno machucados, mas, graças ao heroísmo do seu marido, eu vou ficar bem.

Rachel retesa o maxilar, mas noto um músculo pulsar.

— Ele vai ficar feliz de saber que nos deu tempo para recuar.

— Nós vamos visitá-lo amanhã, quando eu for liberado.

Então ela se levanta. Passando as mãos pelos braços, diz:

— Obrigada, gente. Estou muito feliz por vocês dois estarem bem. É um consolo saber que fizemos o nosso trabalho.

Skyler a abraça de novo e sussurra algo em seu ouvido. Rachel anui e a fita por um longo tempo antes de apertar sua mão e sair do quarto.

— O que você disse a ela?

— Disse que, assim que o Nate estiver bem, nós vamos comemorar na nossa casa nova. E que eu espero ter os dois de volta como meus guarda-costas assim que ele se recuperar, e que ela pode ficar feliz porque vai se mudar para uma casa nova também.

— Legal.

Estendo a mão e Skyler se aproxima. Com certo esforço, vou mais para o lado e dou um tapinha no espaço vazio junto a meu quadril.

Ela sorri e deita na cama, debaixo do cobertor do hospital, se aconchegando em meu peito machucado. Seguro um gemido até a dor desaparecer, quando ela já está acomodada. Respiro fundo e apoio o queixo no topo de sua cabeça.

Ficamos assim por tanto tempo que acho que ela dormiu. Até que um bocejo cansado escapa de seus lábios e ela diz:

— Falando em casa... nós não temos mais nenhuma.

— Claro que têm! — diz uma voz animada.

Wendy entra carregando uma sacola. Ignora nossa cara confusa enquanto tira umas roupas da sacola. Quando acaba, vejo uma calça jeans e uma camiseta que reconheço. Ela as coloca no armário, com o que parece ser uma cueca cor de vinho e um par de meias enroladas. Então pendura um vestido florido que vi Skyler usar em Madri.

— Espero que não se importem. Mandeí minha empregada desfazer as malas de vocês. Ela lavou todas as roupas na máquina, exceto as inomináveis, que lavou à mão, e mandou para a lavanderia as que têm que ser lavadas a seco. O resto ela ajeitou em uma das suítes da nossa McMansão. — Aí fecha o armário e esfrega as mãos, como se as estivesse limpando. — Prontinho. Tudo certo para a sua alta amanhã. O nosso motorista vai estar aqui para levar vocês para casa.

— Casa? — A voz de Skyler está arrastada de sono.

Nesse momento, Mick entra no quarto.

— Vocês vão morar conosco até a sua casa ficar pronta. Nós temos bastante espaço, e, como vocês mesmos disseram, a segurança do nosso condomínio é como o Fort Knox. Também entrei em contato com a imobiliária e perguntei o que seria necessário para acelerar o processo. Eles concordaram em liberar a casa daqui a duas semanas. Como vocês vão pagar à vista, dá para adiantar as coisas.

Skyler se senta, despertando imediatamente.

— É mesmo? Vamos mudar para a nossa casa daqui a duas semanas?

Wendy abre um sorriso largo e passa o braço pela cintura de Mick.

— O meu noivo é foda.

— Coração, quantas vezes eu já te disse que esse coloquialismo tem duplo sentido e dá margem a dúvidas?

Ela faz beicinho.

— Então você é um estouro!

Skyler se encolhe e eu estremeço.

— Ah... — diz Wendy, desapontada. — Isso foi inoportuno...

Mick puxa o queixo dela e beija seus lábios suavemente. Dá uma tapinha com o dedo em seu nariz.

— Você é adorável. E os seus amigos entenderam. Mas eles devem estar exaustos. Você já deixou as roupas, falou sobre a casa, disse onde eles vão morar a partir de amanhã. Acho que é hora de deixá-los descansar.

— Mas... eu não gosto de ficar longe...

Ele segura o queixo dela.

— Coração, o Parker e a Skyler estão bem, veja. — E vira o rosto dela para nós usando um dedo. — Eles estão aí, com um soldado bem grande guardando

a porta. Tenho certeza de que ele pode causar sérios danos se for pressionado. Você não tem nada com que se preocupar.

Ela faz beicinho, e noto seu lábio inferior tremer. Ah, minha abusada está com medo.

— Tem certeza de que estão bem? — ela pergunta.

— A minha namorada está comigo. Vocês nos ofereceram um lugar para ficar. Obrigado.

— Sim, muito obrigada — Skyler acrescenta.

— Tudo bem. Até amanhã, então.

Wendy anui e Mick a conduz para a porta.

— Durmam o melhor que puderem. Fico muito feliz por ver que ambos estão bem — ele diz.

Então Wendy se solta de seus braços e corre para a cama. Debruçada, me dá um beijo na testa, depois faz o mesmo com Skyler.

— Nunca mais me assustem desse jeito. Eu não lido bem com telefonemas me avisando que os meus amigos foram atingidos por uma bomba.

Pego sua mão, aperto e deixo meus olhos dizerem quanto sua preocupação significa para mim.

— Nós também não gostamos disso.

— Tentem não fazer isso de novo — ela brinca ao sair pela porta com o braço do noivo em volta da cintura.

Skyler ri e se aconchega ao meu lado. Solto um gemido quando ela apoia o ombro no meu esterno, mas a abraço forte até que ela se acomode mais uma vez.

— Estou machucando você — ela diz, tensa, pronta para se levantar.

— Nada disso. — Passo a mão pelo seu braço até ela relaxar. — Ter você perto de mim, minha pele tocando a sua, sentir o seu cheiro de pêssego com chantili, isso é o que me cura. Nunca duvide do poder que você tem sobre mim, meu pêssego. Agora durma. Amanhã nós vamos ter um dia cheio.

— Está bem — ela diz, aninhada em meu peito.

Posso sentir o momento exato em que seu corpo relaxa por completo. Minha garota está dormindo profundamente, exausta.

Fechando os olhos, ignoro o zumbido, que definitivamente diminuiu desde que acordei, mas não desapareceu totalmente.

Com Skyler nos braços, meu irmão à porta nos protegendo e a expectativa de que Nate vai ficar bem, deixo os analgésicos e a fadiga me levarem para a terra dos sonhos também.

3

SKYLER

Um movimento no quarto me faz abrir os olhos. Uma enfermeira está colocando algo em um suporte ao lado da cama de Parker. Parece que está trocando a bolsa de soro.

A enfermeira sorri suavemente e leva o dedo aos lábios, fazendo o gesto universal de pedir silêncio. Assinto e me levanto. As mãos de Parker me seguram, e ele acorda instantaneamente.

— Aonde você vai? — murmura, sonolento.

— Ao banheiro.

— Você precisa usar o banheiro de fora — a enfermeira diz, indicando a porta. — Estamos monitorando a urina dele, e o banheiro do quarto é só para pacientes.

Reviro os olhos.

— Já volto.

Parker boceja.

— Peça para o meu irmão ir com você.

— Tudo bem.

Passo os dedos pela sua face sem bandagem, amando mais que tudo o fato de ele estar vivo e eu poder fazer isso. Depois de quase o perder, eu sei, do fundo de cada fibra do meu ser, que é com esse rosto que eu quero acordar todas as manhãs e adormecer todas as noites. Ele foi feito para mim.

Parker James Ellis é o homem certo.

Ele pode não ser perfeito, mas é perfeito para mim. Sorrio quando ele fecha os olhos e saio do quarto, piscando devido à claridade do corredor.

Paul está de guarda, as mãos cruzadas às costas, pernas afastadas, parecendo ameaçador... e sexy pra caramba. Definitivamente, ele fica bem de uniforme camuflado.

Em vez de falar, ele levanta o queixo, basicamente perguntando “E aí?”. Que soldado gostoso. Imagino o que ele provoca nas mulheres... ou, no caso dele, em seu homem, Dennis.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ouço alguém quase gritando:

— Aí está você! Meu Deus, Sky! Caramba!

Viro e vejo Tracey correndo pelo hospital, parecendo um megafone no meio da noite. Quando estou indo em sua direção a fim de fazê-la se calar para não acordar os pacientes, Paul me puxa para trás dele com seu braço musculoso e leva a mão à arma no coldre.

— Para trás — rosna, não sei se para mim ou para Tracey.

— Saia da frente, *Rambo*. Essa aí é a minha melhor amiga — ela diz.

— Parada, ou vou puxar a minha arma. Não me provoque, moça. — A voz dele é um estrondo profundo, como um trovão anunciando uma tempestade iminente. Paul é como uma parede impenetrável diante de mim. Sua linguagem corporal é ameaçadora, e todos os seus músculos estão tensos como um tambor, prontos para a ação.

Tracey arregala os olhos e para. Eu apareço atrás das costas de Paul e dou um tapinha em seu ombro. Sem olhar para mim, ele resmunga:

— Se tem alguma coisa a dizer, mana, diga, mas atrás de mim. Entendeu?

— Mana? Ela não é da sua família, *Sylvester*. Sai da frente — Tracey exige e tenta contorná-lo.

Péssima ideia. Paul fica imperturbável, protetor e alerta, e estende o braço musculoso, detendo-a com a mão em seu peito.

— Paul, ela é minha melhor amiga e minha agente.

Por enquanto, penso, mas não digo nada. Agora não é hora de lidar com meu relacionamento complicado com Tracey.

— Não sei... Ela parece meio desesperada. Não se afaste demais — ele recomenda, tirando a mão da arma e pondo-se de lado. Mas fica perto o suficiente para poder reagir se houver algum problema.

— Está tudo bem. — Aceno para que ele se afaste, mas ele não parece convencido.

— Que raio está acontecendo? Eu te mandei bilhões de mensagens — Tracey reclama.

Tiro o celular do bolso da calça e vejo que recebi várias mensagens de texto e voz; a primeira, por volta do momento da explosão.

— Como você me achou? — pergunto, franzindo a testa.

Minha cabeça está zonzinha de sono, e minha bexiga está berrando, me fazendo lembrar do motivo pelo qual me levantei.

— Você está brincando comigo? A sua cobertura pega fogo, o apartamento do seu namorado explode e você não liga para a sua melhor amiga? Estou aqui há horas tentando te encontrar, mas ninguém me diz nada. Acabei de me levantar para ir ao banheiro e aí está você. — Ela me abraça. — Está tudo bem, Passarinha, estou aqui agora.

É bom estar nos braços da minha amiga. Eu a abraço também.

— Meus pêsames — diz, enquanto esfrega minhas costas. — Vai dar tudo certo. Eu vou cuidar de você. Você sabe que sempre pode contar comigo.

Meu Deus, estou tão cansada que mal consigo acompanhar o que ela está dizendo.

— Espere... O quê? Está me dando os pêsames... pela minha casa? — Eu me esforço para somar dois e dois enquanto me afasto.

Ela me puxa de volta e me abraça mais forte.

— Não, pelo seu namorado. Ele morreu na explosão, não foi? Sinto muito. Eu sei quanto você gostava dele.

Sacudo a cabeça. É como se teias de aranha cobrissem cada sinapse que meu cérebro tenta disparar.

— Não. Não. — Recuo. — O Parker está bem. Bom, ele está ferido, mas está bem.

Ela estreita os olhos por um momento antes de abrir um grande sorriso.

— Ah, graças a Deus! Aposto que você está superaliviada. Então... Ah, meu Deus, o seu guarda-costas morreu? Foi uma explosão imensa. Eu vi o buraco que deixou.

— Não, o Nate... Bom, ele quase morreu. Tecnicamente, morreu na cirurgia duas vezes, mas nós temos esperanças de que ele vai sobreviver.

Ela aperta os lábios e anui.

— Sim, sim, isso é ótimo. Mesmo assim, Passarinha, estou aqui. Nós podemos voltar para Nova York e você se estabelece lá de novo. E eu vou estar lá. Vou ficar com você até tudo voltar ao normal.

Minha bexiga aproveita esse momento para me lembrar de que realmente preciso fazer xixi.

— Venha comigo até o banheiro.

Passo o braço no dela e seguimos pelo corredor. Paul nos segue de perto. Então ouço um barulho atrás de mim e, do nada, Bo pula de uma poltrona azul na sala de espera.

— Fique de olho na porta — Paul rosna, indicando o quarto de Parker.

Bo prontamente se aproxima do quarto e encosta na parede do lado de fora.

— Paul, nós estamos em um hospital, são duas da manhã. Ninguém vai fazer nada contra mim aqui. Não precisa me seguir até o banheiro.

Ele bufa.

— Não fui eu que quase explodi. Que tal começar a entender a frase “Estou de olho em você”? Isso significa que você não vai a lugar nenhum que eu não conheça, com alguém que eu não conheça. Não conheço esta mulher, mas, como o Bo não se preocupou, significa que ele a conhece.

— Eu já disse, *soldado Ryan* — Tracey usa outro nome para debochar de Paul, me deixando furiosa. — Eu sou a melhor amiga dela, além de agente. O que significa que você pode cair fora.

Ela tenta dispensar com a mão o irmão de Parker, uma enorme massa de tendões e músculos. Um soldado de operações especiais que já fez todo tipo de coisas assustadoras, com que a maioria das pessoas nem sequer sonharia.

— Você não sabe com quem está mexendo, moça. — Paul estreita o olhar para Tracey. Dá para ver que as coisas estão ficando feias entre eles.

Ela ri com arrogância, dá dois passos à frente, encara Paul e diz, uma oitava abaixo:

— Você acha que eu não sei o que você faz? Quem você é? Dá para ver tudo no seu rosto. Carreira militar, provavelmente operações especiais. Eu conheço o tipo. O meu pai era você há quarenta anos. E eu era a menina dos olhos dele. Ele me ensinou tudo que sabia. Tenho certeza que você está

analisando todas as possibilidades de me partir ao meio usando só uma mão para poder deixar a Skyler fora de alcance com a outra. Você é um idiota. Uma arma de aluguel. Um assassino treinado. A diferença entre mim e todos os outros que você tenta assustar é a seguinte: eu não tenho medo de você.

Uau. De onde saiu isso? Minha cabeça está girando tão forte que nem consigo enxergar direito. Lembro que, quando éramos pequenas, o pai de Tracey estava no exército, ou algo assim. Ele passava longos períodos fora; semanas, às vezes vários meses. Tinha um cofre gigante em seu escritório, onde Tracey dizia que ele guardava toneladas de armas. Ela gostava de dizer que o pai a ensinara a atirar e que era boa nisso. Eu achava que ela precisava se gabar sempre que possível porque seu pai raramente estava presente, ao contrário do meu, que estava sempre comigo.

— Caramba, Tracey, eu sei que você está chateada porque eu não te liguei, mas não precisa descontar no Paul. Ele está fazendo um favor cuidando de mim, é irmão do Parker e um veterano. Eu agradeceria se você demonstrasse o respeito que ele merece.

Ela olha para ele, depois para mim e respira fundo.

— Desculpe pelo desabafo. Eu estava preocupada com a minha melhor amiga. Sobrou pra você.

Paul não diz nada, só assente. Com o maxilar tenso, inclina a cabeça e olha Tracey de cima a baixo, como se a estivesse analisando. Eu me pergunto se ele faz isso com todas as pessoas ou só com quem está ligado a mim, porque está me protegendo.

Por fim, ele quebra o silêncio:

— Vá depressa. Eu prefiro que você fique trancada no quarto com o meu irmão, e daqui a pouco ele vai começar a se preocupar.

Ele tem razão. Se eu não voltar logo, Parker vai causar um tumulto saindo da cama e indo atrás de mim.

Paul enfia a cabeça pela porta do banheiro feminino, se agacha, levanta e diz:

— Tudo bem. — E indica o banheiro.

Sinto vontade de revirar os olhos, mas percebo de novo que ele está só fazendo o que acha necessário para me manter segura.

— Bom, logo ela vai pegar um avião e voltar para casa em Nova York, e você e o Parker não vão ter que se preocupar com nada. Certo, Passarinha? Nós vamos voltar sãs e salvas — Tracey diz, com contrariedade na voz.

Pisco algumas vezes, sem poder acreditar no que ela diz. Vejo Paul apertar os lábios.

— É verdade? Você vai abandonar o meu irmão e ir para Nova York? — A voz dele está subitamente cheia de emoção, e não do tipo bom.

— Claro — Tracey retruca, ao mesmo tempo em que eu respondo:

— De jeito nenhum. Trace, nós precisamos conversar sobre o que você acha que está acontecendo, porque eu não vou voltar para Nova York, não mesmo. Vamos ficar com o Mick e a Wendy por duas semanas até que a nossa casa esteja pronta, e então o Parker e eu vamos morar juntos.

Suas narinas se dilatam e seu rosto fica vermelho.

— Você poderia ter morrido ontem! Alguém quer matar o seu namorado e vai acabar te matando! Você precisa voltar para casa, onde eu posso cuidar de você!

Sua voz é tensa, beirando a histeria. Ela está descontrolada, e isso prova quanto as coisas a estão deixando louca. Ela nunca me viu correr um risco desses e, independentemente da nossa briga por causa de Johan e tudo o mais, ela me ama e quer me ver segura.

Passo a mão pelo seu braço, tentando confortá-la e acalmá-la.

— Flor, eu estou bem. Não precisa se preocupar comigo. O Paul está me protegendo, a polícia está cuidando de tudo. Eles vão descobrir quem colocou a bomba no apartamento do Parker e pôs fogo na minha cobertura. Enquanto isso, eu não vou sair do lado do Parker. Ele é tudo que importa para mim. Eu amo o meu namorado mais que qualquer coisa. Ele é meu mundo inteiro.

Tracey fica lívida, e vejo lágrimas em seus olhos.

— E quanto a mim? Eu amo você. E quero que você fique segura. Eu não suportaria te perder, Passarinha.

Sacudo a cabeça.

— Eu vou ficar bem. Confie em mim, vai ficar tudo bem.

— Você está se arriscando por um homem que provavelmente vai te magoar no fim. Assim como todo mundo já fez. Eu sou a única com quem você sempre pôde contar.

Eu a pego pelos braços e a forço a me olhar nos olhos.

— Trace, você é minha melhor amiga e eu te amo, mas você precisa entender que eu escolhi passar a vida com o Parker. Se isso acabar sendo um erro, como você pensa, vai ser um erro meu. Mas eu sei o que vejo quando ele me olha e quando diz que me ama. Eu imagino a nossa vida juntos, e é linda, amiga. Tão linda que os meus olhos se enchem de lágrimas.

É o que está acontecendo neste exato segundo.

— Você está tão envolvida que não consegue enxergar direito. Ele vai pisar na bola. Guarde as minhas palavras. — Sua voz é ácida.

Aperto os dentes.

— Não posso ficar ouvindo isso agora. Tenho que ir ao banheiro e voltar para o Parker, que está deitado em uma cama de hospital por minha causa, e não o contrário. Alguém quer me machucar ferindo as pessoas que eu amo. Essa cruz é minha, mas agora estou cansada. Estou tão cansada, Tracey... Não posso ficar nem mais um minuto ouvindo você agourar o meu relacionamento. Vá para casa. Volte para Nova York. Quando tudo isso acabar, nós vamos ter tempo para conversar. Só que neste momento... eu não preciso de você.

Os olhos de Tracey se enchem de lágrimas e ela abre a boca.

— Vá. Eu não só não preciso de você como não te quero aqui. Vá embora, me deixe cuidar da minha vida. Eu não preciso de você, Tracey. Não mais.

Depois dessas palavras de despedida, eu me volto e passo pela porta do banheiro. Se ela não consegue entender quanto Parker significa para mim, vou ter que me afastar.

Faço o que tenho que fazer, e, quando saio do banheiro, ela já se foi e Paul está esperando pacientemente. Imagino que ele vai andar atrás de mim, mas, em vez disso, passa o braço pelo meu ombro e me puxa para seu peito quente e volumoso.

As lágrimas não saem.

Já cansei de chorar.

Paul aperta meu ombro e beija o topo da minha cabeça.

— Vai dar tudo certo. Você vai ter a vida que quer com o meu irmão. Eu prometo.

Dou um tapinha em seu abdome e beijo seu queixo.

— Obrigada, Paulie — digo, usando o apelido que Parker lhe deu.

Suas feições esculpidas são gentis. Ele sorri, beija o topo de minha cabeça mais uma vez e abre a porta do quarto de Parker.

Vejo meu namorado acordado e franzindo a testa.

— Meu pêssego, você demorou muito.

— Eu estava conversando com a Tracey.

Paul dá um tapinha no meu ombro e nos deixa a sós, fechando a porta atrás de si.

— O que ela estava fazendo aqui?

Dou de ombros e passo as mãos pelo meu cabelo sujo.

— Não sei. Ela deve ter descoberto o que aconteceu e veio para cá. Ficou mandando mensagens desde que tudo aconteceu, mas o meu celular estava no silencioso.

— Ela localizou você aqui? — ele pergunta, franzindo a testa.

— Sim. Ela disse que estava me esperando há horas. Deve ter visto um dos rapazes, sei lá.

Bocejo e sinto meu corpo inteiro pesado.

— Venha para a cama, baby. Você está acabada.

Tiro os chinelos que a enfermeira me deu antes e volto para a cama com meu namorado. No instante em que seus braços me apertam contra seu peito sólido e ouço seus batimentos cardíacos, começo a viajar.

— Nós vamos ter uma linda vida juntos — murmuro contra seu peito morno.

— Sim, baby, não tenha dúvidas. Isso é só uma pedra no nosso caminho — ele sussurra e beija minha testa.

— Mais tipo um rochedo — suspiro.

Parker ri, e seu calor reconfortante, o som de sua respiração e suas mãos me segurando perto dele levam tudo de ruim embora.



Dois dias depois, estou cochilando na chaise longue da grande suíte da McMansão Pritchard quando sou despertada pela voz alegre de Parker:

— Finalmente!

Levanto o torso e me apoio em uma das mãos. Parker contorna a poltrona e se abaixa lentamente. Seu corpo ainda está se recuperando da explosão. Ele passa a mão na minha panturrilha.

— Eles o pegaram, baby!

Despertando completamente ao ver seu rosto sorridente, eu me sento, escondendo os pés debaixo da bunda.

— Pegaram?

Afasto o cabelo dos olhos e me concentro em Parker, que está com o telefone na orelha.

— Benjamin Singleton. A polícia o pegou tentando voltar para o apartamento dele. Idiota. — Ele sorri. — O que mais vocês têm para mim?

E, tão repentinamente quanto aquele sorriso apareceu em seu rosto um segundo atrás, desaparece.

— Você está brincando comigo!

Tento pegar a mão de Parker, mas ele já está em pé e andando de lá para cá. Ele estremece e passa a mão pela caixa torácica dolorida. Está enfaixada para aliviar a pressão das costelas machucadas, mas não vai adiantar muito se ele ficar pulando de um lado para o outro ou se movimentando muito rápido.

— Ele é um maldito mentiroso! — ruge.

Eu me levanto, paro atrás dele e passo o braço ao redor de sua cintura para alertá-lo sobre seus ferimentos. Encosto a testa nele para que sinta minha presença, tentando tranquilizá-lo, pois alguém o está fazendo soltar um esporro.

— Sério? Isso é piada! Não acredito numa merda dessas. Isso é tudo que vocês conseguem fazer?

Enquanto ele fica latindo ao telefone, alguém bate na porta e, sem eu dizer uma palavra, Paul e Wendy entram.

Parker vira e franze a testa. Seu rosto é uma máscara de raiva e dor. Ele olha para o irmão e aperta os lábios.

— Sim, o Paul está aqui. Tudo bem. Obrigado — diz, como se doesse pronunciar as palavras. — Não foi ele? — pergunta, encarando Paul, que sacode a cabeça, obviamente sabendo do que Parker está falando. Wendy deve saber também, porque está de cara feia.

— Meu bem, me diga o que está acontecendo — peço baixinho.

— Não foi ele — Parker grunhe, torcendo os lábios e elevando a voz.

Sua raiva é tão clara em seu lindo rosto que tenho medo de que saia fumaça por suas orelhas.

— Eu tinha um pressentimento, irmão. Eu te disse. — Paul sacode a cabeça, chateado.

— Você me disse. Que inferno, Paul! Você disse que ia cuidar disso. Ponha os seus caras para trabalhar.

— Eles estão trabalhando. Depois que se acalmar, se pensar com clareza, você vai ver que foram os meus homens que falaram à polícia sobre o Benny.

Parker retesa o maxilar.

— Depois que eu me acalmar? Como posso me acalmar se a minha mulher e eu não estamos seguros? Estamos escondidos na casa de amigos esperando toda essa merda acabar. E esse sujeito está ali fora esperando uma chance de pegar a gente! E você e a polícia estão me dizendo que o maldito Benjamin Singleton não é o culpado! — ruge e joga o celular no sofá.

Wendy olha para o telefone, depois para Parker e por fim para mim. Seus olhos são duas poças de tristeza e preocupação.

Benny não é o culpado.

— Então, o que o Benny disse à polícia? — pergunto.

Parker bufa, joga as mãos para o alto e solta um gemido de dor, se curvando como se tivesse acabado de levar um soco no estômago. Respira rápido, e eu corro para ele.

— Meu bem, você precisa se sentar, pegar leve.

— Estou cansado de pegar leve, Sky. — Ele aperta os dentes enquanto se dirige ao sofá mais próximo.

— Alguém pode me dizer o que aconteceu? — peço.

Paul fica parado com as pernas abertas e as mãos nas costas, como se estivesse se dirigindo a um oficial superior.

— Benjamin Singleton foi pego e interrogado na delegacia. Ele admitiu ter escrito e entregado as duas cartas ao Parker. Disse que está apaixonado por você e que estava tentando afastar o Parker. Admitiu que te seguia em Nova York e que arranjou um emprego no prédio onde o seu namorado trabalha para poder ficar mais perto de você.

Não consigo evitar que meu queixo caia e meu sangue ferva. Ele me seguia em Nova York?

Paul prossegue:

— Então, quando você se mudou para cá e alugou a cobertura, basicamente fez todos os sonhos distorcidos dele se tornarem realidade. Ele disse à polícia que você estava pensando em sair com ele, mas o Parker estava no caminho. Isso, claro, fez a polícia acreditar que era ele quem mandava as mensagens, além de ter posto fogo na sua cobertura e a bomba na casa do Parker.

— Faz sentido — digo e me sento ao lado do meu namorado.

Passo a mão pela sua coxa, tentando acalmá-lo tanto quanto a mim. Ele pousa a mão sobre a minha, pega-a e a leva aos lábios, beijando a ponta dos meus dedos. Respiro fundo, tentando me controlar.

— Sim, faz. Só que ele tem vários álibis para a hora do incêndio. Além disso, ele tirou a semana de férias quando vocês foram para a Espanha. Em um desses dias ele foi ao escritório da IG e deixou a segunda carta, o que está gravado nos vídeos da segurança. É a carta que diz “Você não pode escondê-la para sempre. Ela é minha. Nós somos iguais”. Muito parecida com a primeira, que dizia “Eu sou ela. Ela sou eu”.

— Nem sei o que isso significa — digo, franzindo a testa e apertando a coxa de Parker.

— Aparentemente, ele queria te fazer recordar que vocês dois eram atores mirins, cresceram no meio artístico e fizeram aquele comercial juntos, tornando vocês pessoas iguais.

— Ele é louco — sussurro.

— Ele disse aos policiais que a segunda carta era para alertar o Parker e lembrá-lo da conexão entre vocês dois. Negou ter algo a ver com o incêndio ou a explosão e forneceu provas da própria localização no momento do incidente. Ele passou a última semana na casa da mãe, em Hoboken, New Jersey. Diversas imagens do pedágio o mostram entrando e saindo da cidade, e ele usou o cartão de crédito várias vezes na semana passada. Também deu à polícia uma lista de pessoas que podem confirmar a estadia dele em New Jersey.

— E tudo isso significa... — Deixo a frase no ar, na esperança de que um deles a complete.

Parker vira para mim e pega minhas mãos, apertando-as.

— Meu amor, isso significa que a pessoa que plantou a bomba ainda está solta, e no momento nós temos muito poucos elementos para seguir em frente.

Eu me sinto encolher. Retiro as mãos das de Parker, dobro as pernas na altura do peito e abraço os joelhos. Sunny percebe meu movimento, vem balançando seu corpinho até o sofá e pula para se aconchegar ao meu lado. Em algum momento, Midnight se sentou ao lado dos pés de seu pai e ficou ali para assistir ao espetáculo.

— O que nos leva ao motivo da minha presença aqui — Wendy gorjeia, efetivamente diminuindo o impacto das palavras de Parker. Ela anda pela sala até encontrar minha bolsa e ergue o dedo, me mostrando um pequeno quadrado do tamanho de um chiclete. — Isto é um rastreador. Vai dentro do forro da sua bolsa. Já coloquei outros em todos os seus veículos e, claro, nos celulares.

— Ótimo. Estou sendo rastreada por um psicopata e por uma das minhas melhores amigas. Maravilha — digo.

Wendy se aproxima de mim e fica de joelhos.

— Sky, eu entendo que essa merda toda é uma situação extrema. Ninguém deveria ter que passar por isso, especialmente alguém gentil e doce como você. Mas, como está acontecendo, nós temos que ser inteligentes. Essa é a única maneira de saber a todo momento se você está segura. Tudo bem?

Dou de ombros.

— Tudo bem. Tanto faz.

Não posso dizer a ela agora que não quero enfrentar nada disso. Parece que, toda vez que damos um passo à frente, temos que dar dois atrás. Benny não é o incendiário. Ótimo. Fantástico.

Então quem é?

Wendy dá um tapinha em meus joelhos e eu me enrolo mais ainda.

— Sky, os meus homens estão investigando — diz Paul. — São especialistas, treinados nesse tipo de cenário. Eles estão rastreando a assinatura da bomba neste momento.

— E por que não encontraram nada? — Parker pergunta, em tom de acusação.

Em um ato reflexo, Paul retesa o maxilar.

— É difícil. A bomba tem todo o padrão de alguém que faz parte do governo. Operações secretas, como dissemos, só que é tão estreitamente ligado ao treinamento deles que é difícil diferenciar o cartão de visitas daquele do instrutor do curso que eles fizeram. — Ele inclina a cabeça e aperta os lábios. — Meus homens estão investigando. Estão bem perto. Não vai demorar muito até que possam estreitar ainda mais as buscas.

— Entendi. O que me incomoda, e tenho certeza de que você pode entender, é que eu não sei como manter a Skyler segura. Parece que nós estamos sentados sem fazer nada, e a última coisa que queremos é criar problemas para a Wendy e o Mick.

— Ah, por favor. Vocês são da família! Não se preocupem com a gente. Seus problemas são nossos também. É assim que família funciona, não é?

Observo Parker enquanto ele abre um sorrisinho triste.

— Não, Wendy, não é assim que família funciona. Família se ajuda, não causa problemas. A Skyler e eu precisamos sair daqui, sumir por um tempo e deixar a equipe do Paul fazer sua mágica.

Ele olha para Paul, pega meu pulso e me puxa para desmanchar lentamente meu pequeno casulo de segurança.

— Venha aqui, meu pêssego — diz.

Sem piscar, estou aninhada ao seu lado, deixando seu calor invadir o frio que se apoderou da minha pele, nessa situação que parece ficar mais sombria a cada minuto.

— Você está sentindo a necessidade de dar uma escapada? — Paul pergunta vagamente.

— Sim, cara, acho que é o melhor a fazer. — A voz de Parker soa cansada e entrecortada. Meu pobre namorado está envelhecendo um ano a cada dia sem solução.

Paul sorri.

— Talvez eu tenha uma ótima ideia. Vocês vão precisar dos seus passaportes e de um jatinho.

Parker sorri para mim com uma sobrancelha arqueada.

— Parece que nós vamos precisar daquele seu jato chique de novo, meu pêssego.

Cutuco seu ombro e rio. A facilidade com que esse homem consegue me tirar do desespero é impressionante. Mesmo assim, preciso dar o troco.

— Eu disse que era um bom investimento.

4

PARKER

— Não acredito que você me convenceu a fazer isso, Paulie.

Estremeço e esfrego minhas costelas doloridas enquanto me dirijo à já familiar poltrona marrom do jato de Skyler.

Ela paira sobre mim como uma mãe sobre o filhote, certificando-se de que eu tenha um travesseiro nas costas, passando os dedos pela lateral de minha cabeça para checar os pontos, que agora ficam descobertos.

— Bom, estou ansioso para apresentar o meu lindo país a vocês — anuncia Dennis, com um enorme sorriso no rosto.

Meu irmão sorri e passa sua mão enorme pelo braço do namorado. É fofo, mas meio estranho ver Paul tão carinhoso. Claro, ele é do tipo que abraça e dá tapinhas nas costas. Também demonstra amor pelos nossos pais quando esperado, mas eu nunca o vi com um namorado ou namorada. Nunca. E, definitivamente, nunca imaginei que meu irmão alfa, grande e corpulento, soldado de operações especiais, se apaixonaria por um homem tímido como Dennis. Ou por qualquer homem. Ainda estranho o fato de meu irmão ser bissexual. Não que isso me ofenda; acredito firmemente que amor é amor, e do jeito que for é bom para a pessoa que recebe. É que foi uma surpresa, mas conhecer Dennis e ver como ele adora meu irmão tem sido legal. Além disso, minha mãe *ama* o fato de Dennis explorar seu lado feminino. Ele está sempre aberto para falar sobre roupas e estilo, livros, culinária, decoração — basicamente as mesmas coisas de que ela gosta.

Dennis ajeita os óculos e começa a tirar o blazer. Por baixo, está vestindo uma camisa polo verde por dentro da calça de sarja e um belo cinto de couro que combina com os mocassins supermodernos, sem meias. Um visual muito bacana. É exatamente o oposto do que meu irmão está usando: calça cargo e uma camiseta azul-marinho justa que parece prestes a abrir nas costuras de seu bíceps protuberante. Nos pés, um par de botas de amarrar. Ele e Dennis não poderiam ser mais diferentes, mas, de alguma maneira, combinam perfeitamente.

— E o fato de você me ajudar com o meu problema, Parker, é muito importante para mim e a minha família — diz Dennis.

Não é sua gratidão que dispara todos os tipos de alarmes em minha cabeça. É a menção a um problema do qual não tenho conhecimento.

— Problema?

— Então... sobre isso — Paul diz. — Quando pedi para você e a Skyler irem ao Brasil, eu tinha duas intenções. A primeira era tirar vocês daquele inferno e mantê-los em um lugar seguro enquanto meus homens investigam a bomba e o incêndio. E a outra era que ajudassem a família do Dennis com um problema financeiro e corporativo. Pensei que você poderia dar uma olhada. Com a sua experiência...

— Se é um problema financeiro, você chamou o sujeito errado — começo a me opor.

Então, de soslaio, vejo outra pessoa embarcar no avião. Meu amigo negro e grandalhão, bem-vestido e sorridente.

— Royce?

Ele estende os braços com as palmas para fora e, com sua envergadura, quase toca os dois lados do avião.

— Em carne e osso.

Skyler bate palmas, sentada ao meu lado.

— Eba! Que surpresa legal!

— Surpresa? — pergunto, estreitando o olhar para Paul.

— Bom, eu tive que pedir reforços para a situação financeira, e o Royce se ofereceu para ajudar um irmão em dificuldades. Especialmente porque a maior parte do trabalho da IG está suspensa até que o problema de vocês seja resolvido.

— E você acha que eu ia perder uma viagem de graça ao Rio de Janeiro, a cidade de Deus? E você sabe que é a cidade de Deus porque eles têm uma estátua gigante de Cristo sobre uma montanha, olhando de cima para o seu povo. Você deu sorte por eu não contar para a minha mãe, porque o Rio está na lista de desejos dela, assim como na minha. Sem dúvida alguma eu aceitaria ficar sentado neste jato metido a caminho do paraíso, admirando a vista, e ajudar um irmão. Dois coelhos com uma só cajadada. — Roy ergue o punho para Paulie, que bate nele.

Sinto a tensão aumentar nas têmporas, e as pressiono com o polegar e o indicador.

— Só sei que não estou em condições de trabalhar muito. Meu corpo e minha mente estão um caco. Só tenho uma preocupação: a segurança da Skyler.

Skyler passa a mão pelo meu braço e entrelaça os dedos nos meus.

— Meu amor, eu estou bem. Veja, tenho quatro homens ao meu redor para me manter segura, e além disso é atrás de você que o maluco está. Então, quanto mais irmãos seus aqui, melhor.

— O Bo e a Wendy estão cuidando do escritório? — pergunto a Royce.

Ele anui.

— Sim, e a Kendra também — diz e franze o nariz ao mencionar o nome dela. — Eles disseram que vão tentar trazer a Annie de volta. Depois daquela merda toda, ela mandou um e-mail para a Wendy pedindo demissão. Eles vão tentar reverter isso.

Aperto os molares e Skyler segura minha mão com mais força. Nós dois nos sentimos péssimos por causa do que aconteceu com Annie, mas fui eu quem a acusou repetidamente sem dar ouvidos à razão. Vou ter que me humilhar para compensá-la quando tudo isso acabar. Só mais um item na lista interminável de coisas a fazer para acertar os pontos com as pessoas que fazem parte da minha vida.

Respiro fundo e relaxo o máximo que posso em minha poltrona. Skyler soltou minha mão e está brincando com nossos cães. Mais uma vez, ela decidiu que eles não podem ficar com Wendy enquanto viajamos.

Royce se senta em frente a Paul e Dennis, no lado esquerdo do avião, enquanto Sky e eu estamos à direita. Os cães estão na mesma poltrona em que

ficaram quando fomos à Espanha. Quando o capitão anuncia que estamos prontos para decolar, a tripulação toma seus lugares e eu espero para continuar a conversa quando chegarmos a doze mil metros de altitude.

— Agora que vamos ficar aqui por um tempo, que tal nos contar o que está acontecendo que precisa da nossa atenção, Dennis?

— Sim. Você sabe que o nosso negócio é importação, e que estamos querendo expandir para os Estados Unidos.

Assinto. Paul estende o braço e o pousa atrás de Dennis, que prossegue:

— Eu recebi as demonstrações financeiras do nosso contador, e algumas coisas me preocupam. — Ele franze a testa e passa a ponta dos dedos pelo queixo bem barbeado.

— Certo. Você é o dono da empresa? — Preciso saber um pouco mais sobre os detalhes legais.

— Eu e o meu irmão, Fabian. O nosso pai nos deixou a empresa quando se aposentou. Ele ainda se envolve nas atividades do dia a dia, mas de forma bem limitada, e principalmente para ajudar o Fabian. Eu cuido da maioria dos contratos internacionais, viajo e fecho negócios, o que me tira do escritório. O Fabian administra o armazém e cuida da distribuição e do cumprimento dos prazos. Outra pessoa faz as compras com base nos contratos que eu fecho. A empresa está indo muito bem. Muito mesmo. E, como eu disse, queremos expandir para os Estados Unidos e para a Ásia há algum tempo, mas tem havido discrepâncias nos livros que nós nem sempre conseguimos identificar, e isso me preocupa.

Royce se inclina para a frente.

— Pode nos dar um exemplo? — pede.

Dennis empurra seus óculos de armação preta e grossa para cima no nariz.

— Discrepâncias financeiras, principalmente. Eu fechei com um cliente a compra de certos itens a um determinado preço, mas depois vi esses mesmos itens listados com preço muito abaixo do que eu tinha negociado. Quando chequei com a equipe, eles não faziam ideia do motivo. Depois que isso aconteceu algumas vezes, entrei em contato com um dos fornecedores, mas eles não sabiam do que eu estava falando, porque estavam recebendo o valor contratado. Mas a diferença de preço não estava aparecendo nos livros.

Royce aperta os lábios e esfrega as mãos lentamente.

— Algo mais?

— Problemas com estoque. Erros de envio que representam dezenas de milhares de dólares perdidos com produtos ou frete. Eu entendo que às vezes a mercadoria sofre danos, mas estou falando de remessas inteiras que não chegam aonde deveriam chegar, nos forçando a declarar a perda.

— E a transportadora?

— Alega que não recebeu a mercadoria.

— Simplesmente sumiu? — pergunto.

Dennis confirma com a cabeça.

Royce lambe os lábios e os aperta, então sacode a cabeça e passa a mão pela careca.

— Irmão, parece que você está lidando com um estelionatário.

Dennis franze a testa, talvez confuso com a palavra em inglês que Royce usou, *embezzler*.

— Um ladrão. Alguém dentro da empresa pode estar roubando esse dinheiro. Registrando nos livros um valor menor dos produtos e embolsando a diferença — esclareço.

Dennis arregala os olhos.

— Além disso, o indivíduo pode estar vendendo a mercadoria supostamente perdida para outras pessoas, por baixo do pano, ficando com esse dinheiro sem ninguém perceber, enquanto a empresa fica com a perda. Está entendendo? — Royce pergunta.

O rosto de Dennis é tomado pelo que só posso interpretar como tristeza.

— Não sei como isso seria possível. Todas as pessoas que trabalham conosco são da família, ou parentes distantes e amigos. O meu irmão teria que saber, e ele acha que deve ser um erro nos relatórios e que não existe problema nenhum.

E lá vai o alarme disparando em minha cabeça. O irmão dele diz que não há nada errado. Refuta o problema alegando erro no relatório? Não sei não...

— Acho que vamos ter que olhar mais a fundo. Seria bom o Royce investigar essas declarações de lucros e prejuízos.

— Pois é. Estou prestes a me tornar o melhor amigo do seu contador e da sua equipe financeira — Royce promete.

Dennis anui e deixa os ombros caírem. Paul põe o braço sobre os ombros dele e se inclina para o namorado.

— Ei, meu irmão e eu vamos descobrir o que está acontecendo, tá? — Ele puxa o queixo de Dennis e fita os olhos castanhos mais tristes que já vi. E, sob esse olhar, meu irmão grandalhão e fodão se derrete. — Pode contar comigo, Denny. Você é meu namorado, certo? — diz e dá tapinhas no queixo de Dennis até que ele sorri para meu irmão.

E então Paul faz o que eu nunca o vi fazer antes. Beija Dennis. No começo, pensei que seria estranho ver meu irmão beijando um homem, mas não é. Dennis levanta a mão e a pousa no braço de Paul, enquanto este brinca com os lábios dele dando uma série de mordidinhas e selinhos.

— *Eu te amo, pistola* — Dennis diz em português, suavemente, contra os lábios do meu irmão.

Paul sorri, aperta o pescoço do namorado e o beija levemente mais uma vez.

— Eu sei. Está se sentindo melhor? — pergunta baixinho, o que mostra que meu irmão pode ser realmente terno.

— *Olhando nos seus olhos, eu sempre me sinto perfeito* — Dennis responde, ainda em sua língua nativa.

— Ah, Deus, eu quero saber o que ele disse. — Sky suspira, sonhadora. Ela está debruçada sobre a minha cadeira para poder ficar mais perto e ouvir melhor.

Paul ri e Dennis fica vermelho, mas esclarece:

— Primeiro eu disse que amo o Paul. Depois falei que, olhando nos olhos dele, sempre me sinto perfeito.

Skyler abre a boca e seus olhos ficam marejados.

— Não comece a chorar, meu pêssego. Você sabe que eu não aguento — aviso, passando os dedos pelo seu cabelo e a pegando pela nuca até ela olhar para mim.

Ela aperta os lábios e seu queixo treme.

— Não faça isso — digo. Levanto seu rosto com o polegar para beijá-la com força e fazê-la esquecer sua reação lacrimosa.

Quando me afasto, vejo nela o mesmo olhar fascinado de Dennis antes.

— Olhar nos seus olhos também é perfeito, meu bem — Skyler sussurra.

— Baby, foi totalmente brega você repetir isso — rio.

Ela bufa e ri, e logo os outros nos seguem.

Durante o restante do voo mantemos conversas amenas, jogamos baralho, assistimos a um filme, comemos e dormimos. Paramos para abastecer em Miami. Mas, na maior parte do tempo, descanso com a poltrona reclinada, a mão da minha garota na minha, meus cachorros dormindo à nossa frente e nenhuma ameaça à vista.



Chegamos ontem à noite, e estava escuro como breu. Nada para ver, sem contar que nós cinco estávamos muito cansados devido ao jet lag. Royce, Sky e eu nos hospedamos em um Hilton bem em frente à praia de Copacabana. Claro, no instante em que entramos no hotel com os dois cães, o pessoal nos lançou um olhar estranho. Até que trocamos o quarto normal pela cobertura. Então, de repente, ninguém tinha nada a reclamar sobre os filhotes. Assim que nos acomodamos, Dennis e Paul foram para o apartamento do brasileiro com a promessa de voltar na manhã seguinte para tomarmos café da manhã juntos.

Eu me sento na lateral da cama e observo minha linda garota dormindo. Ela é absolutamente perfeita o tempo todo, mas, quando seus cílios estão pousados sobre as bochechas, o cabelo parece uma juba espalhado pela franha e o lábio inferior se mexe a cada respiração, fico estupidamente fascinado por sua beleza. Passo o dedo em seu braço, arrastando o lençol. Ela se mexe, mas não acorda. Mas seus seios nus reagem à temperatura fria do quarto, encolhendo-se em dois pontinhos duros diante dos meus olhos. Meu pau endurece dentro da cueca e eu puxo o lençol todo, expondo seu corpo nu. Estávamos cansados demais ontem à noite para fazer qualquer coisa em relação ao pequeno período de seca que vivemos desde que voltamos da Espanha, há uma semana, devido a minha recuperação. Meu corpo não está cem por cento, mas meu pau não sabe disso. Ele está em pé, rugindo e pronto para entrar em ação.

Com o dedo, provoco seu mamilo rosado. Skyler vira a cabeça para o lado, levanta o braço, de costas na cama com seu corpo exposto a meu olhar. Debruçando-me sobre ela com o cuidado de não pressionar minhas costelas

doloridas, giro a língua em volta de seu bico apetitoso. Skyler suspira dormindo e mexe as pernas. Sorrio e chupo seu mamilo enquanto pouso a palma da mão em sua barriga e desço, até meus dedos encontrarem uma linha fina de pelos loiros encaracolados que é como uma pequena pista de pouso, mostrando a meus dedos, boca e pau aonde ir. Quando estou com a mão entre suas coxas e a pouso em seu monte de vênus, seu corpo se retesa e um gemido escapa de seus lábios. Chupo seu mamilo com mais força e fito seus olhos cor de caramelo, brilhantes e cheios de luxúria. Skyler lambe os lábios quando abro a boca e pego seu mamilo com os dentes, só o bastante para fazê-la morder o lábio inferior.

Solto seu mamilo, mas esfrego a palma da mão em seu clitóris enquanto a penetro com dois dedos. Ela suspira.

— Bom dia, meu pêssgo. Estou com vontade de uma coisa, acordei faminto. Vou te dar uma dica: não é de panqueca.

Eu a penetro mais forte, girando o dedo indicador e o médio, procurando por aquele ponto ali dentro que a faz torcer os dedos de prazer.

— Ah, hummmmm... meu bem.

Vejo que Skyler está meio zonzinha esta manhã.

Lentamente retiro a mão, e ela faz beicinho. Não um beicinho com os lábios. Não. Seu rosto inteiro faz beicinho. Saindo da cama, olho para seu corpo delicioso enquanto tiro a cueca e a chuto para o lado.

— Meu bem... por que você parou?

Ela leva os dedos para as próprias coxas e aperta sua carne, como se, girando os quadris, tentasse resolver aquela dor que eu provoquei dentro dela.

— Eu disse que estava faminto, baby. — Vou até os pés da cama e me ajoelho na beirada. — Traga sua bunda para cá e abra bem as pernas. Se eu não puser a boca em você agora mesmo, o meu pau vai explodir.

Ela ri e arrasta a bunda para a beira da cama. Levanta os joelhos timidamente, mas ainda posso ver o V entre suas nádegas deliciosas. Com os polegares, percorro o vinco onde sua bunda encontra as coxas, e ela fica toda arrepiada.

— Está com frio, meu pêssgo? — brinco, acariciando o que alcanço de seus lábios inferiores perto de seu traseiro.

— Não.

— Abra as pernas, Sky. Dê ao seu homem o que ele quer. Se ofereça em uma bandeja de prata, baby.

Seu corpo inteiro treme diante da minha ordem. O homem das cavernas mexe com a minha garota. Deixa-a toda acesa.

— Eu não vou pedir de novo. Quero ver essa linda bocetinha rosada aberta e molhada para mim.

— Parker... — Skyler diz e abre as pernas uns trinta centímetros.

— Afaste esses joelhos, baby. Eu estou pronto para devorar você — rosno.

Não vejo quase nada de sua pele rosada, até que ela faz o que eu peço e abre bem as pernas, quase apoiando os joelhos nos lençóis brancos.

— Caralho!

Mergulho de cabeça e inalo o cheiro de seu mel, até que minha boca se enche d'água de vontade de entrar em ação. Com o máximo de controle possível, passo as mãos de seus joelhos até o interior das coxas.

Seu corpo é elétrico, sua respiração pesada.

— Olhe para você. Tão linda! A mulher dos meus sonhos aberta para mim. Que presente! O melhor presente que já ganhei foi o dia em que você se tornou minha.

Skyler ondula e arqueia o corpo. Seus seios apontam para cima como duas flechas afiadas, prontas para atacar.

— Me toque. Me beije. Meu bem... eu preciso de você.

Uso os polegares e abro os lábios de seu sexo, até o centro macio dela, antes de mergulhar a língua o mais fundo possível. Não paro. Ela se remexe e seu corpo sacode, mas eu continuo mexendo a língua.

Bebendo.

Lambendo.

Sugando.

Tomando.

Até que ela crava as unhas em minha cabeça e grita, gozando. Ainda assim, não paro. Fico nela, mas desta vez enfio dois dedos profundamente enquanto levo a boca a seu clitóris e alterno entre chupar e mover a língua em círculos, até minha garota disparar como um foguete de novo.

Quando ela já está sem fôlego, ofegante, como se tivesse acabado de correr uma maratona, levanto, vou para a lateral da cama e me deito. Antes que eu

possa lhe dizer o que fazer, ela está montada em mim, posicionando meu pau e descendo com tudo.

— Puta merda! — rujo, segurando seus quadris.

— Ai, merda! Machuquei você, baby? — ela pergunta, tirando o cabelo do rosto.

Sacudo a cabeça.

— Não! É que está tão gostoso que eu quase gozo de cara. Te fazer gozar duas vezes me deixou em ponto de bala, baby. É melhor você ir devagar.

Ela sorri, sobe os quadris e os desliza para baixo de novo. Então deita seu corpo sobre o meu e lambe meu pescoço, orelha, mamilos e volta para minha boca, enquanto mexe os quadris em um ritmo vagaroso.

Passo as mãos em seu cabelo e puxo seus lábios para os meus para lhe dar um beijo longo e úmido. Ela o aprofunda, inclinando a cabeça para a esquerda, depois para a direita, chupa minha língua e morde meu lábio superior e depois o inferior.

— Você é como o céu chovendo sobre a minha pele, Sky. Quero me afogar em você, provar sua alma enquanto você faz amor devagar comigo.

Ela abre um largo sorriso e levanta os quadris, com cuidado para não pôr pressão em meu peito e costelas, enquanto se move para cima e para baixo um pouco mais rápido.

— Brinque com você. Eu quero ver você adorar o seu belo corpo.

— Meu bem... — ela geme, ainda indo devagar. Mas agora sua mão cobre seu seio, e ela usa dois dedos para puxar e beliscar o mamilo.

— É isso aí. Coloque a outra mão onde nós estamos conectados. Sinta você fazendo amor comigo.

Sedutora, ela desliza a mão pelo próprio corpo até seus dedos contornarem meu pau sensível enquanto entro e saio de seu calor úmido.

Vê-la brincar com seus seios e tocar nós dois entre as coxas faz minhas bolas tensionarem. Meu olhar está fixo nela, que mexe com seu seio e clitóris. Os arrepios elétricos começam na base da minha coluna e descem pelas minhas pernas, peito e braços. Sinto o prazer que ela me dá até na ponta dos dedos.

— Meu pêssgo, você está em todo lugar, em todo o meu corpo. Eu sinto você no meu sangue, possuindo cada centímetro do meu corpo. Ele é seu. Eu sou todo seu.

Ela arqueia mais as costas, empinando os seios, mas mantém o ritmo, travando seu sexo em volta do meu pau, tão apertado que tenho que prender a respiração.

Não dá mais. O fogo que sinto dentro de mim dispara. Seguro seus quadris para baixo, esfregando seu clitóris contra meu osso pélvico até que ambos gritamos, e minha liberação explode para fora do corpo, misturando-se com a dela.

Quando seu corpo para de pulsar sobre o meu e a fera está totalmente satisfeita, ela olha para mim com um olhar sonhador, induzido pelo sexo.

— Você está bem? Suas costelas, seu peito?

Passo a mão pelo seu quadril, costelas e desço de novo.

— Sim, meu pêssego, estou ótimo. Estou com o seu gosto na língua, o meu pau está feliz e nós estamos escondidos no Rio de Janeiro.

Ela ri e levanta do meu colo. Quando desce da cama e entra no banheiro, a campainha toca. Pois é, esse negócio de cobertura é chique. Se Sky quer gastar seu dinheiro com o melhor, quem sou eu para dizer que não pode? Nós já tivemos essa discussão e eu perdi, então só aproveito suas preferências de estadia nos hotéis.

Saio da cama com as costelas e o peito mais doloridos que ontem, uma vez que abusei, mesmo tomando cuidado.

Minha cueca está jogada no chão, de modo que a pego com o pé e a levanto para poder vesti-la. Não visto mais nada, porque as únicas pessoas que sabem que estamos aqui são os funcionários do hotel, Paul, Dennis e Royce.

Saio do quarto e fecho a porta, para que Sky possa ter privacidade. Arrastando-me pela sala de estar, chego à porta, espio pelo olho mágico e encontro Paul e Dennis do lado de fora. Sem pensar duas vezes, abro a porta e os deixo entrar.

— Bom dia, pessoal. Acabamos de acordar.

Paul entra com uma carranca, me olhando de cima a baixo. Dennis, por outro lado, me observa da cabeça aos pés, vermelho.

— P-Drive, sério? Você está pelado!

— E daí? Você está no meu quarto.

— Caralho, o meu irmão está praticamente nu na frente do meu namorado — rosna. — Vista alguma coisa.

Por fim entendo o que ele quer dizer.

— Ah, não precisa se vestir por minha causa — Dennis diz, abanando o rosto ainda vermelho. — Uau. Vocês, irmãos Ellis, são geneticamente abençoados.

Ele se delicia, até Paul colocar seu corpo inteiro na frente de Dennis, como uma parede de músculo de quase um metro e noventa.

— Você gosta disso tudo aquecendo sua cama? — diz, passando a mão pelo peito e pegando sua virilha.

Dennis sorri e coloca a mão no peito de Paul.

— Relaxa, *Paulo*. Não precisa ficar com ciúme. Eu sou apaixonado por você, minha *pistola* mal-humorada. Mas preciso dizer que *o seu irmão fica muito bem nu* — brinca em português. — Não posso mentir. — Ele sorri e olha para mim.

— Vou me arrumar. Fiquem à vontade para fazer café ou continuar brigando.

Quando volto para o quarto, Skyler está enrolada em uma toalha, com o cabelo molhado.

— Foi o Paul e o Dennis que eu ouvi?

— Sim, e adivinhe só — digo.

Ela está revirando sua mala. Puxa uma lingerie de renda e a fera percebe. Fico atrás dela, pego-a pelos quadris e me esfrego nela.

Ela ri e bate em minhas mãos, tentando se soltar.

— O quê?

— O Paul ficou com ciúme. Eu abri a porta de cueca. Nem pensei, porque são eles. Mas o Paul ficou meio puto de ver o Dennis meio que babando por mim.

Skyler ri.

— Não posso culpá-lo.

Ela gira, joga os braços em volta do meu pescoço e fica na ponta dos pés.

— O meu namorado é uma delícia! Nu ou vestido, mas especialmente nu — diz e me dá um beijinho. — Mas, agora que o seu irmão tem um namorado, você devia ser um pouco mais discreto.

— É verdade.

Eu a beijo mais uma vez, rapidamente, dou um tapinha na sua bunda coberta pela toalha e vou para o chuveiro.

— Não vou demorar. Eles podiam nos levar à praia.

— Antes de começar a investigar a empresa do Dennis?

— Sem dúvida. Não tenho condições de trabalhar hoje. Preciso de um tempo depois da viagem. E todos nós precisamos relaxar um pouco.

— Eba! Os cachorros vão adorar! Falando nisso... É melhor eu ver se eles fizeram xixi no tapetinho higiênico e não no carpete. Quer um café?

— Eu adoraria, baby.

Por um momento, observo Skyler vestir a calcinha e o sutiã de renda antes de pôr um vestidinho curto que chega ao meio das coxas. É uma mistura de azuis, roxos, verdes e amarelos que destaca sua pele bronzeada e suas pernas espetaculares. Ela é pura luz e cor. Isso é o que Skyler Paige faz por mim: põe cor no meu mundo.

5

SKYLER

A água do mar de Copacabana é de um surpreendente azul-profundo com toques de verde-musgo na borda, onde as ondas batem contra sua forma de lua crescente, que vai até onde a vista alcança. Acabamos de fazer um brunch, e estou empanturrada de pão na chapa, bolinhos de frango com requeijão que eles chamam de *coxinha*, ovos mexidos e atum. No início a mistura não me pareceu nada apetitosa, mas Denny, meu novo melhor amigo gay e autointitulado guia no Rio, nos fez experimentar. Ele garantiu que seria *felicidade na minha boca*, como disse em português. Parker imediatamente brincou dizendo que eu era muito feliz em sua boca e que havia provado isso nesta manhã mesmo. Todos riram muito à minha custa, e eu morri de vergonha diante da franqueza do meu namorado, enquanto ele e Paul batiam os punhos como dois idiotas alfa.

Agora estamos sentados, de barriga cheia, olhando para o mar. Sorrio para Dennis.

— A sua cidade é linda, Denny. Pena que o Royce não está conosco.

Parker me puxa contra seu flanco enquanto Paul passa o braço por cima dos ombros de Denny e o acaricia.

— Meu pêssego, o Roy está esgotado. Fazia muito tempo que ele não viajava para fora do país e não dorme bem em aviões. Além disso, o Dennis lhe passou os dados financeiros mais recentes, e ele vai dar uma olhada nisso mais tarde, depois que dormir e comer. Nós vamos encontrar com ele à noite para jantar.

Faço beicinho, mas anuo. Quando soube que ele viria, eu esperava passar um tempinho com Royce. A maioria das viagens que fizemos foi com Bo, por isso sinto que tenho uma conexão mais profunda com ele. Quero a mesma coisa com o outro sócio e amigo de Parker.

— Legal. O que nós vamos fazer primeiro?

Vejo meus cachorros dormindo, esperando pacientemente debaixo da mesa por outra caminhada. Sorrio e me concentro em Dennis e Paul.

— Em primeiro lugar, Sky, você está e não está segura aqui — Paul começa. — Só porque estamos a milhares de quilômetros de casa, não significa que vamos ser negligentes. Ainda estou de olho em você e no Park. Sim, você pode se sentir mais livre aqui. A probabilidade de que a pessoa que está tentando te ferir saiba onde estamos é quase nula, por isso eu quero ter certeza de que você não vai facilitar as coisas para ela. Não poste fotos nas redes sociais nem converse com pessoas de Boston além das que sabem onde você está e são confiáveis. Minha mãe, meu pai, a Wendy, o Pritchard e o Bo. É isso aí. Ninguém mais.

Fico tensa com a menção ao problema que ficou em Boston. Parker pressiona os lábios em minha orelha. Sinto sua respiração quente contra minha pele quando ele sussurra:

— Você está segura. O meu irmão e eu vamos garantir isso.

Pouso a mão na coxa dele e a aperto, assentindo, mas viro a cabeça para fitar seus olhos azul-claros.

— Não estou preocupada comigo, meu bem. Se eu perder você, não vou aguentar. Depois de tudo que perdi, se nós perdermos o que temos, o que estamos construindo juntos... Eu não suportaria. E sou mulher suficiente para admitir isso.

Ele pousa a mão no meu rosto e passa os dedos pelo meu cabelo até me pegar pela nuca.

— Isso não vai acontecer. Somos você e eu contra tudo isso, lembra?

Lambo os lábios e engulo em seco, repentinamente emocionada.

— Sim, meu bem. Você e eu.

— Contra tudo — ele repete e toma meus lábios em um beijo suave.

Esse único beijo me diz tudo que preciso saber. Parker sabe como ele é importante para mim. Ele entende e sente o mesmo. Estamos juntos nisso, de

verdade.

— Tudo bem, acho que estamos bem — Paul diz. — Lembrem-se que eu vou estar por perto, de olho, mas sejam cautelosos. Divirtam-se, aproveitem a terra natal do meu namorado, mas não deem uma de idiotas.

Parker joga o guardanapo no rosto do irmão.

— Cale a boca, mano. Já entendemos o recado.

Ele se levanta, pega as guias que deixamos enroladas no braço da cadeira e estende uma para mim. Midnight e Sunny disparam por entre as cadeiras e vão se sentar aos pés de seu pai, com a língua de fora, prontos para o que der e vier.

— Agora, se vocês não se importam, a minha garota adora sol e os meus cães precisam explorar por aí. Vou levar a minha namorada para dar uma volta na praia. Vai dar um pouco de atenção ao seu namorado também, mano? — Park lança um olhar sarcástico a Paul, que faz uma careta, mas se levanta para nos seguir. — Venha, baby. Vamos molhar os pés.

Ele pega minha mão e eu o sigo pela escada lateral do restaurante da praia. Paro embaixo para tirar os chinelos e pegar a guia de Sunny. Ele leva Midnight. Parker tira os chinelos também, e deixamos que a areia quente do Rio de Janeiro corra entre os dedos dos nossos pés. Jogo a cabeça para trás em direção ao sol e mergulho em seus raios dourados.

Parker espera em silêncio enquanto dou meu abraço no mundo, e então andamos com nossos filhotes pela areia até chegar à beira do mar. Os cães estão excitados, mas desconfiam das ondas que quebram e da água subindo e descendo.

Andamos de mãos dadas na orla, deixando as ondas baterem contra nossos pés e tornozelos, observando nossos cães perseguirem a água, para dentro e para fora, se divertindo. Observo o horizonte e vejo um azul infinito até encontrar a Terra, destacando o Pão de Açúcar, a cidade e a cordilheira além do local onde fica a estátua do Cristo Redentor, com os braços estendidos sobre a cidade de Deus.

— Sabia que a estátua do Cristo é de um francês? — Parker conta enquanto olho a estátua a distância. Quero vê-la de perto, e espero que Dennis esteja planejando nos levar até lá.

Eu paro e ponho os óculos de sol na cabeça. Parker está devastadoramente bonito com seus óculos pretos tipo aviador, o cabelo meio encaracolado em

cima, tremulando provocantemente sob a brisa leve.

— É mesmo?

Ele anui e abre um sorriso branco perolado.

Deus, obrigada por me dar um homem tão lindo.

— Sim. Algumas pessoas dizem que é por isso que o rosto do Cristo e o da Estátua da Liberdade são tão parecidos. Eu acho que é porque as duas são estátuas enormes que representam a paz, o amor e a união, independente da natureza cristã da estátua daqui.

Pego a mão de Parker e a balanço, pensando no que ele disse. Este momento, andando de mãos dadas pela praia, me faz lembrar de quando estivemos na França.

— Adorei o tempo que passamos em Paris. Falando nisso, tem conversado com a Sophie?

Ele sacode a cabeça.

— Não, mas nós trocamos mensagens. Ela é uma mulher ocupada, e agora comprometida. Eu gostaria de convidar a Sophie e o Gabriel assim que estivermos instalados na casa nova, o que você acha? Eu sei que antes você não quis ficar na casa dela, mas pensei que, depois de tudo, você viu que não há nada com que se preocupar. Eu sou todo seu, baby. Não existe outra mulher para mim.

Abro um sorriso enorme, me viro para ele, encosto meu peito no dele e jogo os braços ao redor de seu pescoço. A guia de Sunny cria um pouco de resistência, mas eu seguro firme.

— Eu adoraria, meu bem. Eu sei que você gosta dela, e não me sinto mais ameaçada pelo fato de vocês já terem transado. Se você quiser que a Sophie venha nos visitar, eu vou ficar feliz de abrir a nossa casa para ela.

Ele sorri, aperta minha bunda e esfrega o nariz no meu.

— Que bom, baby, porque eu já disse a ela que, depois do Ano-Novo, ela e o Gabriel podem vir nos visitar e conhecer a casa, os meus pais e os cachorros.

Esfrego meu nariz no dele e lhe dou um beijinho antes de dizer baixinho:

— Você é demais.

— Espero ser o suficiente para você. — Ele põe as mãos na minha cintura e me faz girar.

As guias se enroscam em volta do nosso corpo e nós rimos, trocamos vários selinhos e tentamos sair dessa situação tola. Quando viro, vejo Paul e Denny a cerca de dez metros, de braços dados. Paul está beijando o pescoço do namorado, fazendo-o rir.

Cutuco o ombro de Parker.

— Você imaginou ver isso um dia?

Ele olha para trás e vê Paul segurar o rosto de Denny e lhe dar um beijo estalado. Denny levanta um pé de brincadeira, na clássica pose dos apaixonados, as mãos nos enormes bíceps de Paul. O cara realmente é robusto. Os dois juntos, em um momento privado em uma praia do Rio de Janeiro, são absolutamente lindos. São tão diferentes, mas combinam. Dennis é tudo que Paul não é. Tranquilo, encantador, eloquente e doce, ao passo que Paul é taciturno, forte, bronco e prático. O que Paul esconde dos outros é claramente visível quando ele está com Denny ou Parker, e agora comigo: seu coração é feito de ouro, e Dennis Romoaldo o conquistou completamente.

— Honestamente? Eu não fazia ideia de que o meu irmão gostava de homem. Estou cada vez mais me acostumando com isso, mas não me incomoda. O mais importante é que eu nunca tinha visto o Paulie feliz em um relacionamento. Aposto que o Dennis é a pessoa com quem ele vai sossegar.

Mordo o lábio e dou um gritinho.

— Exato!

Parker ri, passando o braço pela minha cintura para que possamos continuar caminhando.

— É. Fico feliz por ele ter encontrado alguém que ama tanto quanto a honra e o dever como soldado. Eu vivia preocupado com o Paul. Agora ele está pensando em largar o exército.

Inclino a cabeça e olho para os dois por cima do ombro. Paul está de olho em nós, então aceno.

— Você é uma boba — Parker diz, rindo.

— Estava pensando...

— Hum... Nada de bom acontece depois que uma mulher diz isso. — Ele leva a mão ao meu pescoço.

Eu rosno de brincadeira.

— Sério, tenho uma ideia sobre o que o seu irmão pode fazer se preferir deixar o exército.

— Ah, é? Diga.

— Bom, ele assumiu a minha proteção até nós descobirmos quem é o psicótico. E se ele começar a trabalhar com isso? O Nate era militar antes de abrir a Van Dyken Segurança. Talvez o Paul pudesse trabalhar com eles, ou abrir a própria empresa.

Parker anui.

— Pode dar certo. Acho que depende do que ele quer fazer.

— Sim.

— Vou comentar com ele. Mesmo que a gente resolva logo essa situação, eu quero que ele fique de olho em você até o Nate e a Rachel estarem cem por cento.

— Vou passar os dados dele para o meu contador, para que ele possa fazer o pagamento a cada duas semanas.

Parker para e abre um sorriso largo.

— Boa sorte com isso, meu pêssago.

Franzo a testa e paro ao lado dele. A areia molhada suga meus pés até os tornozelos quando as ondas quebram e voltam.

Ele sacode a cabeça.

— Baby, ele nunca vai deixar você pagar.

— Isso é um absurdo. Ele tem que me deixar pagar. O Paul não precisa me fazer caridade — continuo argumentando, mas Park me interrompe.

— Não, baby, você é minha mulher, cunhada dele. Da *família*. Você precisa dos serviços de alguém como o Paul. Ele não está trabalhando, vai fazer tudo sem cobrar. Ponto.

Aperto os dentes.

— Meu bem, ouça o que você está dizendo! Não faz sentido. — A mulher independente dentro de mim está se corroendo.

Ele dá de ombros.

— Mas as coisas são assim. Você é da família. Independente do que pense, o seu trabalho faz de você um alvo. O meu irmão trabalha neutralizando inimigos. Se ele achar que você está em perigo, vai se meter. É o jeito dele. Ele é assim. Você é uma parte importante do mundo dele agora.

Balanço os pés para soltar a areia que os cobre até os tornozelos e me aproximo mais de Parker, fitando seu rosto bonito.

— Ele vai ser pago — digo.

Então eu me viro e saio andando, levando minha irritação comigo.

A risada de Parker ecoa atrás de mim, até que ele e Midnight passam correndo por nós, o que imediatamente faz Sunny sair trotando. Então, claro, eu os sigo.



O cabo que passa acima do teleférico é a única coisa que posso ouvir dentro desta caixa transparente enquanto ela navega no ar, quase quatrocentos metros acima da água até o Pão de Açúcar. Por mais que eu queira observar a beleza do Brasil a essa altura, mal posso respirar. Fecho os olhos, enterro a cabeça no peito de Parker e o abraço como se minha vida dependesse disso. Talvez porque dependa mesmo. Pois nós vamos morrer aqui. Esses cabos minúsculos são finos. Um deles vai arrebentar, desequilibrando a distribuição do peso, e vamos ficar balançando de um lado para o outro até esse negócio inteiro cair e nós acabarmos no oceano Atlântico, ou na floresta das montanhas logo abaixo.

Já posso imaginar as manchetes e a matéria: “ATRIZ SKYLER PAIGE TEM MORTE HORRÍVEL AO CAIR CENTENAS DE METROS PRESA EM UMA CAIXA DE VIDRO. Ela despencou para a morte. Supõe-se que tenha batido em árvores e pedras irregulares até cair da montanha no mar e se afogar. Infelizmente, seu corpo nunca foi encontrado, porque estava preso em uma caixa de vidro agora no fundo do maldito oceano!”

Estou muito feliz por termos deixado os cachorros com Royce no hotel para descansar enquanto íamos ver os pontos turísticos.

— Sky, você está tremendo. — Parker esfrega minhas costas. — Você tem medo de altura? — pergunta, com certa surpresa.

Cravo os dedos nos músculos de suas costas. Ele grunhe, mas não me afasta. Não que pudesse: estou praticamente colada nele.

Ele ri.

— Fale comigo.

— Já acabou? — pergunto, tensa.

— Nós já vamos chegar ao topo — ele sussurra no meu cabelo. — Por que você não me disse que tem medo de altura?

— Porque eu não tenho — minto. — Mas ficar balançando a centenas de metros sobre montanhas, árvores, penhascos e água em uma caixa de vidro é assustador — digo com voz de soprano, devido às garras do pânico cravadas em minha psique.

Ele me aperta contra o peito, com os braços ao meu redor, e beija o topo da minha cabeça.

— Milhares de pessoas sobem e descem neste bondinho todo dia. Não precisa se preocupar.

— Sei. Só me avise quando acabar.

— Meu pêssego... Estamos quase chegando. Mais três minutos. Você aguenta. — Ele pressiona os lábios nas minhas têmporas. — Minha garota corajosa.

Fecho os olhos e deixo suas palavras cobrirem meu medo, respirando profundamente, até que ele aperta os braços e a caixa sacode e trava.

— Aleluia! Eu quero sair desta coisa! — digo.

Ele ri, mas me leva a terra firme através das portas duplas. Eu poderia me jogar no chão e beijar a superfície sólida se não estivéssemos em público. Tento parecer tranquila.

— Altura, hein? Pensei que você fosse uma garota durona. — Paul pisca para mim com um sorriso sexy.

Franzo a testa e faço uma careta.

— Eu sou durona!

— Sei. Você perdeu crédito lá em cima, mana.

— Dane-se — resmungo.

Mas todo o medo de altura e o desejo de mutilar Paul desaparecem diante da vista deslumbrante. Sem dizer nada, vou em direção ao corrimão de metal até ser capaz de emitir palavras:

— Meu Deus... aqui é mesmo a cidade de Deus.

Parker vem atrás de mim e coloca as mãos ao lado das minhas no corrimão. Apoia o queixo em meu ombro, e juntos observamos a extrema beleza. A cidade do Rio de Janeiro inteira está abaixo de nós. A forma de lua crescente de

Copacabana e Ipanema é um pontinho no horizonte. Veleiros e iates pontilham a enseada com seu brilho branco, parecendo bolinhas no oceano espantosamente azul. Atrás da cidade fica a vasta cadeia montanhosa que preenche o panorama com picos e cumes verdejantes, os quais dão ao espectador um desejo intenso de explorar suas maravilhas. E no topo do morro mais alto e mais pontudo está a estátua do Cristo Redentor. Parece vigiar seu povo, de braços abertos, expressando seu amor infinito e sua presença orientadora.

— Estão vendo aquele ressaltado na montanha onde está o Cristo? — Dennis pergunta, apontando para a cordilheira à direita.

Anuímos, mas ficamos em silêncio, contentes por aprender com ele sobre seu lar.

— É o Corcovado. *Hunchback* em inglês.

— Interessante — digo, enquanto absorvo o máximo possível da vista.

Ficamos ali parados por pelo menos dez minutos, sem falar, só olhando tudo. Até que Dennis quebra o silêncio.

— Já comeram açaí?

Parker e eu abandonamos a vista, com bastante tristeza, e prestamos atenção nele.

— Não conheço essa palavra — digo.

Ele franze a testa; Paul ri e soletra:

— A-ç-a-í. A fruta, sabe?

— Ah, sim, claro! Tem uma tonelada de antioxidantes e é usado em um monte de bebidas saudáveis e dietas para queimar gordura — informo, porque, sendo uma garota que fez uma dieta ou outra a vida toda, sou praticamente uma especialista.

— É uma fruta brasileira — Dennis explica, com orgulho. — Vocês precisam comer. — E indica um carrinho que só serve açaí, no estilo frozen yogurt.

Dennis faz o pedido em um português rápido, tira algumas notas coloridas e paga antes que Parker ou Paul possam dizer uma palavra.

— Nós pagamos o jantar — Parker anuncia, desnecessariamente.

Paul ergue uma sobrancelha, como se magicamente, com um único olhar, pudesse impedir que isso acontecesse. Ele obviamente não conhece meu

namorado. Uma coisa que Parker nunca me permite fazer é pagar uma refeição. Nunca. Acho que isso vai contra o código de honra do macho alfa ou algo assim. Eu acho galante e, depois de passar um ano e meio com um homem que esperava que eu pagasse tudo, inclusive roupas, comida e tudo o mais, fico feliz por meu namorado ser cavalheiro.

Não me meto nas farpas que os dois estão trocando com o olhar. Presto atenção em Dennis e na taça que ele me entrega com uma substância roxa congelada.

— Experimente. Os americanos adoram. Para nós é normal, mas no seu país as pessoas acham muito exótico.

Enfio a colher e pego um pouco da lama roxa.

— Vamos lá.

Deixo o bocado congelado na língua, e a fruta cai como uma explosão de sabor. É levemente azeda e doce, mas incrivelmente refrescante. Faz lembrar mirtilo, só que não. Amora, só que não. Morango, só que não. Não existe nada no mundo como o sabor do açaí puro. Adorei!

Parker pega sua tigela e me observa enquanto eu gemo ao comer a segunda e logo a terceira colherada. Ele leva uma colherada à boca e o vejo arregalar os olhos e apertar os lábios.

— Porra, isso é bom.

— Eu disse. Os americanos adoram — Dennis repete, comendo uma colherada sem parecer tão impressionado. — Honestamente não entendo, mas fico feliz por gostarem de uma fruta do meu país.

Paul sorri e come sua delícia congelada.

— E agora? — pergunto, pegando outra colherada de açaí.

— Que tal subirmos até o topo, sentarmos, tomarmos uma taça de vinho e falarmos sobre o jantar?

Seguimos Dennis por mais um lance de escadas que nos leva ainda mais alto, onde há lojas de lembrancinhas. Vou imediatamente em direção às bugigangas e vejo umas arvorezinhas de pedras coloridas.

Parker me acompanha. Pego uma das pequenas árvores. A base tem cerca de dois centímetros de espessura e é composta de pedras coloridas grudadas. No centro da base há um arame dourado retorcido que leva a uma dúzia de galhos, cada um com cristais ou pedras preciosas entrelaçadas.

— O que é isso? — pergunto, mostrando-a a Dennis.

Ele entra na loja, ao passo que Paul fica do lado de fora, todo grande e responsável. Coloco a árvore na mão dele. Ele ajeita seus óculos estilo Buddy Holly de um jeito que eu acho adorável.

— São árvores do desejo, de pedras brasileiras. Você viu que cada uma tem uma cor?

Assinto e aponto para uma toda de ametistas.

— Você escolhe a árvore segundo a característica específica da pedra que quer dar à pessoa. A ametista, por exemplo, representa força e pureza. Quando você dá essa árvore a alguém, está desejando que ela tenha muito disso na vida.

É como se ele estivesse falando diretamente para minha alma.

— Merda, acho que vamos ficar aqui por um bom tempo. Paul, é melhor você subir e pegar umas bebidas para a gente enquanto a Sky faz compras — Parker sugere.

Paul sacode a cabeça.

— Vou ficar bem aqui, onde posso ver vocês dois. Fiquem à vontade. Tenho todo o tempo do mundo.

— *Humpf* — bufo e estreito o olhar.

Mas logo volto às lembrancinhas lindamente feitas à mão, e uma árvore de turquesas me chama a atenção.

— E esta?

Dennis sorri docemente.

— Essa é para cura.

Instantaneamente imagino Nate deitado na cama do hospital. Recebemos uma mensagem quando saímos do avião, dizendo que ele estava acordado e que sairia da UTI no fim da semana. Talvez essa lembrancinha possa ser como um totem para ajudá-lo a se recuperar mais depressa, como é meu maior desejo.

A seguir, aponto para uma de pedras vermelho-alaranjadas, arame dourado e uma base multicolorida.

— E esta?

Dennis abre um sorriso largo.

— Essa é cornalina, e na maioria das vezes é dada a alguém que quer ter filhos. É a pedra da fertilidade.

— Pelo amor de Deus, Sky, nem toque nisso. — Parker detém minha mão antes que eu possa pegá-la. — É melhor não mexer com esse tipo de coisa.

— Mas, meu bem, a Wendy quer um bebê. Depois de sofrer um aborto, talvez isso possa ajudar.

Mencionar a perda de Wendy faz Parker estremecer e soltar um palavrão.

— Tudo bem. Mas cuidado: deseje que ela engravide, não você. — Ele pousa a mão sobre meu abdome. — Não é a nossa hora ainda, certo? — diz, beijando meu pescoço e apertando minha barriga.

— Certo, meu bem. Desde que tenhamos filhos um dia, não me importo de esperar um pouco.

Ele respira fundo.

— Você é a mulher perfeita. — E me dá uma piscadinha.

Pego a árvore de cura e a da fertilidade e aponto para uma com pedras cor-de-rosa.

— E essa?

Dennis sorri.

— Quartzo rosa. Amor eterno.

Tocando as pedras cor-de-rosa, faço um desejo baixinho:

— Quero ficar com o Parker por toda a eternidade.

Pego as três árvores e as levo para o caixa. Estou prestes a usar meu cartão de crédito quando Paul aparece de repente atrás de mim. Ele paga meu pulso e sacode a cabeça.

— Não, mana. Os seus cartões podem ser rastreados.

— Mas nós não temos pesos.

Ele torce a boca.

— Querida, a moeda do Brasil é o real. Peso é a moeda mexicana.

— Merda. Desculpe — digo ao caixa enquanto Paul tira um maço de dinheiro brasileiro e paga meus presentes. — Depois eu te pago — prometo.

Ele me dá uma piscadinha, mas não diz nada, e guarda de volta seu dinheiro no bolso da calça cargo, virando para Dennis.

— Em vez de tomar vinho, por que não vamos àquele lugar incrível lá embaixo que vende... Como chama? — Ele franze a testa e fala em português: — *Carne no espeto?* É tipo carne assada enfiada em um espeto de metal.

Dennis anui e Paul nos explica:

— É uma churrascaria brasileira. O Denny me levou lá, é incrível. Tem os melhores cortes de carne que eu já comi. Você vai ficar louca. O Roy também vai adorar.

— Parece legal. Quando descermos o morro naquela armadilha da morte, vou estar morrendo de fome.

— Está pronta para ir? — Parker pergunta, como se o importante neste dia inteiro fosse eu e meu conforto.

Seguro minhas compras e penso em meu desejo. Vou colocar essa arvorezinha brasileira no console da lareira da nossa nova sala quando nos mudarmos.

— Sim, meu bem. Este está sendo um dos melhores dias dos últimos tempos.

Ele beija minha têmpora e passa o braço em volta dos meus ombros.

— Comida boa, praia, vista maravilhosa, meu irmão, o namorado dele e o amor da minha vida compartilhando uma experiência incrível... Sim, baby, está sendo um dia fantástico.

6

PARKER

Infelizmente tivemos que pular a “carne no espeto”, por mais apetitoso que parecesse, porque Royce nos chamou de volta ao hotel. Ele encontrou algo incomum nas finanças de Dennis. Agora, os quatro homens estamos sentados à mesa de jantar em nossa cobertura, pois tem mais espaço para trabalhar. Skyler está deixando na frente de cada um de nós as bebidas que preparou, cantarolando alegremente.

— Obrigado, baby.

Olho para minha bebida. Tem uns pedaços de limão esmagados e é clarinha. Levanto o copo e cheiro antes de tomar um gole.

— O que é isso?

— Caipirinha. É o drinque nacional brasileiro — ela diz, com evidente orgulho. — Encontrei um papel no bar ensinando a fazer. É basicamente cachaça com limão esmagado.

— E... o que é cachaça?

— É caldo de cana fermentado e destilado. Tive que procurar no Google, mas na verdade não sei direito. Eu só segui as instruções. Afinal, no Brasil, faça como os brasileiros. — Ela abre um sorriso largo, inclinando a cabeça de um lado para o outro enquanto avalia sua bebida antes de prová-la. — Muito bom. Bastante álcool, o que não é exatamente ruim.

Bebo um gole enorme.

— Não, não é.

O doce do açúcar, a pungência da cachaça e o azedo do limão misturados me fazem enrugam o nariz. Não é desagradável, mas não necessariamente eu beberia mais que um. Ela está certa: tem uma boa dose de álcool, o que é bom.

— Garota, que delícia! — Roy diz, bebendo metade do copo.

— Devagar, irmão. Você ainda está no jet lag — alerta.

Ele estreita o olhar.

— Você acha que eu não dou conta de bebida, mano? Preciso te lembrar quem mais bebe no nosso grupo de alegres cavalheiros?

Ele me faz lembrar de sua predileção por uísque puro com um sutil sorriso nos lábios carnudos. Seu cavanhaque preto está bem aparado ao redor da boca e do queixo, e a careca brilha sob a luz. Ele está com uma camiseta justa cor de vinho que provavelmente custou mais que toda a minha roupa e uma calça de pijama larga cinza. Meu irmão Roy gosta de tecidos macios — tipo o lado de baixo dos seios de uma mulher — e paga caro por eles.

Royce pega folhas de uma pilha a sua frente e distribui umas para Dennis e outras para mim. Paul se acomoda ao lado de Denny e coloca o braço no encosto da cadeira do namorado, em um movimento que mostra que ele está ali para dar apoio, mas que não vai meter o nariz nesse negócio sem ser chamado.

— Vou pedir comida. Aqui no cardápio tem algo que parecem bolas de queijo... Definitivamente vou pedir algumas — Sky diz.

— *Pão de queijo*, Sky. É um pãozinho tipicamente brasileiro. Você não vai comer nada igual em nenhum outro lugar do mundo — Dennis explica. — E, se tiver, peça feijoada, que é um cozido de carne de porco e feijão preto. Excelente.

— Humm — Skyler concorda, esfregando a barriga.

Eu rio, mas não consigo tirar os olhos dela. Ela é boba, doce e tão dourada que faz meus olhos doerem se eu olhar por muito tempo. Em momentos assim tenho que lembrar que ela é toda minha, e que sou um sortudo por poder afirmar isso.

— E, menina, se tiver aquelas bolotas de frango com requeijão... — Royce diz, lambendo os beiços e fazendo *hummm*.

— *Coxinha* — Dennis ajuda.

Royce aponta para Dennis.

— Sim, isso. Peça umas para mim.

Minha garota anui e continua lendo o cardápio.

— Ah, e *pastel*, mana. Eu adoro isso. Carne ou queijo, não me interessa, é uma delícia.

Skyler abre um sorriso largo.

— Parece que nós vamos comer pão, queijo, feijão e ensopado.

— No Brasil, baby... — digo, repetindo o que ela falou antes.

Não quero que ela se preocupe com o fato de que provavelmente tudo tem muitas calorias e muita gordura. Não que ela esteja fazendo dieta, mas comentou que precisa entrar em forma para a série Classe A.

— Não esquenta, meu pêssego, nós vamos queimar tudo isso entre os lençóis — digo com um sorriso sexy.

Ela abre a boca e arregala os olhos, chocada.

— Eu ouvi! — Roy diz e ri profundamente.

Paul também ri e sacode a cabeça. As bochechas de Dennis ficam rosadas. Skyler franze os lábios e estreita o olhar em minha direção.

— Eu te amo, baby — digo e lhe jogo um beijo.

Seu olhar ainda queima, mas eu a conheço muito bem. Ela não está brava, só não está satisfeita por eu fazer insinuações sexuais na frente dos outros. Minha garota é louca entre os lençóis, mas é meio puritana para falar de sexo fora da privacidade do nosso quarto.

— Vou pedir a comida — diz. — Alguém quer mais caipirinha?

Os outros três erguem seus copos, mas eu empurro o meu de lado.

— Vou querer cerveja, se tiver.

— Pode deixar. — Skyler gira e sua bunda balança.

— Meu irmão, você está bem servido. — Royce ri e observa os quadris e a bunda de Sky balançando.

Eu sorrio e digo:

— Muito bem servido.

Ele cai na risada, batendo na mesa.

— Caramba. É melhor agradecer ao bom Deus por isso.

Eu ergo o punho.

— Sem dúvida que agradeço.

Ele bate no meu punho e pega os papéis.

— Muito bem, vamos falar da merda que eu encontrei. Vou ser direto, Dennis: não parece bom. Há algumas contas obscuras que não batem. Eu preciso ir ao escritório amanhã para vasculhar mais registros e solicitar dados adicionais, mas, pelo que estou vendo aqui, dois mais dois não dá quatro. Está me entendendo?

Dennis morde o lábio inferior, empurra os óculos para cima e anui.

— Pelo que eu vejo aqui — Roy aponta para um item na página —, na linha número trinta e dois, essa conta é suspeita. Que porra é *reserva de produto*?

Dennis observa o papel diante dele e sacode a cabeça.

— Não sei. Talvez seja uma conta onde fica o dinheiro para comprar a mercadoria.

Roy franze a testa.

— Não, cara, essas contas estão claramente rotuladas nos itens das linhas quatro a dez. O dinheiro entra e sai dessas contas regularmente, mas, por algum motivo, um monte de grana continua sendo transferido para essa conta reserva de produto, e não consegui encontrar nada até o momento que seja pago com o saldo dela. Volte para a terceira página. Note que o saldo dessa conta diminui a cada duas semanas, sempre restando cerca de quatro mil reais, o que equivale a aproximadamente mil dólares, certo?

Dennis analisa o fluxo do dinheiro e volta para a conta, passa algumas páginas e se recosta.

— Para onde vai esse dinheiro, se não é para comprar mercadoria e pagar contas?

Royce dá um tapinha na pilha de papéis.

— Exatamente. O saldo baixa para esse valor exato a cada duas semanas. Eu preciso ir ao escritório para ver para que conta esse dinheiro está sendo transferido. Mas não é para nenhuma dessas aqui dos livros, o que significa que o dinheiro está sendo despejado em uma conta bancária não rastreada. Eu já vi isso muitas vezes, cara. Normalmente essa conta é de algum funcionário de cargo alto, se é que você me entende.

— *Putá que pariu!* — Dennis explode, furioso.

Não preciso entender português para saber que o que ele disse foi um xingamento.

— Preciso ligar para o meu irmão!

Ele se levanta e empurrando a cadeira para trás com tanta força que ela quase cai antes de Paul a pegar suavemente.

Meu irmão levanta e pousa a mão no ombro do namorado.

— Denny, fique calmo. Deixe o Roy avaliar tudo antes de tirar conclusões precipitadas.

O ar entra e sai de Dennis enquanto ele respira fundo. Anui rapidamente, tentando diminuir o ritmo de sua respiração ofegante. Senta-se de novo, empurrando os óculos para cima mais uma vez.

— Mais alguma coisa?

Roy lambe os lábios carnudos.

— Sim. O pior é que eu encontrei mais duas contas como esta. Escondidas debaixo do nosso nariz. Esses problemas de que você falou, de pagamentos excedentes... As diferenças parecem estar pagando essas cobranças que não existem, mas, na verdade, estão sendo lançadas nessas contas reserva, que também são quase esvaziadas a cada duas semanas.

— De quanto dinheiro estamos falando? — pergunto.

Sinto meu peito apertar ao pensar que o namorado do meu irmão está sendo enganado.

— Em dinheiro brasileiro, só nos últimos três meses, pouco mais de quatrocentos e cinquenta mil reais, o que dá uns cento e quinze mil dólares. Cerca de quarenta mil dólares por mês estão desaparecendo. Como o seu negócio é importação, o dinheiro que entra e sai é em reais, dólares, euros, pesos, coroas, ienes, libras e uma série de outras moedas do mundo todo. Há muito dinheiro em movimento, o que dificulta o rastreamento quando você não sabe o que está procurando. Além disso, quem está fazendo isso sabe que quem analisa as informações financeiras não entende todos os dados.

— Eu. — Dennis aponta o polegar para o próprio peito. — Eu sou a pessoa que não entende todos os dados. No entanto, o meu irmão, o nosso contador e o diretor financeiro deveriam entender. Se bem que eles respondem ao Fabian.

— Merda. — Royce passa a mão pela cabeça, em um movimento que eu reconheço como desconforto.

— Você vai me dizer que acha que o meu irmão está roubando de nós. De *mim*. De toda a família, já que meus pais ainda ganham uma porcentagem dos lucros para viver a vida pela qual tanto trabalharam.

Royce puxa os lábios para dentro da boca e confirma solenemente.

— Eu não posso provar isso ainda, e sugiro que você não diga nada até reunirmos mais fatos. O Park e eu vamos lá amanhã, vamos sondar, conversar com algumas pessoas, fazer o que fazemos melhor, e esperamos ter uma resposta mais concreta para você.

Dennis anui enquanto passa a ponta dos dedos pelas pilhas de papéis, aparentemente à deriva com seus pensamentos, mesmo estando sentado bem aqui.

— Meus pais vão dar um jantar amanhã para mim e os meus *amigos* — diz, pondo inflexão especial na palavra “amigos” e olhando para Paul, cujo maxilar fica tão tenso que ele poderia quebrar concreto com os dentes.

— Amigo, hein? — Paul resmunga, com uma nota de irritação mordaz nas palavras.

— *Pistola...* — Dennis pousa a mão na de Paul. — *Por favor* — implora em português.

Os olhos de Paul são duros, brilham de raiva, como bem sei, e talvez de um pouco de mágoa. Ele se levanta abruptamente, e desta vez é sua cadeira que bate no chão quando ele a chuta. Skyler entra segurando mais duas caipirinhas, e ele vira para ela:

— Mana, eu preciso de algo um pouco mais forte.

Ela responde instantaneamente:

— Shots de rum?

— Case com ela, mano — Paul rosna por cima do ombro, olhando para mim com uma raiva que estraga suas feições. Pelo seu olhar e pelo jeito como olha para Dennis e para mim antes de fazer uma careta e se afastar, sei que sua ira é dirigida ao namorado, não a mim.

Mas Skyler, que perdeu a cena inteira, sorri como uma boba pelo elogio que meu irmão lhe fez. Ela vai até a mesa para deixar as bebidas na frente de Dennis e Roy. Dennis pega a sua e bebe metade de uma vez, terminando com um estremecimento e deixando escapar todo o ar dos pulmões.

— O seu irmão gosta de mim — ela brinca. Então joga o cabelo sobre o ombro com confiança e volta para o bar, dizendo: — Venha, Paulie. Vamos encher a sua cara!

— Graças a Cristo! — ele diz, rangendo os dentes.

Olho para Dennis.

— Que raio foi isso tudo?

Ele fecha os olhos e morde o lábio inferior.

— É uma discussão repetitiva. A minha família ainda não aceitou a minha sexualidade. Acredito que ver o Paul e eu juntos mais vezes vai ajudá-los a entender, mas... — Ele sacode a cabeça. — Ele vai se acalmar... uma hora.

— Entendi...

Olho para Royce, que dá de ombros. Paul está claramente puto. Dennis olha para ele, que, como vi de soslaio, já virou duas doses de rum puro. Skyler inclina a garrafa perto do copo e ele anui, de modo que ela o enche de novo. Ele vira o terceiro sem nem pestanejar quando a bebida atinge sua garganta.

Definitivamente, algo está acontecendo com meu irmão. Acrescento isso à lista cada vez maior de coisas que eu não sei sobre Paul. Com ele longe durante anos, perdemos essa conexão fraternal, essa coisa de um completar as frases do outro que muitos parentes de sangue têm. Nossas piadas particulares são poucas, e há uma distância nos olhos do meu irmão que eu não sei como superar. Se ele ficar por perto, vou me esforçar para diminuir essa lacuna e nos aproximarmos do jeito que éramos quando crianças. Éramos inseparáveis.

A campainha toca, e Paul vira a cabeça como se alguém tivesse engatilhado uma espingarda.

Sky pousa a mão em seu ombro.

— É a comida. Serviço de quarto — diz.

Ele retesa o maxilar e anui, indo em direção à porta, que fica fora da sala de estar.

— Fique aqui. Fique fora de vista o tempo todo — ele ordena, apontando para Sky.

Ela leva a mão à testa e bate continência.

— Sim, capitão.

Eu rio. Tolinha! E toda minha.

Ontem à noite comemos, bebemos e, depois que todos se foram — Roy para seu quarto, Dennis e Paul sem se falar, afora alguns sussurros curtos, para a casa do brasileiro —, Skyler e eu fomos para a cama e fizemos amor. A maior parte do dia de hoje passamos na empresa de importação, checando arquivos e finanças e nos reunindo com a equipe. Dizer que o inglês fraco dos funcionários foi um grave impedimento para o processo é um eufemismo. Depois de um tempo, concordamos que Dennis precisava arrumar um intérprete que não fosse ele mesmo ou um membro de sua família, para que eu pudesse interrogar a equipe direito e encontrar respostas verdadeiras que não fossem filtradas pelo medo de dizer algo a um dos chefes.

Infelizmente, as informações sobre as contas também são mais complexas do que o que encontramos na noite passada. O dinheiro vai para várias contas alternativas. No fim de um dia longo e cansativo, tivemos que ligar para Wendy para ela descobrir onde finalmente chega o dinheiro, e às mãos de quem. Como acabamos de despejar tudo isso sobre Wendy, ela disse que precisa de pelo menos vinte e quatro horas para fazer suas coisas, seja lá o que isso signifique. Nós não perguntamos e preferimos não saber.

Deixo escapar um suspiro quando Skyler entrelaça os dedos nos meus e seguimos Dennis pelos degraus de concreto da casa de sua família. É palaciana. É uma casa térrea, com guarnição de mogno escuro misturado com uma superfície de estuque branco-gelo. Grandes vasos cheios de folhas de palmeiras e flores exóticas explodem em cores vibrantes, criando uma sensação acolhedora. A casa fica no alto de uma colina, com vista para a montanha que visitamos ontem.

Dennis bate na porta, o que imediatamente acho estranho. Paul e eu entramos direto na casa dos nossos pais. Talvez seja uma coisa cultural. Ainda mais estranho que isso é o fato de Paul estar atrás de Royce, Skyler e eu, em vez de ao lado do namorado. Eu não esperava isso, visto que ele disse que já conhece a família.

Skyler segura um buquê de flores, enquanto eu carrego a garrafa de vinho que compramos. Royce leva uma caixa branca com uma variedade de sobremesas deliciosas que encomendou no hotel para oferecermos à família de

Dennis. Paul, no entanto, fica para trás, mal-humorado. Mas está vestido para a ocasião: calça justa e camisa de manga curta. Skyler está usando um de seus muitos vestidos vibrantes. Este é uma mistura de verde, roxo e amarelo. Ela trocou os chinelos por uma sandália anabela alta com sola de cortiça. Royce, como sempre, está elegante, com um terno de linho e um par de sandálias de couro masculinas. Deixou pra lá a gravata e abriu os dois primeiros botões da camisa amarela impecavelmente passada. Eu estou vestido como o que chamo de “turista chique”. Calça de sarja bege, camisa branca justa aberta na gola e meu paletó esporte azul-marinho, combinando com mocassins de lona branca.

A porta se abre e uma mulher miúda abraça Dennis. Suas feições são semelhantes às dele. O cabelo e os olhos escuros, a forma do nariz e das maçãs do rosto claramente dizem que essa mulher é sua mãe.

— *Meu bebê!* — ela grita em português, abraçando-o com força.

— *Mamãe* — ele responde, também em português, mas logo muda para inglês, imagino que por nossa causa. — Que bom te ver.

Ela abre um sorriso largo e fala em inglês também, voltando o olhar escuro para nós:

— Sejam todos bem-vindos à nossa casa. Espero que estejam com fome! — diz gentilmente.

Paul rosna atrás de mim, mas, quando me volto para olhar para ele, sacode a cabeça e olha para longe. Parece que, seja o que for que o tenha irritado ontem, que o fez beber e conversar com a minha garota, ainda não passou.

Dennis e sua mãe vão na frente. Fico surpreso com a beleza ímpar da casa de sua infância. Cores vivas, texturas e estampas preenchem os aposentos do chão ao teto. Fica claro para mim que eles definitivamente tiram proveito de seus negócios de importação. Têm peças interessantes, móveis e esculturas que já vi em diversos países europeus, bem como itens de inspiração asiática — para não falar da mistura interessante de tapeçarias penduradas nas paredes, que eu chutaria que são do Oriente Médio e da Índia.

Descemos alguns degraus e encontramos uma dúzia de rostos. Algumas pessoas em pé segurando bebidas, outras enfiando a cara no que agora sei que se chama *pastel*, e duas sentadas no sofá. Um grupo de crianças passa correndo entre os adultos, gritando e rindo. No geral, parece um churrasco de família lá

em casa. O cheiro de pão fresco e carne grelhada permeia o ar, fazendo minha barriga roncar e minha boca se encher de água.

Skyler passa o braço em volta da minha cintura e espera que Dennis faça as apresentações.

— Pessoal, estes são os meus amigos dos Estados Unidos. Das últimas vezes que estive aqui vocês conheceram meu *amigo* Paul. Este é o irmão dele, Parker, e sua namorada, Skyler...

Uma das mulheres ofega, arregalando os olhos e cobrindo a boca com a mão. Dennis continua, impassível:

— E este é o Royce, amigo e sócio do Parker. Eles também estão aqui para analisar algumas questões de trabalho a meu pedido.

Dennis vai apontando para as diversas pessoas, dizendo seus nomes, mas minha mente está travada, repetindo a palavra “amigo”, que ele usou quando se referiu a Paul. Ele não disse namorado, companheiro ou parceiro, como eu esperava. Em casa, Paul apresentou Dennis como seu namorado e deixou bem claro que os dois mantinham um relacionamento, e bem sério. Meus pais ficaram chocados, como qualquer pai ou mãe ficaria se seu filho de repente anunciasse ser bissexual; e não só isso, se levasse para casa o namorado para apresentar à família. Mas foi diferente. E o que estou vendo aqui está acionando meus alarmes.

Tenho a impressão de que ou Dennis ainda não se assumiu para a família, ou não contou a eles que Paul é seu namorado.

Mas por quê?

Feitas as apresentações, uma mulher que se parece com Dennis e sua mãe, mas é definitivamente uma boa década mais velha que ele, chega e o abraça.

— *Meu irmãozinho* — diz.

A mulher é adorável. Seu cabelo escuro tem elegantes reflexos loiros. Ela é linda com sua pele bronzeada cor de mel. Deixa os braços de Dennis e, ainda segurando seu rosto, passa a falar em inglês.

— Estou vendo que você está muito feliz — diz e olha para Paul, que está à margem de nosso grupo, encolhido no fundo. — Será que tem algo a ver com esse seu homem bonito? — E indica meu irmão com o queixo.

Muito bem, então ele se assumiu para a família. Mas alguma coisa não encaixa.

Dennis olha para Paul por cima do ombro.

— Ele faz de mim o homem mais feliz do mundo, Raissa.

Ela dá um tapinha amoroso no rosto dele.

— Que bom. O meu irmãozinho merece a felicidade, independente do que nossos pais tenham a dizer sobre isso. Você sabe que pode contar comigo.

— *Sim, minha irmã, eu sei. Obrigado* — diz em português.

Reconheço a última palavra, que é um agradecimento.

Ela deixa seus braços, abraça Paul e sussurra algumas palavras em sua orelha. Ele anui, mas um lampejo de mágoa e dor atravessa seu rosto normalmente estoico. Está chateado, mas não quer falar sobre isso.

Skyler me cutuca.

— Meu bem, tem alguma coisa errada com o Paul.

Passo o braço em volta dos ombros dela e a puxo para meu peito.

— Eu sei, baby. Vou chegar ao fundo disso, mas tenho a sensação de que já sei o que está acontecendo.

Depois que a irmã de Dennis troca um aperto de mãos com Royce, ela se aproxima de mim.

— Parker, Skyler, ainda não fomos apresentados. Eu sou a Raissa, irmã mais velha do Dennis. É um prazer conhecê-los. E, Skyler, eu sou uma grande fã dos seus filmes. Vi todos eles legendados. Você é um verdadeiro presente para o cinema.

Skyler abre um sorriso radiante e aperta a mão dela.

— Venham comer e beber alguma coisa. Nós, brasileiros, temos a melhor comida do mundo — diz Raissa, com orgulho.

— Eu sei. O Dennis nos levou à praia de Copacabana ontem para tomar café da manhã, depois comemos guloseimas no Pão de Açúcar. E ontem à noite pedimos serviço de quarto... Meu Deus. — Sky esfrega a barriga. — Pedimos uma variedade de pratos brasileiros incríveis, um melhor que o outro. Eu vou ganhar uns três quilos pelo menos aqui.

Raissa sorri docemente.

— Bom, se você não ganhar seis, vamos ter feito algo errado.

Skyler e eu rimos e seguimos a mulher elegante até a cozinha. Uma vez lá, somos apresentados mais uma vez a sua mãe, Lucia, e seu pai, Cadu. Observo de perto enquanto Dennis interage com a família. Mas ele fica a uma boa

distância de Paul. Quando estávamos em Boston, eles eram quase inseparáveis; aqui, estão agindo como se houvesse um oceano entre os dois.

Paul acompanha o grupo de sala em sala em silêncio, não participa de nenhuma conversa. Isso, por si só, não é incomum nele, porque Paul geralmente ouve mais que fala. Mas é como se ele estivesse propositalmente tentando evitar chamar atenção.

Sendo um homem de família e não gostando da vibe que estou sentindo entre Paul e a maior parte da família de Dennis, parto para a briga com ousadia, me colocando ao lado de Skyler, que está conversando com Cadu e Lucia no amplo deque do lado de fora da casa. Eles estão perguntando a Sky sobre seu último filme.

Passo o braço ao redor de seus ombros e espero minha oportunidade. Aparece rápido quando Raissa entra na conversa e pergunta como estão as coisas em Boston. Em vez de dizer que há um psicopata tentando me matar e manter Skyler como escrava sexual, ou seja lá o que esse filho da puta deseja, mudo o assunto para Paul e Denny.

— Tudo ótimo. Meus pais estão muito animados pelo fato de o Paul estar firme com o Dennis. Eles se preocupam com os filhos, e, sabendo que o Dennis está cuidando do Paul como a Sky cuida de mim, minha mãe já está praticamente planejando os casamentos — digo, rindo.

O corpo inteiro de Paul se retesa. Dennis solta um longo suspiro e franze a testa. Mas eu continuo:

— Bom, claro que foi estranho no começo descobrir que o Paul tinha um namorado, mas todos nós gostamos tanto do Dennis que não poderíamos estar mais felizes.

— Park! — Paul rosna. Mas eu o ignoro e continuo:

— Ver os dois apaixonados é uma alegria para a minha mãe e para toda a família. O Dennis é incrível. Vocês criaram um grande homem. Eu vou ter sorte de tê-lo como cunhado um dia.

O deque fica completamente mudo. Todos os membros do clã Romoaldo param o que estão fazendo e olham para Cadu e Lucia.

Quase posso ouvir os grilos cantando mais além antes de sua mãe ficar tensa e, com uma expressão desprovida de emoção, olhar direto para mim e partir meu coração:

— O Dennis só vai se casar com o seu irmão por cima do meu cadáver. — Suas palavras fervem de tão intensas. — Eles não são um casal. Eles *nunca* vão ser um casal. Morda a língua antes de fazer insinuações blasfemas. O meu filho pode ter ficado confuso com os encantos do seu irmão, mas nós cuidamos dessa questão no seio da família. Ele nunca desonraria o bom nome da nossa família nem iria contra o nosso Deus com tal depravação.

— Mãe, pare, por favor. — Dennis tenta convencê-la a se acalmar.

Ela estreita os olhos ainda mais.

— Achei que tínhamos combinado que você não traria esse homem para a minha casa de novo. Eu desprezo tudo o que ele representa. Está tentando transformar o meu menino em algo que ele não é.

— Mãe, o Paul faz parte da minha vida. Eu concordei em não mencionar a minha orientação sexual e fingir na sua presença, mas isso não muda nada. Eu sou gay.

Lucia cobre as orelhas.

— Eu não vou ouvir palavras tão nojentas na minha casa!

Seu marido franze a testa e passa os braços em volta dela, falando algo em português enquanto a leva para dentro de casa.

— Que raio acabou de acontecer? — rosno, olhando para Dennis. — Você nos trouxe aqui sabendo que eles odeiam o meu irmão? Por que faria uma coisa dessas?

Skyler pousa a mão em minhas costas e as acaricia, em um gesto reconfortante. Ela me conhece bem.

Ao notar meu tom de voz, Paul se aproxima e pousa as mãos nos ombros de Dennis, em um gesto de apoio, acho.

— Não tem problema, Park. Isso acontece toda vez que chegamos. Nós simplesmente ficamos mais distantes um do outro, o que geralmente mantém a paz.

— Eu... Eu... Isso é ridículo! — solto. A raiva corre por mim a cento e cinquenta quilômetros por hora. — Você não pode fingir ser algo que não é. É absurdo. E eles te desprezam, Paul. Foi por isso que você ficou tão mal-humorado desde que soube que viríamos aqui — digo, quase cuspiendo as palavras. — Aliás, por que nós estamos aqui? — Sacudo a cabeça e corto o ar com a mão. — Dennis, me desculpe, mas a sua família é pirada.

Os olhos de Dennis brilham de lágrimas não derramadas, e todo o seu rosto fica cor-de-rosa.

— Você não entende. Eles ainda não conseguiram aceitar a minha orientação sexual. Eu tenho esperanças de que um dia aceitem. Acho que, quanto mais eles virem o Paul e eu felizes juntos, mais fácil vão aceitar, como a Raissa aceita — diz, apontando para sua irmã, cujo olhar triste está nele. Ela lhe joga um beijo, mas fica fora da conversa.

Malditos preconceituosos!

— Eu não gosto disso. Não vou ficar perto dessas pessoas, dividir uma refeição com uma família que *odeia* o meu irmão porque ele está apaixonado pelo filho deles. De jeito nenhum.

Respiro fundo várias vezes, olho para a cordilheira e vislumbro a estátua do Cristo ali, espalhando amor e unidade pela Terra, só não nesta casa.

— Se tem algo que sei que é verdadeiro nesta vida é que cada um de nós tem que ser honesto consigo mesmo. Esquecer as obrigações familiares. Quando você pega a mão da pessoa certa, da pessoa que te ama com todo seu ser, ela se torna sua família. Todos os outros são secundários.

— Parker... com o tempo eles vão entender — Dennis tenta de novo.

Mas eu não aceito isso.

— Desculpe, mas, até esse dia chegar, não posso ficar aqui. Eu não vou apoiar isso. Você sendo você em todos os aspectos eu apoio, Dennis. Mas isso não. Nunca vai acontecer de eu ficar sentado e aceitar o ódio que acabei de ver dirigido ao meu irmão por causa do amor e do relacionamento de vocês. Foi necessário um esforço enorme para o Paul descobrir que era bissexual e que estava apaixonado por você. E foi um grande esforço de novo quando ele te apresentou para a nossa família. Eles podem não ter entendido logo de cara, mas nunca espalharam ódio ou te trataram mal. Na verdade, eles aceitaram a informação sobre o Paul e abriram os braços para o homem que ele ama. Você precisa pensar nisso. A sua família precisa pensar nisso. Agora vamos embora daqui. Baby?

Pego a mão de Skyler e ela segura firme.

— Nós amamos você, Dennis — Skyler diz, mas me segue em direção à porta da casa.

Quando chego à porta, ouço a voz de Royce e olho por cima do ombro. Está abraçando Dennis e batendo forte em suas costas. O som ecoa sobre as abelhas furiosas que zumbem dentro da minha cabeça.

— Você tem muita coisa para pensar, meu irmão. Te vejo amanhã. — Ele dá um último tapa e vira seu corpo grande, seguindo em nossa direção.

Espero um momento enquanto Paul para diante de Dennis.

— Eu vou com eles. Você vem comigo ou fica? — pergunta ao namorado, o amor de sua vida.

E estende a mão para Dennis, que olha para os muitos rostos que o observam. Prendo a respiração e aperto os dentes, esperando para ver se Dennis fará a escolha certa na frente de toda a sua família.

Ele olha para a mão do meu irmão e fecha os olhos enquanto uma lágrima desliza em sua bochecha. Então pega a mão de Paul e leva a sua ao rosto do meu irmão.

— *Paulo*, eu vou aonde você for. Você é *minha família*.

7

SKYLER

O corpo quente deitado ao meu lado se mexe pela milionésima vez. Parker solta um suspiro pesado enquanto desliza os dedos pela minha coxa carnuda. Acho que ele nem percebe que está fazendo isso. Algo, definitivamente, está incomodando meu namorado. Ainda é cedo, e a luz do sol mal entra pela fresta das cortinas. Pouso a mão sobre o peito dele lentamente, beijando o lugar onde minha cabeça descansa enquanto mapeio seus músculos e sua pele macia.

Por alguns minutos espero para ver se ele vai dizer alguma coisa, aliviar o fardo que está lhe tirando o sono. Mas, como ele não fala, vejo que é hora de tomar a iniciativa.

— Meu bem, você passou a noite toda inquieto. Quer conversar?

O braço que está ao meu redor enrijece. Ele passa o outro braço por cima de mim, até que entendo o que está tentando fazer. Deito de lado, de frente para ele.

— Ontem à noite foi tudo uma merda — ele resmunga, cansado, com a voz rouca.

— Concordo — sussurro, mas espero que ele abra seu coração e sua mente e solte tudo de ruim que o está atormentando.

— Não é certo. O Paul e o Denny não deviam ter que esconder o relacionamento das pessoas que mais deveriam amar os dois.

Parker é um homem tão bom. Passou a noite preocupado com a situação do irmão e do companheiro dele. Deslizo dois dedos pelos seus lábios carnudos.

— Você tem razão. O amor verdadeiro é incondicional. Infelizmente, algumas pessoas têm a cabeça muito fechada. Acho que os pais do Dennis têm dificuldade de aceitar que o filho é gay.

— Mas por quê? Não é da conta deles com quem ele transa, a quem entrega seu coração.

Passo a mão pelo cabelo desganhado de Parker.

— É que, quando se vive em uma família unida, parece que tudo está aberto a julgamentos e conjecturas. A desvantagem de ter uma família amorosa e participativa é que todos acham que têm o direito de expressar seus gostos e desgostos em relação à nossa vida. Não que eu tenha muita experiência, além da Tracey.

Franzo a testa, pensando em como ficaram as coisas com ela no hospital. Sinto meu coração se apertar por saber que nosso relacionamento foi seriamente machucado, e não sei como lidar com as coisas que foram ditas.

Parker me arranca do poço de autopiedade:

— Os meus pais sempre se envolveram na nossa vida, pelo menos nos bastidores, torcendo por nós, sempre disponíveis se precisarmos deles. Mas nunca impõem seus pontos de vista. Nós tomamos nossas próprias decisões.

Tenho que rir quando penso na sra. Ellis.

— Não sei se isso é verdade, meu bem. A sua mãe se mete na sua vida e na dos meninos, assim como o seu pai. Só que dão mais apoio e são intrusivos de um jeito mais aceitável que a família do Dennis. Quando não é algo que possa machucar, o clã Ellis dá um passo para trás e deixa vocês cuidarem de tudo. Mas, quando você estava no hospital, a sua mãe forçou bastante a barra, pressionava todo mundo da equipe médica, às vezes até a mim — rio. — Encheu o saco do seu pai. Obrigava os meninos a fazer coisas que ela julgava apropriadas. Até mandou canja de galinha para a casa da Wendy do Mick quando fomos para lá, como se eles não tivessem uma equipe de cozinheiros ou não fossem capazes de cuidar da gente.

Ele sorri, e a luz do sol que entra no quarto atinge seu rosto, fazendo seus olhos azuis brilharem.

— Tem razão.

— Eu sei disso. E ela se meteu completamente no planejamento do casamento da Wendy, assim como a sra. Sterling. Essas duas juntas são

problema em dobro.

Parker franze a testa.

— Minha mãe não teve filhas, e a Wendy não tem mãe. Ela só quer ajudar.

— Sim, mas isso seria considerado intrusivo e irritante se a Wendy não fosse tão desesperada por atenção familiar. Como é uma coisa que ela quer e que necessita, a sua mãe fica feliz de poder lhe dar isso. Deve ser assim que a Lucia se sente em relação ao Dennis. Ela acha que ele está fazendo algo errado, e está se metendo, com mão firme, para se expressar. Meu bem, você pode dizer o que quiser, mas família é família. Cada uma tem seus métodos.

Parker se encolhe.

— O que aconteceu ontem foi cruel. Você está me dizendo que acha que ela estava certa?

— Não! Ela passou dos limites. O que estou tentando dizer é que ela deve achar que estava no seu direito.

— E isso me leva à próxima questão. Por que o Dennis nos levou lá? Não faz sentido.

— Se eu concordo com o jeito como eles encaram o fato de o Dennis e o Paul estarem juntos? De jeito nenhum. Ela disse coisas horríveis. Mas não podemos culpar o Dennis por desejar que a família dele aceite o homem da sua vida. Eu acho que ele nos levou lá na esperança que de eles aceitassem melhor a ideia, vendo com que facilidade a família do Paul aceita o relacionamento.

— Você acha?

Dou de ombros.

— É possível. Por favor, prometa que não vai tirar satisfações com o Denny, está bem? Ele já tem bagagem emocional suficiente para encher uma frota de aviões. Além disso, pratique o que você prega: se não quer que eles se metam no relacionamento do seu irmão e no modo como ele vive a vida, você precisa agir da mesma forma. É preciso dar o exemplo, certo?

Parker sorri, me pega pela cintura e rola para cima de mim. Abro as pernas e ele se acomoda entre elas.

— Caramba, minha mulher é esperta.

Ele passa o nariz ao longo do meu, se apoia nos antebraços e enrosca os dedos no meu cabelo, pousando a mão em minha cabeça. Um calor percorre todo o meu corpo agora que vejo a preocupação de Parker se esvaír.

Eu rio, e ele me dá selinhos.

— E incrivelmente linda... — continua e me beija de novo.

— Generosa e insaciável na cama...

Ele arqueia as sobrancelhas e mordisca meus lábios. Me beija profundamente quando começo a rir contra seus lábios entreabertos.

— E me ama. — Ele fecha os olhos e apoia a testa na minha. — Você realmente me ama. Nem acredito que é verdade.

Abro um sorriso largo.

— Amo profundamente, meu bem.

— Falando em profundo...

Ele esfrega sua ereção dura como aço em minha calcinha, e sou incapaz de ignorar o tesão imediato que corre pelo meu corpo e se acomoda entre minhas coxas.



Muito mais tarde, Parker está arrumando suas coisas para se encontrar com Royce na empresa da família de Denny quando ouço meu celular tocar na cômoda, do outro lado do quarto. O toque anuncia uma nova mensagem. Saio da cama sentindo meus membros lânguidos e meu corpo inteiro saciado. Sorrio para Parker enquanto passo por ele completamente nua.

— Cristo! — ele geme, com o olhar fixo em meu corpo.

— Lembre-se dessa palavra. Você me prometeu que vamos vê-lo antes de partir. Está na minha lista de desejos, de modo que você não pode dar para trás.

— Meu pêssego, desse jeito você pode me pedir o que quiser que eu faço.

Seus olhos brilham com calor e desejo renovados. Sorrio enquanto reviro a bolsa procurando o maldito celular. Pego-o e vejo que tenho uma série de mensagens de texto e voz que não vi desde ontem.

A primeira é de Rachel, e eu abro depressa, pensando em como deve estar Nate. Viajar poucos dias depois da explosão me deixou estressada, mas eu sei que era o melhor. Se estivermos longe, a pessoa que está tentando machucar a mim e a Parker não terá acesso ao seu alvo.

Rachel Van Dyken

O Nate acordou. Irritado como o diabo. Ficou louco por você estar longe sem ele. Fique bem. Diga ao seu soldado que é melhor você voltar para casa sem um arranhão, ou ele vai se ver conosco.

Sinto o peito se apertar enquanto releio a mensagem, e um tremor de felicidade por ele estar se recuperando. Um alívio intenso invade meu coração, que estava ferido por Nate. O fato de ele estar acordado e infernizando a esposa é um ótimo sinal. Não dá para neutralizar um homem como Nate Van Dyken por muito tempo.

— O Nate está se recuperando, meu bem! — grito para Parker.

Ele está diante do espelho do banheiro escovando os dentes. Vira e dá um sorriso cheio de espuma, depois deixa a escova presa entre os dentes para fazer sinal de positivo.

Volto para a cama e pego a camisa que ele usou na noite passada, vestindo-a sobre meu corpo nu. Olhando ao redor, vejo minha calcinha assomando por baixo da colcha nos pés da cama. Com um rápido movimento e um pulinho, visto-a sob a camisa. Vejo a mensagem seguinte enquanto sento na cama e passo os dedos em meu cabelo desgrenhado pela noite de sexo e sono. Esta é de Tracey. Respiro fundo. Pensar nela faz lágrimas brotarem.

Tracey Wilson

Odeio estarmos brigadas. Fui à IG para te ver e ninguém me disse onde você está. Estou preocupada, Passarinha. Me ligue, por favor.

Há outra mensagem dela logo depois:

Tracey Wilson

Segui seu conselho e voltei para casa. Estou em Nova York. Você tem todos os meus números. Por favor, me ligue. Preciso saber se você está bem. Eu te amo.

Ela me ama.

Sinto a garganta seca enquanto tento digerir suas palavras. Se ela me amasse, seria mais compreensiva e apoiaria minha relação com o homem com quem pretendo dividir o resto da minha vida. Estamos comprando uma casa, adotamos animais. Ele nunca, jamais vai embora. Por que ela não consegue ver isso e ficar feliz por mim?

Tracey foi a única família que eu tive durante a maior parte da vida, especialmente depois que meus pais morreram. Quando aquele barco explodiu, pensei que tivesse perdido tudo. Minha melhor amiga não mentiu quando disse que me ajudou a levantar. Bem, ela e Johan.

Johan.

A pessoa em quem eu mais confiava no mundo fornecia drogas e mulheres ao meu namorado. Tudo porque ela achava que ele não era digno de mim. Agora ela acha que Parker vai fazer o mesmo, ou algo parecido. Não há nada que ela possa lhe oferecer que faça Parker aceitar um centavo ou me trair. Ele teve a oportunidade de transar com Alexis em Montreal e não aceitou a oferta. E, tecnicamente, na época, achava que não estávamos mais juntos. Mesmo assim, permaneceu fiel a mim e ao nosso amor. Ele estava magoado, arrasado pelo que achava que eu havia feito com Johan — ou melhor, pelo que Johan insinuara ter feito comigo —, mas foi fiel. Por que Tracey não consegue ver que ele me ama profunda e completamente? Que nosso futuro é juntos? Sou feliz por causa dele. Muito feliz, com toda uma linda vida pela frente, e minha melhor amiga não consegue entender isso.

Por quê?

O celular toca em minha mão. Baixo os olhos. Meu coração começa a bater forte e gelo corre pelas minhas veias quando vejo o remetente desconhecido. Puxo a colcha para o peito e leio a mensagem.

Apareça, apareça, onde quer que você esteja.

— Parker! — grito.

Ouçõ alguma coisa cair no balcão do banheiro e ele vem em minha direção. Os filhotes notam o movimento e pensam que é hora de brincar.

Correm atrás dele, beliscando seus calcanhares.

— Que foi? — pergunta.

Eu pulo da cama e o abraço, tremendo como uma vara verde.

— Ele voltou.

— Quem voltou, baby?

Eu o libero de meu abraço de urso e lhe entrego o celular. Ele lê a mensagem, e seu maxilar se transforma em pedra, assim como seu olhar. Clica alguns botões e leva o telefone à orelha com uma mão, enquanto com a outra me pega pela cintura. Parker me acompanha nos poucos passos necessários para chegar até a cama e nos sentamos.

— A Skyler acabou de receber outra mensagem. Consegue rastrear? — grita ao telefone. — Ponha o Paul na linha, Wendy — ordena.

Então volta o rosto para mim e diz:

— Está tudo bem, baby. Você está segura aqui. Nós estamos muito longe de Boston. Nada vai acontecer com você.

Assinto, mas travo os braços em volta de sua cintura e pressiono o rosto contra seu peito. Seu coração está batendo depressa, mas ouvi-lo me acalma um pouco.

— Sim, ela recebeu outra mensagem. Não sei, vou ver. Me dê um minuto.

— Ele aperta o botão do viva-voz e segura minha mão, que está agarrando sua lapela. — Sky, preciso pegar meu celular.

— Ah, desculpe.

Ele sorri e beija minha testa.

— Nunca se desculpe por se agarrar a mim como se sua vida dependesse disso.

Ele me dá uma piscadinha e um de seus sorrisos sensuais. Isso ajuda a aliviar meu medo, mas não completamente a ansiedade. O que ele não percebe é que eu não tenho medo por mim. É por ele. Eu não suportaria se algo acontecesse com ele porque há um maluco obcecado por mim.

Parker me desloca um pouco, mais para seu lado que seu peito, e tira o celular do bolso. Desliza o polegar e a tela ganha vida, mostrando que recebeu um monte de mensagens. Meu coração dispara e quase piro quando vejo o revelador “desconhecido” em sua lista de mensagens recebidas.

Abraço-o e respiro fundo, enquanto ele abre a mensagem e a lê para Wendy e Paul.

Você não aprendeu a lição. Agora eu vou te machucar do jeito que você me machucou.

— Que merda significa isso? — Parker diz, rangendo os dentes, desligando o viva-voz e colando o celular na orelha. — Ele explodiu meu apartamento, ateou fogo na cobertura da Skyler, quase matou o Nate e está assustando a minha mulher! — ruge como um urso ao telefone. — Puta que pariu!

Fecho os olhos e rezo para que, seja qual for a ameaça dessa pessoa, não chegue ao homem que amo. O que ninguém sabe é que, se pudesse, eu me entregaria de bom grado em uma bandeja de prata para evitar que Parker sofra qualquer mal.

— Outro maldito pré-pago não rastreável? Ótimo. Tente ver por quais torres de celular passou o sinal. Sim, não deu em nada da última vez — ele diz em tom sarcástico, quase condescendente.

Ele ouve por um instante, então deixa os ombros caírem e me aperta mais forte.

— Desculpe, Wendy, eu não quis pressionar. Você está fazendo tudo o que pode, eu sei. Me ignore, só estou frustrado. Sim, todos os nossos rastreadores estão no lugar — diz, com voz mais suave. — Estamos tomando todas as precauções. — Lentamente, abre um sorriso. — Não sei quando vamos voltar para casa. Acho que daqui a alguns dias. Paul, alguma coisa dos seus amigos?

Seu corpo enrijece e ele endireita a coluna.

— É mesmo? Interessante. Quem conversou com ele? Ótimo. Me mande por mensagem o nome e a foto da pessoa, se tiver. — Ele ri. — Claro que você tem. Que idiota. Desculpe, abusada. Sim, sim, eu vou dizer a ela. Consiga a informação para mim. Paul, você vai estar aqui em trinta minutos? Até já, então. Eu entro em contato, Wendy.

Parker desliga o celular e vira de lado para poder segurar minhas duas faces e me olhar nos olhos.

— Primeiro, vai ficar tudo bem. Você acredita em mim?

Lambo os lábios e assinto, procurando em seus olhos azul-claros qualquer indício de dúvida, mas não encontro nenhum.

— Segundo, a Wendy e o Paul estão à caça. A Wendy vai encaminhar as mensagens à polícia.

Solto o ar que estava segurando.

— Terceiro, conseguiram localizar o instrutor da CIA que tem quase a mesma assinatura da bomba que foi usada no meu apartamento. Ele concordou em dar uma olhada no que nós temos e ver se pode nos dar alguma informação para prosseguir.

Uma onda de entusiasmo me percorre, aliviando o medo que estava cravando as garras em minhas entranhas.

Ele desce as mãos pelos meus ombros e braços até minhas mãos e as aperta.

— O instrutor está aposentado e, veja só, mora na Flórida. A equipe do Paul está enviando as informações para ele agora mesmo. Logo, logo nós vamos ter mais dados.

— Que ótima notícia, meu bem.

Parker se inclina para a frente e toma meus lábios em um beijo suave e cheio de significado. Mas é um beijo breve.

Ele pega o celular, examina a mensagem e franze a testa.

— O nome do instrutor é Trevor Wilson. Aposentado há cinco anos. Ele e a esposa...

— Laura... — digo, ofegante.

Tudo ao redor começa a escurecer quando ouço esse nome. Minha visão se estreita nos olhos azuis de Parker. Estrelas cintilam em minha visão periférica, e meu coração bate forte e rápido. Não consigo recuperar o fôlego.

Parker estreita os olhos e pousa a mão em meu rosto.

— Respire, Skyler. Respire fundo. Olhe para mim. Olhe nos meus olhos.

Eu o ouço falar, mas o som sai abafado, como se estivesse falando com um travesseiro sobre a boca.

Não consigo respirar! Estou me afogando, mas não estou na água.

A escuridão vai e vem. Pisco várias vezes, sentindo o corpo pesado, como se houvesse uma tonelada de tijolos sobre meu peito.

— Skyler, olhe para mim. Respire fundo! — A boca de Parker se mexe, mas ouço sua voz ao longe e uma intensa tontura me domina. — Respire, caramba!

Sua voz está ficando mais alta. Com uma mão ele esfrega meu peito, com a outra me segura na vertical.

— Vamos, baby, volte para mim!

As bordas escuras do quarto recuam lentamente. Já posso ver mais claramente o espaço. Ofego, puxando o ar e me agarrando aos ombros de Parker com as duas mãos, cravando as unhas nele.

— É isso aí... Muito bem — ele balbucia, com uma das mãos apoiando meu rosto. — Respire fundo, Sky. Devagar. Se concentre na respiração. Inspire e expire, devagar.

Olhando fixamente para Parker, faço o que ele diz, deixando o ar precioso entrar e sair de meus pulmões até a tontura diminuir e meu ritmo cardíaco voltar ao normal.

— Desculpe...

Engulo em seco e as lágrimas embaçam minha visão. Rolam pelo meu rosto enquanto ele me pega nos braços e me puxa até que estou em seu colo, com as pernas em volta de sua cintura, sentada sobre suas coxas.

— Meu Deus, Sky, você me assustou. — Ele esfrega minhas costas para cima e para baixo e enterra o rosto em meu pescoço, me dando vários beijos. — Você teve um ataque de pânico, baby, mas não sei por quê.

Lambo os lábios e concentro a respiração, como aprendi nas aulas de ioga. Preciso voltar para a ioga; vai me ajudar a lidar com toda a loucura que está acontecendo na minha vida.

— Sky, você precisa me dizer por que ficou apavorada.

— Não sei.

— Então pode me dizer como sabia o nome da esposa de Trevor Wilson?
— pergunta baixinho em minha orelha.

Meu rosto está pressionado contra o dele enquanto o abraço forte.

— Meu bem, Trevor e Laura Wilson são os pais da Tracey.

Ele recua o peito um pouco para poder me olhar nos olhos.

— Como é?

— Esse é o nome dos pais dela. O pai era militar há muito, muito tempo. Eu sabia que ele trabalhava para o governo, mas ninguém nunca me disse que era na CIA. Eu só sabia que ele ganhava muito dinheiro e que a mãe da Tracey não precisava trabalhar.

Parker olha para mim. Abre e fecha a boca, mas não diz nada.

— Meu bem, e se... e se quem está fazendo isso conosco na verdade estiver tentando atingir a Tracey? Ah, meu Deus! — Cubro a boca com a mão e sufoco um soluço. — Eu disse que não precisava dela na minha vida. Nós tivemos uma briga feia antes de irmos para a Espanha, e ela foi ao hospital e eu fui má com ela, meu bem... tão má. E agora ela pode ser um alvo! Por minha causa.

Parker segura minha cabeça, me puxa contra seu peito e me abraça enquanto eu penso nas ramificações dessa situação.

— Nós vamos descobrir isso também. Não se preocupe com a Tracey. Vamos cuidar da sua amiga, especialmente depois de conversarmos com o pai dela. Enquanto isso, vamos falar com ela para que saiba o que está acontecendo e possa tomar precauções.

Assinto encostada em seu pescoço. Levanto a cabeça e limpo o nariz na manga da camisa.

— Baby...

— Sim — murmuro, preocupada demais porque quem quer que esteja atrás de mim e Parker pode estar atrás da minha melhor amiga também.

— Essa camisa é minha, e você está limpando o nariz e as lágrimas nela.

Ele sorri e mexe as sobrancelhas até me fazer rir alto, liberando um pouco do estresse que sobrecarrega meu corpo emocional e fisicamente.

— Ah, aí está minha linda garota. Você é linda o tempo todo, Sky, mas ilumina o mundo quando sorri.

— Estou com medo pela Tracey, meu bem — admito, com a respiração trêmula.

Ele me abraça de novo e beija meus lábios.

— Não precisa. Eu vou entrar em contato com a Wendy e o Paul para passar essa nova informação. A Wendy vai falar com a Tracey.

Franzo a testa.

— Não é melhor eu falar?

Ele puxa o ar por entre os dentes, provocando um assobio.

— Na verdade, nós somos os alvos. Não sei se é uma boa ideia mantermos contato... Poderíamos fazer dela um alvo também. Vamos pedir para a Wendy avisá-la. Depois, quando soubermos que é seguro, entramos em contato diretamente com a Tracey.

Instantaneamente, parece que todo o peso do mundo está sobre mim.

— Tudo bem. Por favor, me avise quando eu puder falar com ela.

— Independente de qualquer coisa, não diga a ela onde você está. Quanto menos ela souber, mais segura estará.

Eu assinto.

— Certo, baby. Ligue para a Wendy e o Paul. Vou tomar um banho. Posso ir com você à empresa hoje? Não quero ficar sozinha.

Tento me levantar, mas Parker me abraça apertado.

— Você nunca está sozinha, Skyler. E nunca mais vai ficar. Nunca mais.

8

PARKER

O chuveiro está ligado, e posso ouvir a porta do box abrir e fechar. Aperto as teclas do celular e ligo para Wendy.

— Recebeu a informação, chefe? — ela pergunta instantaneamente.

— O instrutor é o pai da Tracey Wilson.

A linha fica muda.

— Wendy?

— Estou só processando a informação. Isso é pesado, chefe. Talvez nós tenhamos assustado a nossa garota. Caramba... o pai da melhor amiga dela? Você acha que foi ele que fez a bomba?

Aperto os dentes.

— Confira tudo. Descubra se ele saiu da Flórida nos últimos meses. Quero saber cada vez que ele deixou a cidade. Cheque ligações, cartões de crédito, tudo.

— Pode deixar.

— E faça o mesmo com a Tracey. Eu quero saber tudo. Ela disse para a Skyler, por mensagem, que voltou para Nova York. Verifique isso também. E eu preciso que você ligue para ela e conte que a pessoa que está atrás de mim e da Sky usou a assinatura do pai dela para fabricar a bomba. Avalie a reação dela e grave tudo. Eu quero ouvir também.

— Parker, o jeito como você está falando, o que está me pedindo... Você acha que a Tracey tem algo a ver com tudo isso? As mensagens, o incêndio, a bomba?

A expressão presunçosa de Tracey da última vez que a vimos, antes de irmos para a Espanha, passa pela minha cabeça.

— Honestamente, neste momento, tudo é possível. Só sei que ela tinha acesso à cobertura e ao número do celular da Skyler, mesmo depois que mudou, e a assinatura do pai dela está naquela bomba.

— Sim, mas, bancando a advogada do diabo, o Wilson ensinou muitos agentes da CIA que podem ainda usar as técnicas dele. A bomba pode ter sido construída por qualquer um.

— Talvez a Tracey tenha contratado alguém para fazer isso por ela — digo com raiva e percebo que estou falando alto.

Olho para o banheiro para ter certeza de que Skyler não me ouviu. O chuveiro ainda está ligado, e o vapor sai pela porta aberta.

— É verdade. Acho que ela pode ter feito isso. A questão é: por quê?

Esse é o problema. Elas são grandes amigas. A Tracey não tem motivos para querer machucar a mim ou à Skyler. Ela fica o tempo todo dizendo quanto ama a Sky.

— Estou pensando no motivo. Há algo que não encaixa. Preciso pensar nisso depois de ter notícias sobre essa nova conexão. Enquanto isso, avise a Tracey. Faça a sua investigação sobre ela e o pai, Trevor, e me informe o que descobrir. Vou falar com o Paul quando ele chegar aqui.

— Pode deixar, chefe.

— Ei, você conversou com a Annie?

Um suspiro atravessa a linha.

— Eu tentei, a Kendra tentou... O Bo foi até o apartamento dela. Sabia que ela mora em um cubículo em uma área bem caída da cidade?

— Não sabia.

— Sim, ela mora, e não quis falar com o Bo. Parece que a maior parte do que ela ganha vai para a clínica onde a madrastra está internada. De acordo com os registros médicos da mulher, que eu hackeei, ela é rabugenta e malvada. Joga coisas nos funcionários e enfermeiros, cospe nas pessoas. E a Annie paga a metade que a aposentadoria da mulher não cobre e visita a víbora toda semana.

— Jesus.

— É muito triste. A mulher a tratou como lixo, física e mentalmente, durante a maior parte da vida, e a Annie cuida dela como se fosse sua

obrigação. Acho que qualquer família é melhor que nenhuma, mas para mim família é você quem faz. Você tem que receber amor para dar.

Suspiro e passo os dedos pelo cabelo. A campainha da suíte toca.

— Tem razão. Preciso desligar, o Paul chegou.

— Ligo de volta quando souber mais sobre a Tracey e o pai dela.

— Perfeito. E me mantenha informado sobre qualquer progresso com a Annie.

— Sim. Mas acho que a única pessoa que vai conseguir algum progresso nessa frente é a Skyler. A Annie está envergonhada e magoada. E, quando uma coisinha tímida como ela perde a pessoa que a fazia se sentir alguém, não é fácil jogar tudo para baixo do tapete e voltar ao modo como as coisas eram antes.

A campainha toca de novo. Vou em direção à entrada, fechando a porta do quarto para que Sky possa se vestir com privacidade.

— Eu entendo. Mas continue tentando. Vou mandar uma mensagem e pedir para a Sky mandar também, dizendo que queremos falar com ela nas próximas semanas, quando voltarmos a Boston.

— Boa ideia, chefe. Fique bem, cuide da nossa garota e de você — diz ela, rindo.

— Tchau, abusada.

Encerro a ligação enquanto abro a porta do quarto. Paul está parado ali, e sua expressão é dura como pedra.

— Oi — digo, mantendo a porta aberta.

Ele só inclina o queixo e entra, todo rígido.

— Tenho algumas novidades sobre o instrutor que preciso compartilhar com você. O enredo está se complicando, irmão — digo.

E durante os dez minutos seguintes falo sobre o que Skyler me contou e sobre o estado atual de seu relacionamento com Tracey.

— Você acha que ela pode ter feito isso? — pergunta Paul, com a voz abafada.

Olho para a porta do quarto para me certificar de que ainda está bem fechada.

— Talvez. Ela tem acesso aos nossos números de telefone, à cobertura da Sky, à agenda dela. Merda, provavelmente poderia até rastrear o jato que pegamos.

Admitir isso em voz alta provoca uma descarga elétrica em minha nuca. Aperto os punhos e respiro fundo, sentindo raiva e temendo pela segurança da minha namorada. Ela está aqui; Tracey está lá.

— Eu percebi algo estranho na mulher quando ela foi ao hospital, na época em que você estava internado. Ela fez um comentário que não fez sentido naquele momento, mas faz um pouco agora, considerando essa informação.

— É? O que ela disse? E como é que ela sabia que nós estávamos lá, afinal? A Skyler me disse que a Tracey estava esperando havia horas, mandando mensagens, mas que ela ignorou todas. Como ela sabia o que aconteceu e em que hospital estávamos?

— A menos que ela estivesse assistindo ao show de camarote — Paul sugere.

— Talvez. Então, o que ela falou?

— Quando eu estava impedindo a Tracey de encostar na Skyler, a mulher agiu como se a Sky fosse filha ou namorada dela, não só melhor amiga. E, irmão, eu já vi mulheres chegadas.

— Bom, elas são chegadas. A Tracey foi tudo que a Skyler teve por muito tempo. Também é uma das únicas constantes na vida da Sky, especialmente desde que os pais dela morreram, há três anos.

— Os pais da Sky morreram? — Paul interrompe.

Inclino a cabeça.

— Sim, por quê?

— Morreram como?

Por uma fração de segundo, não consigo respirar. Não consigo nem formar as palavras quando as partes desconexas começam a se juntar, criando uma imagem incompreensível.

Lambo os lábios e murmuro:

— Explosão de barco.

Paul retesa o maxilar. Vejo um músculo pulsar ali.

— Park...

— Caralho! — Passo os dedos pelo cabelo e começo a andar de um lado para o outro. — Uma maldita explosão. Não pode ser coincidência.

— O que dizia o relatório policial?

— Não sei exatamente, só o que a Skyler me contou. Parece que não chegaram a uma conclusão definitiva. Alegaram uma possível combinação de vazamento de combustível com outros agentes químicos, que teriam reagido e provocado a explosão. O iate era pequeno, estava em alto-mar quando explodiu levando os pais dela, a tripulação e o capitão.

Paul pega seu celular e clica na tela.

— Eu preciso ver esse relatório — rosna e aponta para mim antes de levar o telefone à orelha. — Oi, é o Ellis. Eu preciso que você procure um relatório policial. Quando aconteceu? — pergunta, se dirigindo a mim.

— Há três anos e meio, quase quatro. O nome dos pais dela era Jill e Steven Lumpkin.

Paul repete os nomes e a data ao seu interlocutor.

— Levante tudo que puder sobre a morte deles. Eu quero saber tudo, cara. Não deixe pedra sobre pedra.

No instante em que ele encerra a ligação, paro de andar de um lado para o outro e me sento no encosto do sofá — me preparando ou me segurando, não sei bem. Só sei que, se o que estamos pensando for verdade, minha mulher vai ficar arrasada.

— Você tem que me prometer manter isso em segredo.

Paul franze a testa.

— Que parte?

— Tudo. Até o seu colega falar com o Wilson e você conseguir analisar o relatório sobre o barco, não quero que a Sky saiba.

Paul estreita o olhar, e sua voz ganha um tom de advertência:

— P-Drive... Não é uma boa ideia esconder as coisas da sua mulher. Posso não ter uma mulher, e sim um homem, mas é a mesma coisa. Isso nunca funciona a nosso favor, mano.

— Ela teve um ataque de pânico hoje de manhã quando pensou que a Tracey poderia estar em perigo.

Ele esfrega a nuca e puxa o ar por entre os dentes.

— Isso não é bom.

— Não mesmo. Não vou dar mais motivo de preocupação a ela pensando o pior sobre sua melhor amiga. Se a Tracey estiver envolvida nisso de alguma maneira, nós vamos descobrir. Só isso já vai acabar com a Skyler. Se a mulher

tentou me matar, mandou aquelas mensagens e teve alguma coisa a ver com a morte dos pais dela, meu irmão, a Skyler vai enlouquecer. Quero que ela esteja em casa, onde temos todo o apoio e o amor dos nossos amigos e familiares. Ela vai precisar da Wendy, da mamãe e do restante da equipe para ajudá-la a aceitar algo dessa magnitude, entendeu?

— Sim, eu entendo. Só não gosto disso...

— E eu não gosto de suspeitar de que a melhor amiga dela tentou me matar e possivelmente é responsável pela morte dos pais dela! Nós precisamos de mais informações. Precisamos de uma maldita prova antes que a Sky ouça qualquer coisa a respeito disso. Acredite, eu conheço a minha mulher. Sei o que ela pode ou não suportar. Isso vai acabar com ela. Nós temos que ter cem por cento de certeza.

Paul anui e eu sinto um alívio no peito.

— Tudo bem — diz. — Vamos dar um passo de cada vez até saber exatamente quem é o responsável.

— É isso aí.

Estendo a mão e Paul a aperta. Nesse momento, Skyler entra vestindo uma saia lápis ajustada, blusa sem mangas e sandálias de salto alto. Está deliciosa.

A fera percebe, e tenho que morder a bochecha para não ficar de pau duro vendo minha namorada em sua versão profissional.

— E aí, Paul! — ela diz alegremente. Vai rebolando sua bundinha firme até meu irmão e joga o peito contra o dele para cumprimentá-lo calorosamente.

Paul sorri para mim por cima do ombro dela e beija o rosto da minha mulher.

— Oi, mana. Tudo bem?

Ela se afasta e faz uma careta, torcendo os lábios.

— Tudo uma merda. Como o Park deve ter te contado, agora a minha melhor amiga pode estar em perigo. O risco está aumentando, e isso me assusta — confidencia, como se estivesse contando a ele seus segredos mais íntimos.

Meu irmão provoca isso nas pessoas: faz com que queiram se abrir e contar seus problemas. Acho que por isso ele é tão bom em interpretar as pessoas. Metade das vezes elas baixam a guarda depois de algumas conversas com ele.

— Querida, ela vai ficar bem. Nós vamos garantir isso. Não preocupe essa sua linda cabecinha, tá?

— Por que vocês dois têm mania de dizer isso? Se eu fosse outro tipo de mulher, dizer para eu não preocupar minha linda cabecinha me deixaria puta da vida. Como eu sei que vocês são dois machos alfa possessivos que querem o melhor para mim, vou dar um desconto. Mas acho que vocês deviam tomar cuidado. Muitas mulheres podem levar a mal esse tipo de comentário e querer arrancar a linda cabecinha de vocês!

Paul olha para mim, joga a cabeça para trás e cai na risada.

— Mana, você é demais. Você está feito com essa mulher, irmão. Ela vai te dar muito trabalho.

Sorrio, pego a mão da minha mulher e a puxo contra meu peito.

— E muitas possibilidades. Eu sou um homem muito feliz.

Skyler desliza a mão pelo meu peito em um gesto carinhoso.

— Bom, agora que o meu soldado particular está aqui... muito obrigada, Paulie... acho melhor irmos. O Royce e o Dennis estão nos esperando.

À menção de Dennis, meu irmão franze a testa.

— Paul, desculpe pela noite passada. Eu não devia me meter daquele jeito. Mesmo tendo mil justificativas, porque acho que eu estava certo, nenhum de nós, nem mesmo a nossa família, tem que se meter no que você e o Dennis fazem. Eu devia ter apoiado mais vocês dois. A Sky me ajudou a enxergar que o Dennis não quis te constranger. Ele só quer que a família te conheça e, por extensão, a nós. Ver que todos nós aceitamos o relacionamento de vocês talvez fizesse os pais dele aceitarem também.

— Parker... — ele tenta me interromper, mas não permito.

— Não, não foi legal da minha parte dar a minha opinião, embora seja cem por cento certa. Não era minha casa nem meu direito. A Sky me fez perceber que eu fiz a mesma coisa que eles fizeram com você e o Dennis: eu julguei. Não concordo com nada do que eles disseram, e fere a minha alma saber que eles não aceitam as escolhas do Dennis, uma vez que você é a maior parte dessas escolhas. Mas, no futuro, vou ficar na minha ou falar com você primeiro.

— Park, se você calasse a boca...

Fecho a boca e a aperto. Skyler me pega pela cintura, e noto que está prendendo a respiração de novo. Sempre preocupada comigo, mas ao meu lado, como minha âncora.

— O que eu queria dizer é obrigado. Você ficou do meu lado, pôs a mim e o Dennis em primeiro lugar. Ninguém naquela casa, além da Raissa, pensou na gente ontem. Foi a quarta vez que estive lá, e fui recebido com frieza e ignorado. O Dennis fica tentando fazer os pais dele gostarem de mim, mas isso nunca vai acontecer. Enquanto não mudarem a maneira de pensar, eu sempre vou ser considerado uma mancha na família.

Uma mancha.

— Você é um herói, um homem que luta pela liberdade das pessoas. Tudo que você representa é bom, honesto e dedicado. Se eles não querem uma pessoa assim com o Dennis, que se fodam!

Paul dá uma risadinha.

— Que bom que você pensa assim, mano. Eu tenho muito orgulho do meu irmãozinho também. Mas tudo isso está magoando o Denny, e é algo que eu não posso deixar acontecer. Estamos trabalhando nisso, mas por enquanto acho que a única coisa a fazer é o Denny se mudar para os Estados Unidos. Primeiro, porém, nós temos que descobrir o que está acontecendo na empresa dele e resolver esse probleminha, certo?

— Sim... está bem. Eu vou deixar isso pra lá. Por enquanto.

— Obrigado. — Paul sorri e se dirige à porta.

Skyler pega sua bolsa e me entrega meu paletó esporte. Ela vai até o bar, despeja duas garrafas de água nas tigelas dos cachorros e reabastece a ração. Eles correm do sofá para os potinhos.

Paul espera na porta enquanto Skyler acaricia nossos cães.

— Tchau, bebês. Mamãe e papai voltam logo. Procurem não destruir tudo — diz.

Nós tivemos muita sorte. Eles não roem muitas coisas. Costumam brincar um com o outro e dormir quando estamos fora. E, quando voltamos, estão cheios de energia.

— Podemos passear com eles na praia hoje à noite? — pergunta Sky quando chegamos à porta.

— Sim, baby. Podemos sair com eles.

— Oba! — Ela bate a ponta dos dedos.

Passo o braço por sua cintura e a guio até os elevadores, com Paul atrás de nós.

— Minha bobinha.



— Bia Acosta. Nunca ouvi esse nome. — Dennis empurra para cima seus óculos de armação preta enquanto observa o nome da titular da conta e as folhas que Wendy nos mandou por e-mail.

Wendy está no viva-voz, enquanto Royce, Dennis, Paul, Skyler e eu estamos ao redor do telefone na sala de reuniões.

— Eu investiguei. Ela tem dois filhos pequenos. Clarissa, uma menina de dois anos, e Fabian, de cinco. Gente, odeio dizer isso, mas a coisa só piora. — A voz dela é tensa, talvez até sentida.

— Wendy, por favor, continue. Eu estou bem. Confuso, mas bem — Dennis diz.

Ele pragueja baixinho e continua olhando para o aparelho preto em cima da mesa e para mais ninguém.

Paul pousa a mão no ombro dele. Seu corpo é um verdadeiro pilar de força, enquanto Dennis passa os braços ao redor de si mesmo e se apoia na mesa.

— Bom, as duas crianças têm como mãe essa Bia Acosta. O outro nome na certidão de nascimento é... Ah, desculpe, Dennis. O outro nome é Fabian Romoaldo.

— O quê?! — ele exclama.

Sua voz sai tão alta que me surpreendo, assim como Skyler, que pega minha mão instantaneamente.

— O Fabian tem três filhos, a Andreia, a Brígida e o Able, com a esposa dele, Izabel. Eles são casados há mais de dez anos, e felizes. Você deve estar enganada.

Fecho os olhos. Sei que Wendy não teria jogado essa bomba se não tivesse checado três vezes a informação.

— Desculpe — ela sussurra ao telefone. — As três contas fantasma alimentam várias outras, e todo o dinheiro vai parar em uma única conta. A titular dessa conta é Bia Acosta. Eu tenho o endereço dela, fotos e números de

telefone. Enviei para vocês em outro e-mail. Todas as despesas delas são pagas com o dinheiro dessas contas. Lamento, Dennis. Sinto muito.

— Menina, nós cuidamos do resto. Obrigado. — Royce aperta o botão para encerrar a ligação.

— Eu não entendo. O meu irmão é casado com a namorada da época da escola. Eles têm três filhos. Ele não pode ter uma amante e mais dois filhos. Meu Deus, isso é loucura. Não, não, não é possível.

— Ligue para ele — digo. — Vamos esclarecer isso.

— Meus pais estão aqui, cumprimentando os funcionários como fazem todo mês! — Dennis responde, arrasado.

— Traga todos aqui. Vamos resolver isso. Royce, abra as fotos que a Wendy pegou nas redes sociais.

— F-Fotos? — Dennis engole em seco e leva a mão ao peito, cobrindo o coração.

Royce aperta um botão no telefone para ligar para a recepcionista.

— Oi, aqui é Royce Sterling, na sala de reuniões. Estou com o Dennis, e ele gostaria de falar com o Fabian e os pais deles. Ouvimos dizer que eles estão no estoque. Pode pedir que venham à sala de reuniões? — Ele sorri. — Ótimo. *Obrigado.*

Paul leva Dennis até uma poltrona de couro. A grande mesa da sala de reuniões comporta bem uma dúzia de pessoas. Com Dennis acomodado, ficamos sentados e esperamos os dez minutos que o irmão e os pais dele levam para chegar.

— O que significa isso? — Cadu pergunta, com uma pitada de raiva na voz.

— Você finalmente caiu em si, *meu filho*? — Lucia se dirige a Dennis, mas fuzila Paul com o olhar.

Tenho vontade de lhe dizer mais um monte de verdades, mas sei que os próximos minutos serão muito difíceis para a família. Não precisam que estranhos se metam em seus problemas mais do que já estamos metidos.

— Mãe, pai, Fabian, sentem — Dennis ordena, com mais confiança do que eu esperava. Parece que ele encontrou forças.

Quando os três se sentam, Dennis levanta. Vai até Royce, que lhe entrega cópias da documentação que reunimos.

— Eu chamei vocês aqui para mostrar algumas coisas perturbadoras que descobri sobre os nossos negócios e a nossa família.

— Não há nada de errado com a empresa — Fabian replica. — Você está procurando problemas que não existem. Mãe, pai, vocês sabem que eu administro a empresa tão bem quanto vocês. Eu aprendi com os melhores.

Lucia dá um tapinha na mão dele.

— *Nós sabemos, meu menino.*

— Em inglês, por favor. — Dennis franze a testa.

— Filho, nós estamos aqui para te ajudar a enfrentar seus demônios, esses que te dizem para fazer o que é errado — diz Cadu. Sua expressão demonstra preocupação paterna quando ele olha para Dennis.

O namorado do meu irmão aperta os lábios.

— O problema aqui não sou eu. Eu sei que vocês acham que sou a ovelha negra da família, que estou sob a influência de demônios porque me sinto atraído por homens. Eu sou apaixonado por um homem. E sei que o Deus que eu adoro ama todos os seus filhos, gays ou não! O problema aqui é o seu outro filho, que vem roubando dinheiro desta empresa nos últimos dois anos!

Fabian dá um tapa na mesa.

— Você está louco! Ele está louco, mãe... pai. Você quer me deixar mal na fita porque está decepcionando a família por estar com ele — diz, indicando Paul. — Esse homem vai contra seus pais e contra Deus! Você está errado, Dennis!

Dennis ofega. As palavras de Fabian o atingem no peito. Ele estremece e deixa os ombros caírem.

Quando vejo que ele está hesitando, me levanto.

— Na verdade, sr. e sra. Romoaldo, o Dennis não está mentindo. Royce, mostre os dados a eles.

Meu sócio faz o que pedi, pegando da mão de Dennis os três maços de papéis que provam que o que ele está dizendo é fato, não ficção, e os entrega aos pais.

— Acompanhem a movimentação financeira. Observem as três contas que nós destacamos.

Lucia olha a papelada.

— O que é reserva de produto?

— Ou reserva de deficiência? — acrescenta Cadu.

— Hum... mãe, pai... são apenas economias — Fabian arrisca.

Seus pais observam e folheiam as páginas, claramente familiarizados com a contabilidade, uma vez que administraram a empresa desde a fundação até se aposentarem.

— Na verdade, há três contas: as duas que vocês mencionaram e a última que eu destaquei. O dinheiro é depositado nessas contas e transferido a cada duas semanas. As quantias são transferidas para outras contas aleatórias, depois novamente sacadas e depositadas na conta corrente de uma mulher chamada Bia Acosta — confirma Roy, enquanto fixo os olhos em Fabian.

Ele abre a boca e fica lívido como um fantasma. Balança a cabeça e olha para Dennis.

— Não. Não faça isso — implora.

— Você que fez, quando decidiu roubar de mim e da nossa família — Dennis retruca, com voz rouca e tomado de emoção.

— Dennis, *meu irmão*, eu imploro — Fabian tenta de novo.

— Quem é Bia Acosta? — Cadu pergunta, furioso. — E por que ela está levando cerca de cento e cinquenta mil reais por mês?!

Aparentemente, o pai é quase um guru financeiro, pois conseguiu calcular a quantia exata bem depressa.

Dennis fecha os olhos.

— Royce, por favor, coloque as imagens na tela.

Royce abre a primeira foto, que Wendy deve ter tirado de alguma rede social de Bia Acosta. A legenda diz: “Nossa família feliz. Eu, Fabian, Fabian Jr. e Clarissa”.

Lucia arregala tanto os olhos que parecem alvos de arco e flecha. Suas pupilas escuras formam um círculo perfeito cercado por um grande espaço branco. Ela ergue a mão e cobre a boca.

— O Fabian está levando uma vida dupla. O dinheiro vai para a conta da amante dele, para sustentar a segunda família, a casa e os outros dois filhos que ele tem.

— Fabian! — Cadu exclama, fitando o filho.

— Pai... eu... eu não sei o que dizer. Eu estraguei tudo — Fabian sussurra. Em seu rosto vejo medo e algo que, espero, parece vergonha.

Lucia olha para Fabian e depois para Dennis, com os olhos cheios de lágrimas.

— Meus dois filhos envergonharam a família. Não vou permitir isso! — diz e bate na mesa, como se esse ato pudesse mudar tudo que aconteceu.

Dennis sacode a cabeça e ri com secura, mas, por seu olhar, eu sei quanto isso lhe custa.

— Depois do que aconteceu ontem à noite e do que eu descobri hoje, decidi vender minha parte na empresa de importação. Vou abrir minha própria empresa nos Estados Unidos, em Boston, para ser mais específico, para onde estou me mudando. Vou viver com o meu namorado e a família dele.

— Filho... — Cadu interpela.

— Meu irmão... — Fabian murmura.

— Dennis... — Paul sussurra, levando sua mão grande ao pescoço do namorado.

— É isso mesmo. Não vou mais fazer parte desta família. Você é um traidor, Fabian, e merece o inferno que vai passar com a Izabel e os nossos pais. E vocês dois... Eu sempre vou amá-los, mas, enquanto não forem capazes de me amar incondicionalmente, mesmo eu sendo gay, mesmo que vá morar com o meu namorado, vão ter somente um filho.

— Como você ousa — Lucia rosna, se levantando e levando a mão fechada ao coração. — Você sacrificaria a nossa família... por ele? — Aponta para Paul. — Nós somos a sua família! — diz, batendo no próprio peito várias vezes.

— Eu não preciso de uma família que não me ama como eu sou e que não abre o coração para a pessoa mais incrível que eu já conheci. — Ele passa o braço em torno da cintura de Paul, em atitude possessiva. — Eu vou estar aqui enquanto cuida da venda da minha parte na empresa e arrumo tudo para a mudança. Se abrirem a cabeça e conseguirem tirar o ódio do coração, me liguem. Por enquanto, a minha irmã e o Paul são a família que eu escolho.

Com essas palavras ecoando nos ouvidos de todos, pego a mão de Skyler e sigo Paul e Dennis para fora da sala de reuniões, com Royce atrás.

— Você está bem? — Paul pergunta ao namorado enquanto atravessamos a empresa e saímos ao ar livre.

Dennis abre um sorriso largo, enlaça o pescoço de Paul e ergue o rosto para o céu.

— Pela primeira vez na vida, estou muito feliz. Eu sei que tomei a decisão certa.

— É mesmo? — Paul pergunta com um sorrisinho.

Dennis olha profundamente para meu irmão, quase tocando o nariz dele com o seu.

— Eu escolho você. Eu escolho viver livre. Não há nada mais importante na vida que viver livre.

Skyler me abraça pela cintura enquanto vemos Paulie levar suas grandes mãos ao pescoço de Dennis e selar seu amor e suas palavras profundas com um longo beijo.

9

SKYLER

A viagem de van até o topo do Corcovado é acidentada, úmida e assustadora. Outras vans descendo a montanha passam por nós a três centímetros de distância.

O medo sobe pela minha espinha. Fecho os olhos quando mais uma van passa por nós. Posso imaginar com uma clareza horrível o barulho de metal com metal que vão fazer se um motorista ou outro cometer um erro fatal. Mas isso não acontece. Ouço apenas pessoas conversando dentro da van, minha própria respiração entrando e saindo dos pulmões e a pulsação suave de Parker onde está meu polegar — seu pulso — em um aperto mortal.

Eu me sinto ridícula, mas preciso que ele saiba. Lambo os lábios secos e cutuco seu ombro até ele olhar para mim.

— Meu bem, se nós morrermos em um acidente de van na montanha do Cristo, acho que definitivamente vamos para o céu. Independente disso, quero que você saiba que eu te amo e, até este momento, você foi a melhor coisa que aconteceu comigo. Eu não trocaria por nada um dia sequer que vivemos juntos.

Parker ri jovialmente e me puxa para mais perto, fazendo o passeio já calorento esquentar ainda mais, e não de um jeito bom.

— Meu pêssgo, nós não vamos morrer. Os motoristas fazem este trajeto para cima e para baixo o dia todo. Não precisa se preocupar.

— Só diga que me ama... por via das dúvidas.

Ele sacode a cabeça, sorrindo.

— Não, porque isso dá azar. Mas digo que vamos ver uma das sete maravilhas do mundo moderno juntos. Isso sim é lindo, baby.

Olho para ele com um grande sorriso. Esse é Parker Ellis, o homem que vou amar pelo resto da vida. Seu cabelo está penteado para trás, mas os cachos de cima aparecem devido ao tempo úmido. Ele está com os óculos aviador pretos, que ensombram os olhos azuis mais bonitos que eu já vi. Mas não é nada disso que me deixa sem ar. São seus lábios. Quando ele sorri. Quando olha para mim com curiosidade e interesse. Quando vai me beijar. A leve curva superior de seus lábios se encaixa perfeitamente nos meus. Na minha opinião, nenhum homem que conheci teve lábios melhores.

Ele passa o dedo pelo meu ombro.

— Tudo bem... Eu te amo, baby — cede, esfrega o nariz no meu e beija a ponta.

Quando ele se afasta, a van para em frente ao que parece ser um edifício comum no topo de uma montanha gigante.

— Muito bem, vamos ver o grande Jesus! — Royce diz, lambendo os lábios. Então bate palmas e as esfrega antes de se levantar.

Descemos do veículo. Meus joelhos bambos mal conseguem me sustentar, visto que passei os últimos trinta minutos agarrada à esperança de chegarmos ao topo vivos. Vou recuperando o controle de minhas pernas enquanto passamos por dentro de um restaurante/loja de suvenires com ar-condicionado.

— Por que eu iria querer comprar algo antes de ver o Cristo? — penso em voz alta.

Parker dá de ombros, me leva até onde as pessoas estão se reunindo e põe os óculos na cabeça. Ele é muito gato, uma delícia. Se não tivesse me dado um trato esta manhã, eu o atacaria aqui mesmo. Por enquanto, posso apenas curtir sua boa aparência e planejar minha noite.

Ele deve perceber que o estou admirando, porque desce o queixo e me fita. Ergue uma sobrancelha bem desenhada quando franze os lábios.

— Meu pêssgo, se você continuar olhando para mim como se quisesse me morder, vai gritar o nome de Jesus em vez de visitar a estátua dele.

Vou protestar, mas ele toma minha boca em um beijo quente e úmido, acabando com qualquer réplica ou argumento. Enrosca sua língua na minha,

leva uma das mãos a minha bunda e com a outra acaricia minha nuca enquanto aprofunda o beijo.

— Ei, vocês, que tal dar um tempo? Caraca. Nem vimos o grandalhão ainda e parece que vocês estão planejando pecar aqui mesmo, na montanha do bom Deus! — Royce bufa, mas sorri com bom humor. — Vamos lá. Eu tenho um encontro com uma divindade.

Ele vai na frente com suas longas pernas enquanto seguimos a multidão que rumo em uma só direção. Paul e Dennis estão atrás de nós e, mesmo tensos, parecem ainda mais conectados depois da reunião horrível de ontem com a família do brasileiro. Estão de mãos dadas o tempo todo. É fofo, e um bom sinal.

Antes de dormir, Parker me disse que os pais de Dennis quiseram falar com ele para não vender sua parte na empresa imediatamente. Não sei que decisões tomaram, mas tenho grandes esperanças de que tudo acabe como deveria. Dennis é um homem inteligente, e Paul vai fazer o que for preciso para manter seu namorado feliz e protegido.

Durante uns vinte minutos subimos escadas que levam a passarelas, que levam a mais escadas, chegando a uma altura de tirar o fôlego.

Seguro a mão de Parker à minha direita e o corrimão à esquerda, apertando os dois igualmente. Por sorte estou de sandálias baixas e confortáveis, porque é uma bela subida.

Parece que não acaba nunca, até chegarmos à trilha sombreada cheia de árvores, e lá está ele. Maior que a vida.

O Cristo Redentor.

O tamanho da estátua é estonteante, mas os braços abertos são o que me atrai. Meus olhos se enchem de lágrimas e meu coração bate forte no peito.

Engulo a emoção súbita, sentindo minha garganta se apertar.

Contornando a estátua, Parker me leva para a frente. Quando estamos bem aos pés do Cristo, olho para cima e vejo seu rosto. Entalhes profundos com bordas arredondadas formam as bochechas, o nariz forte e quadrado e a testa proporcional. Os lábios são finos e pouco notáveis, o cabelo dividido ao meio em ondas suaves. Mesmo esculpidos em pedra, parece que o vento os sopra para longe do rosto. O queixo é um belo quadrado com uma fenda icônica no centro, lhe dando força, sem ser muito marcado. Mas são os olhos que me

arrebataam. São dois vãos arredondados que me encaram, chegando ao meu coração, onde reside minha alma. Eles sabem de tudo. Eles veem tudo.

— É magnífico — sussurro com o maior respeito. Embora o sussurro seja injustificado, parece certo.

— Impressionante — Parker diz, também baixinho, e entrelaça nossos dedos. — Vamos sentar.

Ele me leva até duas esteiras colocadas aleatoriamente sobre o concreto e me ajuda a me acomodar. Olho em volta e vejo várias pessoas sentadas de pernas cruzadas atrás de mim, orando, olhando para o Cristo em toda a sua glória.

Mesmo cercados de pessoas, o lugar é pacífico.

Parker segura minha mão, e juntos olhamos para o Cristo.

— Você rezaria comigo? — pergunto, voltando-me para Parker.

Uma sensação profunda me envolve como um cobertor.

— Eu adoraria.

Ele sorri suavemente e se senta de lado na esteira. Eu faço o mesmo. Ele tira seus óculos de sol e eu tiro os meus, colocando-os entre minhas pernas cruzadas.

Parker se arrasta alguns centímetros até nossos joelhos se tocarem.

— Venha aqui, baby.

Ele pousa as mãos no meu rosto e se inclina lentamente para a frente, até encostar sua testa na minha.

Instantaneamente, somos só ele e eu, cercados pela sensação de calor, paz e luz.

— Feche os olhos e leve as mãos ao coração — sugere, baixinho.

Fechamos os olhos, e, com cabeça e joelhos se tocando, nossas mãos mantêm a conexão da energia que corre entre nós dois. Um magnetismo diferente de tudo que já senti corre por mim. É como um raio de eletricidade envolvendo nosso corpo, nos enchendo de energia e vitalidade.

Quando Parker fala é com voz suave, mas tem uma pontinha de compaixão e respeito que nunca ouvi nele antes.

— Senhor, por favor, mantenha a Skyler a salvo do perigo. Proteja-a quando eu não puder. Me permita amá-la durante toda a nossa vida. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Ao ouvir suas palavras, meus olhos se enchem de lágrimas, que rolam pelas minhas faces. Respiro fundo e levo as mãos ao pescoço de Parker, tornando nossa conexão mais intensa. Ele também leva as mãos ao meu pescoço enquanto eu sussurro minha oração por ele:

— Senhor, por favor, me dê forças para caminhar sempre ao lado do Parker. Para levantá-lo quando ele precisar e apoiá-lo em tudo. E por favor, por favor, não o tire de mim. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém.

Parker recua, abre os olhos e com os polegares enxuga as lágrimas que correm pelo meu rosto. Inclina-se para a frente e beija cada face minha antes de abrir um sorriso triste.

— Eu nunca vou deixar você, Skyler.

Seus olhos são cor de safira, brilhantes sob o céu limpo, e guardam a verdade e a determinação em suas profundezas.

Lambo os lábios, saboreando o sal de minhas lágrimas.

— Às vezes as pessoas não pretendem ir embora, mas ficamos impotentes quando isso acontece.

Ele aperta os lábios e fica em silêncio por uns trinta segundos.

— Você teve uma vida difícil, eu sei, mas precisa entender que a nossa vida juntos, essa que estamos construindo, vai durar para sempre. Eu não vou a lugar nenhum. Você precisa acreditar nisso. Acreditar em mim, acreditar em nós.

Anuo e mordo o lábio inferior. Em silêncio, olho para o Cristo, para seus olhos cheios de alma, e faço uma oração silenciosa.

Por favor, Senhor, faça com que ele esteja certo.



Depois de outra viagem angustiante pelo Corcovado, Dennis enfia todos nós em um táxi e nos leva à Fogo de Chão, uma churrascaria que ele adora.

Está lotada de gente jantando, mas somos levados a um belo pátio semiprivado que tem uma vista perfeita do Pão de Açúcar e do porto. A água

bate suavemente na lateral do edifício e na base do pátio. Barcos pontilham majestosamente a água, descansando antes de ceder ao chamado do mar aberto.

— Uau, Dennis, é incrível.

Apoio os braços na balaustrada de metal e deixo a brisa leve açoitar meu cabelo e beijar meu rosto com sua carícia suave. A umidade diminuiu um pouco e o ar parece bem mais fresco, mais agradável em comparação com a temperatura sufocante de antes.

Parker vem por trás e passa os braços em volta do meu peito. Eu me reclino contra ele, observando a vista enquanto ele descansa o queixo em meu ombro.

— Não tão incrível quanto a minha visão de você olhando a vista.

Bato a bunda em sua virilha e rio.

— Você é um pateta.

— Talvez, mas sou seu pateta.

Ele beija a lateral do meu pescoço e suspira, me abraçando bem perto enquanto olhamos a paisagem.

— Vocês gostariam de uma mesa só para os dois? — A voz profunda de Royce ressoa atrás de nós.

— Não — respondo, ao mesmo tempo em que Parker diz:

— Sim.

Giro em seus braços e bato em seu peito de brincadeira.

— Meu bem, nós estamos aqui para curtir com os nossos amigos.

— Eu não. Eu estou aqui para ajudar o meu irmão e para manter a minha mulher a salvo o tempo todo. A melhor maneira de te manter segura é com as mãos em cima de você.

Ele morde meus lábios e me beija brevemente.

— Vão direto para a sobremesa, pelo que vejo — Paul grita.

Rio e empurro Parker para podermos nos sentar com nossos amigos. Ele me segue. Puxa minha cadeira, ajeitando-a como o cavalheiro que é quando se trata de certas coisas. Definitivamente, tenho que agradecer à sra. Ellis por ensinar o filho a ser um cavalheiro.

Assim que nos acomodamos e pedimos as bebidas, o garçom explica o esquema da churrascaria. Você pode pedir um corte principal de carne e se servir à vontade no bufê de saladas e pratos quentes, ou pode escolher o serviço completo de carne no espeto. Eles chamam isso de *rodízio*.

— Estando no Brasil... — provoco Parker.

— Acho que todos vamos querer o bufê de saladas e pratos quentes e a carne no espeto — ele diz a Dennis, que faz o pedido em português.

Uma vez que o garçom sai, outras pessoas trazem pães, entradinhas e vários tipos de molhos. Cada um de nós pega seu prato e o enche de salada e acompanhamentos quentes e frios de dar água na boca, para comer com as carnes. No instante em que sentamos, um homem com um espeto comprido vem até a mesa e nos oferece costela. Do pedaço gigante de carne ele corta fatias finas e coloca uma em cada prato.

Mal damos uma dentada na carne succulenta quando outro homem chega oferecendo filé-mignon. Ninguém recusa.

Durante a hora seguinte, nós cinco provamos as melhores carnes que já comemos, todas perfeitamente temperadas, complementadas pelos molhos e acompanhamentos que escolhemos.

— Está gostando da comida brasileira, Skyler? — Dennis pergunta.

Esfrego minha barriga cheia e protuberante.

— Demais! Dennis, você precisa encontrar comida brasileira para a gente em Boston.

Ele sorri.

— Em vez disso, eu posso cozinhar para vocês quando tivermos a nossa casa.

Sabíamos que o assunto viria à tona. Todos falamos sobre isso superficialmente, mas Paul não disse ainda as palavras “vou morar com meu namorado”.

Parker aproveita o comentário:

— Então, Paulie, você e o Dennis vão oficialmente morar juntos? — pergunta, pondo o braço no encosto da minha cadeira e acariciando meu ombro com os dedos. É uma carícia reconfortante, que ele sempre repete, e me faz sentir especial e amada.

Paul sorri, limpa a boca com o guardanapo e inclina seu corpo grande para trás, relaxando as pernas antes de pegar a mão de Dennis e pousá-la em uma de suas coxas.

— Sim, P-Drive, vamos. Estamos falando sobre isso há seis meses, e foi por isso que ele foi à Alemanha comigo quando terminou meu último contrato.

Nós queríamos sondar a família conversando com você primeiro, depois com a mamãe e o papai. Como os pais do Denny não aceitaram a nossa relação, eu não queria colocar o meu namorado em mais uma situação constrangedora. Agora que ele sabe o que eu sempre soube, que a nossa família nos aceita perfeitamente, está ansioso para se estabelecer, montar uma casa e uma empresa de importação.

— Isso é fantástico! Fico feliz por vocês, mano. — Parker sorri para Dennis, que fica vermelho até o pescoço.

Sentindo que é minha oportunidade de abordar Paul sobre trabalhar para mim e sobre as ideias que tive, decido sondar o terreno.

— E o que você pretende fazer, Paul? Voltar por mais quatro anos?

Ele sacode a cabeça.

— Não. O Denny e eu conversamos sobre isso. Estando no exército, ele raramente tem notícias minhas, e isso não é jeito de viver. Se ele vai se mudar para outro país para ficar comigo e com a minha família, eu vou me reformar oficialmente.

— E aí, o que você pretende fazer?

Enquanto aguardo sua resposta, tomo um gole de um cabernet incrível que o garçom sugeriu.

Ele dá de ombros.

— Não sei ainda. Tenho bastante dinheiro guardado. Trabalhei direto por doze anos, não gastei muito, pois nunca fiquei em um único lugar muito tempo, e vivi nas bases militares do mundo todo quando estava entre as missões. É bastante grana. Estou pensando em investir na nova empresa do Denny, já que ele provavelmente vai começar do zero.

— Por que você não pensa em trabalhar com segurança pessoal? — pergunto e sorrio.

— Mana, você não vai a lugar público nenhum sem proteção até que os Van Dyken voltem, não se preocupe. — Seu tom é direto e autoritário, não deixa dúvidas de que é sua meta pessoal me manter segura.

— Nossa! — gemo. — Não estou falando de mim! Bom, parcialmente. Sem dúvida, para o futuro imediato, eu quero contratar você para ser o meu guarda-costas, mesmo quando o nosso probleminha acabar.

— Me contratar? — ele debocha antes de prosseguir. — Querida, isso não vai acontecer.

— Claro, e pagar — digo, com meu tom de voz mais forte. — Se você é meu segurança, eu pago. É assim que funciona.

Parker ri e pega sua cerveja. Royce esfrega o cavanhaque e esconde um riso com a mão. Dennis apenas sorri, olhando de mim para Paul.

— Não, mana, eu vou te dizer como as coisas funcionam. Você precisa estar segura, eu mantenho minha família segura. Fim de papo.

Sinto um calor correr pelas minhas veias.

— Isso é um absurdo. Você não vai trabalhar para mim de graça.

— Ah, não? — ele diz.

— Não vou aceitar.

Ele sorri.

— Vai sim.

— Não vou!

Endireito a coluna e me aprumo na cadeira, estreitando o olhar e me certificando de que ele saiba que estou falando sério.

— Você faz parte da minha família? — ele pergunta do nada, interrompendo nossa pequena disputa.

— Bom... sim. Gostaria de pensar que sim.

— Baby, você é da família. — Parker passa a mão pelas minhas costas rígidas, o que aplaca um pouco minha irritação.

— Justamente. — Paul aponta para o irmão.

Sacudo a cabeça.

— Não, não, nada disso! Se você trabalha como meu segurança, ganha para isso, e eu sou generosa. Minha segurança é importante para mim e para o meu namorado. Não é muito divertido lidar com paparazzi, ou com fãs malucos, ou com o assédio em eventos. Eu vou começar a rodar a série Classe A bem antes de a Rachel e o Nate voltarem. Vão ser longos dias no set. Normalmente o meu segurança pode sair enquanto estou no set, mas mesmo assim tem que ficar de plantão o dia todo. Na área de segurança isso é caro, e eu fico mais que feliz de pagar por esse serviço. Portanto, você vai receber — afirmo, de forma inflexível e definitiva.

— Nós falamos disso mais tarde — diz Paul, acabando com minha resolução.

Estreito os olhos.

— Mana, vamos curtir o nosso jantar antes que outra tempestade de merda caia sobre nós, pode ser?

Ele deveria ter batido na madeira, porque, no instante em que o comentário sai de seus lábios, Parker pega seu celular no bolso do casaco. Ele está todo sorridente, até olhar para baixo e ler o que está escrito na tela. Toda a felicidade e a leveza do dia desaparecem em um piscar de olhos.

Olho por cima do ombro dele e vejo a mensagem de “desconhecido”.

Desta vez não é uma mensagem, e sim duas fotos. A primeira é do letreiro do bar do pai de Parker, o Lucky's. A segunda é da sra. Ellis sentada em um banquinho em frente ao balcão, rindo de algo que o marido está dizendo. O sr. Ellis está sorrindo, com o pano de prato sobre o ombro, os braços apoiados no balcão, os olhos cintilantes mirando a esposa.

— Ah, meu Deus, não! — ofego, cobrindo a boca com a mão. O medo atinge minhas terminações nervosas.

— Park, que foi? — Paul rosna.

Ele não responde. Rola os contatos de seu celular até aparecer o nome Lucky's. Antes que possa fazer a ligação, o celular vibra de novo e aparece “Mago do Amor” na tela.

Parker atende com rispidez:

— Bo.

Não consigo ouvir o que Bo está dizendo, mas Parker fecha os olhos e passa a mão pela nuca, então levanta abruptamente.

— Eles estão bem? Porra, Bo, diga se os meus pais estão bem! — exige, com a voz áspera, cheia de emoção. — Jesus! Merda. Vamos pegar o primeiro avião de volta para casa. — Paul já está em pé atrás do irmão quando ele diz: — Me ligue assim que souber o estado do meu pai.

Ele encerra a ligação e Paul pousa a mão em seu ombro. Observo com horror, prendendo a respiração.

— A mamãe e o papai foram atropelados esta noite, no estacionamento atrás do Lucky's. Eles estavam indo para o carro quando um veículo disparou

para cima deles. A mamãe... sofreu só algumas contusões, torceu o pulso, cortou os joelhos e os cotovelos, porque o papai a empurrou para protegê-la.

Lágrimas rolam pelo meu rosto quando imagino a sra. Ellis sendo jogada para fora do caminho de um carro que vai em direção a eles. O sr. Ellis se sacrificaria pela mulher que ama. Sem dúvida nenhuma.

— O papai... Porra...

Ele baixa a cabeça. Paul pousa as mãos nos ombros do irmão.

— Aguenta firme, Park.

Parker balança a cabeça; parece tirar forças das palavras do irmão.

— O papai... está no hospital. Foi atingido da cintura para baixo. O Bo não sabe a que velocidade estava o carro nem qual é o prognóstico. Ele está com a mamãe. Ela está surtando, Paulie. Nós precisamos voltar para casa imediatamente — murmura.

Ao ouvir o desespero de Parker, enxugo as lágrimas, controlo a emoção e preparo meu coração e minha alma para enfrentar a dor com ele. É minha vez de ser forte para ele, de ser a mulher segura de que ele precisa. Pego o celular, abro o número do meu jato e agendo um voo imediatamente. O mais cedo possível é daqui a quatro horas, depois de ter o plano de voo aprovado e abastecer. Teremos tempo suficiente para arrumar nossas coisas e nos encontrarmos de novo para ir ao aeroporto.

— Royce, pode pagar a conta? — peço.

Ele anui, vai até os dois irmãos Ellis e pousa uma mão no ombro de cada um; dá um aperto, mas não diz uma palavra. Ele sabe que não há palavras de conforto quando se está a quase oito mil quilômetros de distância de casa e sua família precisa de você.

— Dennis, pode chamar um táxi pra gente?

Ele concorda, olhando para os dois irmãos. Cabeças juntas, falando baixinho entre si.

— Vou fazer isso imediatamente.

— Obrigada. Eu levo os rapazes.

Ele olha ansiosamente para Paul, mas não interrompe. Aperta os lábios e os deixa em paz, indo fazer o que pedi.

Quando ele sai, vou até os dois e pouso uma mão no ombro de cada um.

— O jato sai em quatro horas. O Royce está pagando a conta e o Dennis foi chamar o táxi. Precisamos voltar ao hotel, fazer as malas, ir até a casa do Dennis para ele fazer as dele e depois ir para o aeroporto. Não temos tempo a perder.

Paul anui e solta o irmão, mas aperta seu braço.

— Isso não vai ficar assim, Park. Vamos pegar esse filho da puta. Juro — diz, batendo o punho no coração. Dá meia-volta e sai. É a primeira vez que nos deixa sozinhos fora do quarto de hotel.

Parker observa seu irmão sair, me pega pelo pulso e me puxa para seus braços. Eu aguento firme. Ele esconde o rosto no meu pescoço e respira profundamente, absorvendo meu perfume, com as mãos em minhas costas e quadris, se conectando fisicamente a mim. Ele faz isso desde o início de nosso relacionamento. E eu adoro mais que qualquer coisa sua necessidade de se conectar comigo.

— Você é meu porto seguro, baby. Quando o mundo inteiro é um inferno e tudo que eu quero fazer é explodir, você me traz de volta à realidade. Você me salva de mim mesmo.

Passo os dedos pelo seu cabelo e as unhas no couro cabeludo, várias vezes, até sentir sua força voltando, seus músculos se retesando. Quando sinto seus batimentos cardíacos retomarem um ritmo mais normal, levo as mãos ao seu rosto e recuo para poder olhá-lo nos olhos.

— Nós vamos enfrentar isso juntos. Não pense o pior. Ainda não sabemos muita coisa. Vamos focar em uma coisa: voltar para casa.

10

PARKER

Se alguém me perguntasse o que aconteceu nas últimas dezoito horas da minha vida, eu não saberia dizer. É como se eu estivesse em um coma autoinduzido. Eu ouvia e via o que estava acontecendo, mas tudo parecia um sonho. Skyler e Royce ajudaram Paul e a mim no processo de recolher nossas coisas no hotel, incluindo os cachorros e as malas, e depois passar na casa de Dennis para pegar as coisas de Paul. Ele e Dennis trocaram algumas palavras acaloradas, porque o brasileiro queria acompanhar o namorado a Boston. Mas isso teria mudado drasticamente seus planos de vender sua parte na empresa da família e preparar a mudança. Eles discutiram, mas no fim meu irmão conseguiu o que queria. Dennis ficou no Brasil, com a promessa de que Paul ligaria assim que tivesse notícias dos nossos pais.

Atravessamos rapidamente o aeroporto. Paul estava tão atento e sua expressão tão dura que todos mantiveram distância de nós, mesmo algumas pessoas tendo reconhecido Skyler. Royce nos guiou até o jato e decolamos sem alarde. Paramos uma vez para reabastecer nos Estados Unidos antes de aterrissar em Boston, dezoito horas depois de eu receber a ligação dizendo que meus pais haviam sido atropelados. Minha mãe ficou ferida; meu pai estava em cirurgia por causa dos ferimentos que sofreu, e não sei de mais nada até agora.

Estou exausto, mas ao mesmo tempo elétrico, quando Paul para em frente às portas do hospital o SUV que Skyler providenciou para nos esperar no aeroporto. Nós quatro pulamos do carro. Royce o contorna e diz:

— Vão na frente. Eu vou estacionar.

Aceno para ele, espremo os dedos de Skyler em um aperto mortal e corro para Bo, que está no saguão.

— Porra, mano. Que bom que vocês chegaram. — Sua expressão é de alívio, mas tem bolsas profundas sob os olhos, o que prova que ele ficou ali o tempo todo.

— E o meu pai? — pergunto, apertando os dentes.

— Ele vai ficar bem. Está confuso, mas vivo. Já saiu da cirurgia e está no quarto. Sua mãe está com ele. Vou levar vocês até lá.

Bo dá meia-volta e nós o seguimos a passos rápidos pelos corredores do hospital. Subimos por um elevador e descemos outro corredor de paredes brancas. Parados diante do que suponho que seja a porta do quarto do meu pai há dois caras corpulentos, um negro e um branco, vestindo camiseta preta, calça cargo e botas.

Paul nos ultrapassa e ergue a mão, pegando a de um deles e apertando seu ombro, depois repetindo o processo com o outro.

— Valeu, irmãos — diz, com a voz tensa. — Veio alguém suspeito?

Ambos sacodem a cabeça.

— Amigos seus? — pergunto, indicando com o queixo os dois gigantes de cabelo raspado e bíceps protuberantes.

Paul sorri.

— Irmãos de armas.

— São os melhores para se ter, imagino — digo, dando um sorriso frágil.

— Pode crer. — Ele se volta para os dois homens. — Estão dispensados. Fico devendo uma.

O negro faz uma careta e seu rosto se transforma em pedra.

— Não nos deve nada. Nós mantemos a família segura.

O outro soldado anui.

— Ninguém ameaça ou prejudica a nossa família em nosso solo. Se precisar da gente para qualquer coisa, estamos aí, irmão. Aproveitando... — Ele leva a mão para trás, puxa uma Sig Sauer e entrega a arma para Paul.

Meu irmão a inspeciona, checa se o pente está carregado, aciona a trava de segurança e a enfia no cóis da calça, atrás.

— Obrigado. — Dá um tapinha no bíceps do homem, então leva Skyler, Bo e eu para o quarto.

A imagem do meu pai deitado em uma cama de hospital, com cortes na cabeça, no rosto e nos braços, como se tivesse sido arrastado no cascalho em alta velocidade — para não falar de sua imobilidade da cintura para baixo, todo enfaixado —, queima meus olhos como ferro em brasa.

— Meninos! — minha mãe grita, se levantando e abrindo os braços.

— Mãe — digo e chego primeiro a ela.

Seu perfume de flores silvestres penetra fundo meu nariz, provocando conforto e consolo. Ela dá um tapinha na parte de trás de minha cabeça, aperta minha nuca e puxa Paul para nosso abraço. Não quero soltá-la, mas dou um passo para o lado. Ela passa o braço livre em volta de Paul e lhe beija a testa.

— Meus bebês estão em casa. Graças aos céus vocês estão bem.

Fecho os olhos e aperto os dentes, não querendo deixar a emoção me dominar. Agora não. Posso extravasar depois. Bem mais tarde, quando tiver certeza de que meu pai está bem.

— E o papai?

Minha mãe engole em seco, recua e enxuga as lágrimas.

— Ele tem um longo caminho pela frente, mas está vivo. Quebrou os quadris e as duas pernas. Teve que fazer uma cirurgia reconstrutora nos quadris e colocar os ossos das pernas no lugar. Isso causou uma grave hemorragia interna, mas os médicos garantiram que está tudo sob controle. Ele está tomando analgésicos fortes, medicamentos para afinar o sangue e um monte de coisas de que não precisamos falar agora.

— Meu Deus, mãe... — digo, esfregando a nuca. — Ele vai precisar de muita fisioterapia.

Ela se apruma, põe os ombros para trás e levanta o queixo.

— E vai fazer.

— O bar...

— Eu tenho um plano para isso, irmão — Bo diz baixinho, encostado na parede ao fundo do quarto.

Royce está ao lado dele. Deve ter entrado quando estávamos abraçando minha mãe.

Bo continua:

— Eu vou assumir o comando do bar pelos próximos seis meses ou mais, até que o seu pai esteja em pé de novo. Ele já precisava de ajuda antes, um

gerente talvez, uma garçonete com certeza. Vou fazer isso acontecer. Você, o Royce, a Wendy e a Kendra podem tocar a IG sem mim por um tempo, certo?

Fecho os olhos.

— Claro que podemos. É um bom plano, e à noite eu posso ir cuidar da contabilidade. O que for preciso — Royce oferece.

Porra, eu amo esses caras. Meu coração bate forte e minha garganta fica seca diante de tudo que eles estão oferecendo.

— Eu posso ajudar. — A voz de Paul é tão dura que parece botas raspando em pedras.

Bo sacode a cabeça.

— Você precisa proteger a Sky. A menos que queira arranjar outra equipe de segurança.

— Eu vou ficar bem — ela sussurra, perto, mas fora do abraço entre mãe e irmãos.

— Paulie, você tem que cuidar da Sky. Eu não posso... Ela é minha... Porra... — engasgo com as palavras, incapaz de expressar quanto significa para mim tê-lo protegendo minha mulher.

Minha mãe dá um tapinha no meu rosto.

— Nós sabemos que ela é o seu mundo. Assim como o seu pai é o meu. E o Dennis é o mundo do Paul. O plano do Bo é perfeito. Nós temos o cozinheiro para cuidar da parte da comida, e o Bo é perfeitamente capaz de administrar um bar. Ele disse que trabalhou em um na faculdade.

Trabalhou mesmo. Foi assim que pegou tantas mulheres. Uma diferente a cada noite naqueles tempos. E estaria fazendo isso agora se não tivéssemos tanto trabalho.

Minha mãe olha para Royce.

— Com a ajuda do Roy para cuidar da contabilidade, eu posso cuidar do seu pai. Já era hora de sair da biblioteca, de qualquer maneira. Já economizamos o suficiente e, bem, chegou o momento.

Olho para Paul, cujo maxilar está tenso, e ele anui. Então olho para Bo.

— Eu te devo muito, irmão.

Ele sorri com um brilho no olhar.

— Eu sei. E estou louco para cobrar. Não sei o que vai rolar, mas vai ser incrível!

— A você também, Royce — digo.

— Nada disso, família é família. E a dona Sterling vai acabar ajudando a sra. Ellis. — Ele me faz lembrar quanto nossas famílias estão ligadas da maneira mais importante.

Skyler vem por trás e passa o braço em volta da minha cintura, apoiando o queixo em minha coluna e deixando um beijinho ali.

— Ficar devendo ao Bo não parece boa coisa.

Esboço um sorriso frágil.

— Não, baby. Ficar devendo ao Bo nunca é boa coisa.

Ele sorri.

— Bom, vou deixar vocês aí. Preciso ligar para a Sininho. Ela queria notícias no instante em que vocês chegassem. Estava louca de vontade de vir aqui, mas disse que está acompanhando o pessoal que vai conversar com o sr. Wilson.

— Merda, é hoje? — digo, olhando para Paul.

— Sim. Eu vou checar como está indo. Você está bem, mãe? — ele pergunta, com sua voz estrondosa. — Precisa de alguma coisa?

— Agora que os meus meninos estão em casa, não preciso de mais nada. Estou bem. Vamos cuidar do seu pai e o mundo vai voltar aos eixos.

Puxo o ar para me acalmar, pego as mãos de Skyler, que estão em minha cintura, e por fim exalo, olhando para meu pai. Ele dorme profundamente, enquanto o monitor cardíaco bipa de forma melódica.

— Meu pêsego, não quer ir com o Royce e trazer café pra gente? O dia vai ser longo.

— Claro, meu bem. Vamos trazer comida também. Faz tempo que não comemos nada.

Pensar em comida faz meu estômago roncar. Eu não havia notado que não comemos nada, mas faz sentido. Estávamos todos focados em uma coisa só: chegar em casa. Agora que estamos aqui, vejo que meu pai vai ficar bem. Minha mãe está abalada, mas no comando, como de costume; já posso relaxar um pouco. Vamos descobrir quem atropelou meus pais.

Royce e Skyler saem. Paul vai para o fundo do quarto com o celular na orelha. Eu me sento ao lado do meu pai e pego sua mão fria.

— Estamos aqui com você, pai. Temos um plano e vamos fazer justiça pelo que fizeram com vocês, eu prometo. O Paul e eu não vamos descansar enquanto não descobrirmos.

Depois de uns dez minutos olhando para meu pai, catalogando suas feições, do cabelo grisalho às rugas que emolduram seus olhos fechados, começo a desejar que ele acorde e reclame da cama desconfortável, ou de que não consegue dormir porque as enfermeiras entram mil vezes por hora. Basicamente, de qualquer coisa que o faça ficar longe de casa e de sua TV, vendo seus times jogarem e brigando com a minha mãe.

Atrás de mim, Paul encerra a ligação, grunhe e me chama com a mão, indicando a porta.

— Mãe, vamos sair um instante, está bem?

— Eu não sou uma inválida. Cuido do seu pai há mais de trinta anos. Acho que posso continuar fazendo isso sem ajuda.

Não posso deixar de sorrir. Minha mãe é uma guerreira. Foi atropelada e continua a toda.

Meu irmão e eu vamos para o corredor. O rosto de Paul está tenso.

— Temos um problema.

— Além do fato de o nosso pai estar em uma cama de hospital porque alguém o atropelou? — digo, apertando os dentes e cruzando os braços.

— O vídeo da câmera de segurança em frente ao Lucky's mostra um SUV preto de placa claramente visível.

— Maravilha. Isso significa que eles sabem quem é o filho da puta?

Ele lambe os lábios.

— A placa levou a uma locadora de veículos. Park, você não vai gostar de saber quem alugou aquele carro.

Fecho os olhos. Meu coração já sabe o nome que ele vai dizer.

— Irmão, foi a Tracey Wilson. Ela alugou o carro. A Wendy está tentando entrar em contato com ela, mas não consegue. Ela não atende. Eu sei que ela disse para a Sky que voltou para Nova York, mas não há registros de que ela tenha pegado um avião ou um trem para sair de Boston. A mulher ainda está aqui. A Wendy não consegue encontrá-la, mas acha que é só questão de tempo até ela aparecer.

Giro e pressiono a testa com o polegar e o indicador.

— Caralho, isso vai matar a Sky.

— Tem mais — ele diz.

Fecho os olhos, lambo os lábios e encosto na parede em frente ao quarto do meu pai.

— Fala logo, antes que a Sky volte.

— O pai dela...

— Trevor Wilson, reformado da CIA.

— Sim. Os meus rapazes o interrogaram. Não foi uma experiência agradável para ele. Bom, a filha não era só a menina dos olhos dele. Ela leu todo o conteúdo do curso dele e aprendeu a fazer bombas. O pai foi meticoloso, mas não pensou que a garota fosse usar esse conhecimento, uma vez que ela começou a dizer que se tornaria agente de talentos depois de conhecer a vizinha, que era uma atriz iniciante, e de se tornar melhor amiga dela. Segundo ele, tudo que ela queria fazer era trabalhar com a Skyler. E foi o que aconteceu. Ele disse que a Skyler foi a melhor coisa que aconteceu com a filha dele.

— Como é que é?

— Quando elas eram crianças, antes de a Skyler e a Tracey se conhecerem... Elas se conheceram aos dez anos... A Tracey tinha uma irmãzinha, a Staci. Ela morreu um ano antes de a família mudar para aquela casa e a Tracey conhecer a Skyler. O Trevor disse que a entrada da Skyler na vida da filha foi uma dádiva de Deus. A Tracey ficou deprimida a ponto de parar de falar quando a irmã morreu. Segundo ele, a Skyler acabou com a tristeza da Tracey. Ele disse que a filha concentrou toda a atenção na Sky e não pensou mais na perda da irmã. Elas são inseparáveis desde então.

— Jesus! Você acha que a Skyler é uma espécie de substituta da irmã que ela perdeu?

Paul dá de ombros.

— Talvez. Provavelmente. Porra, sei lá. Só estou contando o que a Wendy e o meu pessoal me contaram.

— Como a menina morreu?

— Leucemia — Paul diz. — Não foi bonito nem rápido.

— Então a pequena Tracey viu a irmã morrer de forma lenta e dolorosa, conheceu a Skyler e pensou que era sua obrigação cuidar dela? Protegê-la?

— A Sky te contou alguma coisa sobre o relacionamento delas que tenha te parecido dominador e sugerido um cenário como esse?

Tudo que envolve Tracey é dominador, mais especificamente a maneira como ela é focada na carreira da Skyler e se mete em seus relacionamentos.

— Sim, posso dizer que sim. Porra, ela incentivava o último namorado da Skyler a usar drogas e a traí-la. Ela mesma lhe dava acesso a mulheres fáceis e lhe fornecia cocaína. Ele aceitou a oferta, provando à Tracey que não era digno do amor da Skyler. Então, claro, foi ela que apareceu montada em um cavalo branco para resolver tudo quando a Skyler ficou de coração partido.

— E os pais dela? — Paul pergunta, voltando às primeiras pessoas que Skyler perdeu.

— Os seus homens acharam algo conclusivo ou novo sobre o acidente?
Ele balança a cabeça.

— Ainda não. O caso é antigo e não foi muito bem conduzido. Talvez a gente nunca descubra o que aconteceu naquele barco, mas não pode ser coincidência.

— O que o Trevor disse sobre a bomba?

— No começo ele ficou perplexo, porque tinha não só as marcas que ele ensinava aos seus agentes como também a assinatura privada do cara, que ele nunca contou para ninguém, em grande parte relacionada à detonação retardada. Ele é mestre em colocar bombas que detonam ao se abrir ou fechar uma porta. Existe um sensor que é único, e a bomba usada no seu apartamento tinha um sensor. Não era o mesmo que ele usava, mas pode ser porque já se passaram décadas desde que ele fez a última bomba, e talvez não fabriquem mais esse tipo específico.

Paul continua:

— No começo, ele pensou que alguém estivesse tentando incriminá-lo. Então começamos a perguntar sobre sua filha, e, quando ele fez a conexão entre a bomba e a filha e entendeu que pode ter sido ela, se fechou depressa. Pediu um advogado, o que impediu mais perguntas, e exigiu ligar para a filha para ver se ela estava bem. Claro, isso foi negado, e a polícia está segurando o cara com base na evidência de que a bomba está intimamente relacionada com a assinatura dele. Ele tem um álibi forte: estava na Flórida quando tudo aconteceu, mas isso não significa que não poderia ter fabricado a bomba e

mandado outra pessoa colocar. Estamos usando isso para segurá-lo, assim ele não pode avisar a Tracey que estamos atrás dela. Não queremos que a vadia fuja antes de pormos as mãos nela.

— Jesus, isso vai atingir a Sky como um tsunami.

— É, imagino.

Eu me deixo cair contra a parede. Minha mente gira enquanto imagino como vou dar essa notícia à minha namorada. Ela vai ficar arrasada, para dizer o mínimo.

— Eles estão de olho na Tracey?

Ele sacode a cabeça.

— Esse é o problema. Ninguém a viu.

— E o carro? Alguém deve ter visto um SUV amassado.

Paul esfrega o cabelo raspado.

— O carro foi encontrado abandonado a menos de dez quarteirões do Lucky's. Ela evaporou, irmão.

11

SKYLER

— Menina, quanta comida você acha que o seu namorado é capaz de comer?
— Royce pergunta, indicando minha bandeja.

Olho para a bandeja lotada: quatro sanduíches diferentes, batatas fritas, bebidas, duas maçãs, duas fatias de torta, algumas barrinhas de proteína e seis cookies.

— Humm, talvez a Cathy queira comer também.

Ele abre aquele seu sorriso enorme e perolado.

— Já vai ser difícil fazer o Parker sentar para comer um sanduíche, imagine tudo isso.

— Eu só quero ajudar.

Ele aperta meu ombro com a mão livre. Na outra, leva uma garrafa de suco de laranja, a chave do carro e uma banana.

— Você por perto é tudo de que ele precisa. Vou dar uma olhada nas saladas enquanto você paga, está bem?

— Certo, Royce. Me dê a chave para eu guardar — digo, apontando para minha bolsa, pendurada no meu ombro.

Ele me entrega a chave do SUV que pegamos no aeroporto e eu a enfio na bolsa. Empurro a bandeja na longa fila à minha frente. Há cerca de oito pessoas esperando que o caixa lerdo atenda todo o mundo.

O celular toca no bolso de trás da minha calça e meu coração quase para enquanto o pego freneticamente para ter certeza de que Parker não precisa que eu volte já porque seu pai piorou.

Vejo na tela que é Tracey e, com tudo que está acontecendo, fico tão aliviada que atendo.

— Trace! Ah, meu Deus! Você está bem? — suspiro ao telefone, pressionando-o contra a orelha.

— Passarinha — ela ofega, aflita.

— Tracey, o que está acontecendo?

— Ele me pegou. — Sua voz treme e falha, como se estivesse chorando. — Ele disse... disse que vai me matar.

Meu Deus!

Calafrios correm por todo o meu corpo. Largo a bandeja, saio da fila e vou para a porta da lanchonete.

— Tracey, quem te pegou? — pergunto, frenética.

— Ele me machucou, Sky, muito — diz, tossindo, então grita de dor.

— Onde você está? Diga onde você está! Vou chamar o Parker, o Paul, o Royce e o Bo e nós vamos buscar você.

— Não! — ela grita, em pânico, com a voz sufocada pelo medo. — Você tem que vir sozinha — sussurra e choraminga. — Ele... E-Ele disse que, se você vier, vai me soltar. Eu não te pediria isso, mas ele, ele... ele usou uma faca. Estou sangrando muito, Passarinha.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus...

Giro e olho ao redor, procurando a placa de saída. Vejo as luzes verdes acima de uma das portas e vou depressa nessa direção.

— Tudo bem. Onde você está? Como eu chego até você?

— Você está sozinha? Ele disse que vai me matar se você não vier sozinha. Passarinha... estou com medo. Tanto medo! — Ela chora e então grita, e ouço um baque, como metal batendo no concreto.

— Por favor, meu Deus, não. Por favor. Tracey! Amiga, fala comigo!

— Venha ao Lucky's. — Ela geme, como se estivesse com dor.

— Ao Lucky's? — repito enquanto empurro a porta de saída.

Desço três lances de escada até o estacionamento. Fica do lado oposto de onde entramos. Olho em volta, sem saber o que fazer ou aonde ir. Eu não tenho carro...

Espere um minuto... Eu tenho! Royce acabou de me dar a chave. Reviro a bolsa e a encontro. Vejo que tem um botão de alarme no chaveiro. Pressiono o

botão freneticamente com a unha. Pelo amor de tudo que é sagrado, o carma está sorrindo para mim, porque ouço o apito a duas fileiras de distância.

— Estou indo. Faça o que ele disser. Eu chego em breve.

— Sozinha. Você tem que vir sozinha, senão eu morro — ela grita, parecendo sentir uma dor excruciante.

Lágrimas brotam em meus olhos, mas eu aperto o punho, cravando a chave na palma da mão para que a dor interrompa minha resposta emocional.

— Estou indo. Faça o que ele mandar... Tracey?

— Sky! — ela grita. E então o telefone fica mudo.

Não, não, não, não, não.

Corro para o SUV o mais rápido que minhas pernas permitem, destranco a porta, aperto o botão parar desligar o alarme e entro. Ligo o carro e estou saindo do estacionamento quando vejo Royce aparecer na escada por onde descii. Ele está agitando os braços.

Eu não paro.

Não posso parar.

Ele vai matar a minha amiga.



O trajeto parece levar horas, mas devem ter sido apenas uns vinte minutos. Quando chego ao Lucky's, há só um carro no estacionamento. Saio do SUV, deixando a porta aberta, e corro para a porta dos fundos do bar do pai do Parker. Posso ver, a três metros de distância, que está aberta cerca de dois centímetros. Levando a mão à pesada porta de madeira, o mais silenciosamente que consigo, abro-a só o suficiente para passar.

Já dentro, tomo cuidado para que ela não bata enquanto meus olhos se adaptam à escuridão. Na ponta dos pés, atravesso o corredor escuro até a frente do balcão. Quando chego, vejo que a luz de fundo, atrás das prateleiras de bebidas, está acesa, mas nada mais. Ali, sentada em cima do balcão com as pernas penduradas, está minha melhor amiga.

Olho para a esquerda e para a direita tentando descobrir onde está o bandido, mas não encontro ninguém. Então ouço um barulho e me viro para

Tracey.

— Passarinha, não há ninguém aqui além de você e eu. — Suas palavras me atingem como um soco na cara.

— O quê? — sussurro, ainda procurando a ameaça.

Quando volto o olhar para Tracey, percebo que ela está sorrindo. Observo seu corpo, do cabelo castanho com mechas cor de mel até os pés.

Ela não tem um arranhão.

Que merda está acontecendo?

— Imagino que você tenha vindo sozinha — ela diz e sorri.

— Tracey, nós temos que sair daqui. Se ele voltar...

Ela joga a cabeça para trás e ri. Muito.

— Meu Deus, você é mesmo uma sem noção. É um milagre que eu tenha conseguido te manter viva e funcionando todos estes anos. Não que tenha sido fácil, Sky. Você dá trabalho.

Aperto os punhos, cravando as unhas na palma das mãos.

— Do que você está falando, Tracey? Nós temos que sair daqui. Agora!

Vou em sua direção, mas ela levanta a mão para me deter.

— Não dê nem mais um passo. Agora é o meu momento e, francamente, já cansei das suas bobagens. — Ela levanta a outra mão. Está segurando uma caixa preta quadrada com um botão vermelho. — Está vendo isso? É um detonador.

Com o queixo, Tracey indica uma mesa no centro do salão, onde há uma caixa preta maior e várias coisas presas com fita preta em volta de algo amarelo brilhante.

— Aquilo ali é uma bomba. Igual à que eu coloquei na porta do seu namorado. Se bem que não adiantou nada.

Bomba.

Na porta do meu namorado.

A dor do que ela está admitindo arrebenta minha alma. Parece que fui atropelada por uma jamanta a cem quilômetros por hora. Ofego e levo a mão à garganta.

— Eu avisei que ele não servia para você. Durante muito tempo achei que você cansaria dele, que veria que o Parker nunca vai ser bom o suficiente para você. Quando ele foi para Montreal achando que você o tinha traído, eu fiquei

animada. Animadíssima! — diz, apertando os dentes. — Até que você o perdoou, mesmo depois que ele flertou com aquela loira peituda. — Tracey sacode a cabeça. — Será que eu não te ensinei nada, Staci? — Ela me chama por um nome que nunca a ouvi usar. — Eu sou a única pessoa que se importa com você. Eu, sua irmã mais velha. Sou eu que te protege e te ama. Não o Parker ou aquele bando de idiotas que vivem em volta dele. Nem a Wendy, aquela ruiva vagabunda que usa coleira feito uma cadela. Uma cadela! E você ouviu os conselhos dela, em vez dos meus? — Ela solta um grunhido feio e continua: — E pensar que eu me livrei do Johan, garanti que você conseguisse todos os melhores papéis do cinema e se tornasse ridiculamente rica. Você tem muito mais dinheiro do que pode gastar a vida toda. E tudo isso para quê? Para você me descartar como um jornal velho? De jeito nenhum.

— Tracey... por favor. Não estou entendendo.

— Cale a boca, Staci! Você vai entender de uma vez por todas. Ao contrário daquelas pessoas patéticas que você chamava de pais. Afff! Foi tão fácil acabar com aqueles dois inoportunos que queriam impedir que você aceitasse papéis grandes e te convencer a me deixar para trás. Aquela mulher... aquela que alegava ser sua mãe, porque obviamente não era, já que você e eu temos a mesma mãe, e o nome dela é Laura, não Jill.

— Jill é a minha mãe... — tento argumentar, mas ela me encara com os olhos cheios de raiva. Uma raiva ardente, tão intensa que tenho medo de ver o que há por trás.

— Não se atreva a renegar a nossa mãe. Ela cuidou de você, Staci, durante anos. Enxugou suas lágrimas, te alimentou quando você não tinha força para segurar os talheres. Te limpou quando você não conseguia levantar para ir ao banheiro porque o câncer estava te corroendo por dentro. Mas... eu salvei você. Eu rezei, rezei, rezei tanto pela misericórdia de Deus. E aí você partiu. Por um tempo, pensei que você tinha ido embora para sempre. Então prometi não pronunciar mais uma palavra até você voltar. Um ano se passou, e um dia eu olhei pela janela e lá estava você, brincando no quintal da casa vizinha.

O rosto de Tracey se ilumina com as lembranças.

— Você voltou para mim. Com um nome diferente, mas eu sabia. Eu sabia, no fundo do coração — ela bate no peito com a mão livre —, que a minha irmãzinha tinha voltado das garras da morte e sido entregue para mim.

Naquele dia eu soube que precisava cuidar de você, te proteger do mal do mundo, te dar tudo, garantir que você tivesse a melhor vida e que ninguém, ninguém te machucasse. E aqui está você... Staci, minha Staci. Só que você disse que não precisava mais de mim. Que só precisava daquele homem! — Ela fala com escárnio, e é tão horrível que nem a reconheço. Só vejo essa vil carcaça do que sempre achei que fosse minha melhor amiga.

— Trace, sou eu, a Skyler. Não sei quem é Staci, mas eu não sou ela.

Lágrimas brotam em meus olhos e começam a rolar pelas minhas faces.

— Não minta para mim! — ela grita o mais alto que pode.

Dou alguns passos para trás e esbarro em uma mesa.

— Não estou mentindo, Tracey. Eu não sei o que está acontecendo. Não sei qual é o seu problema, mas vou te ajudar. Eu prometo que...

— Ajudar? — Ela pula do balcão e dá um passo em minha direção, agitando a caixa preta com o botão vermelho. — Eu não preciso da sua ajuda. Eu cuidei de você. Eu cuidei de tudo. Explodi o barco dos seus pais quando eles sugeriram que você não trabalhasse mais comigo.

Meus pais.

A Tracey matou meus pais.

— Não. Ah, meu Deus, não.

Sinto meu estômago revirar e se agitar violentamente. Quero vomitar. Mais lágrimas brotam em meus olhos e caem tão rápido que mal consigo enxergar. Meu coração bate tão forte que minha visão começa a escurecer.

— E o Johan... Você sabe o que eu fiz com ele. Por você. Tudo por você — ela continua, agitando a mão.

— Tracey...

Sufoco um soluço ao pensar nos pobrezinhos dos meus pais entrando naquele barco, acenando para mim e para Tracey paradas no porto. Eu acenando de volta freneticamente, minha mãe me jogando beijos que eu fingia pegar. E ela assassinou os dois.

— Diga que você não matou os meus pais... por favor — imploro. Não posso acreditar que ela seria capaz de algo tão horrendo.

Seu rosto se contorce em um sorriso confiante e maligno.

— Ah, eu me certifiquei de que eles estivessem mortinhos e não pudessem mais atrapalhar meus planos para você. Mas, em tudo isso, eu cometi um erro.

Um soluço agita meu corpo. Fecho os olhos. A escuridão ameaça me dominar.

— Eu contratei aquele homem. Mas eu não tive escolha! Você precisava da sua inspiração de volta, e eu tinha razão: ele te ajudou. O que não estava nos meus planos era que ele iria se apaixonar por você. Mas ele não é digno do seu amor. Eu sou a única pessoa digna do seu amor. Eu sou a única que garante o seu bem-estar, não é, Staci?

Sacudo a cabeça.

— Tracey... — Não consigo nem formar as palavras. Minha cabeça está muito agitada. Todas as maldades que ela fez... matar meus pais... prejudicar Johan... as mensagens, as ameaças.

— Você pôs fogo no meu apartamento? — pergunto, engolindo em seco.

Ela sorri.

— Você precisava voltar para casa, para Nova York — é sua resposta impassível.

— E colocou a bomba na porta do Parker. Aquela que quase matou o Nate e o Parker.

Sua expressão é diabólica.

— Eu devia ter planejado uma explosão maior, assim teria acabado com os dois. Maldito guarda-costas. Muito esperto, ele — diz com escárnio.

— Jesus, Tracey... Você mandava aquelas mensagens para me assustar e ameaçar o Parker. Por quê?

Ela joga a cabeça para trás tão violentamente que parece que levou um soco de um punho invisível.

— Para afastá-lo de você. Ele fez um bom trabalho trazendo a sua inspiração de volta, por isso, no começo, eu não pretendia lhe fazer mal. Só queria afastá-lo. Mas, como você aparentemente tem uma boceta de ouro, o homem não quis ir embora. Foi quando eu precisei acelerar as coisas.

Ela passa os dedos pelo cabelo comprido e suspira.

— E o sr. e a sra. Ellis? — Engulo a bile que está subindo pela garganta.

Tracey sorri com malícia.

— O cavalheirismo não está morto, ao que parece. Ele empurrou a esposa, tirando-a do caminho do meu carro tão rápido que nem consegui acertá-la. O velho recebeu todo o peso da minha raiva sozinho. Eu tenho respeito por um

homem assim. Espero que ele sobreviva. — Ela fala com indiferença, sem humanidade. A Tracey que eu achava que conhecia não existe mais. Talvez nunca tenha existido. Foi tudo uma grande encenação.

— Ah, Deus — choramingo e limpo o nariz. — Por que você feriu os dois? Eles não te fizeram nada!

— Você foi embora. Ele roubou você de mim e te levou para o Brasil. Eu não consegui chegar a tempo para cuidar de você. Eu precisava de você em casa — ela diz, dando de ombros.

— É tudo culpa minha. Tudo. Você fez isso tudo por minha causa.

— Staci, eu faria qualquer coisa por você. Eu disse isso quando você deu seu último suspiro, há tantos anos. Eu falei que te traria de volta, que cuidaria de você, que estaria ao seu lado para sempre. E você voltou.

— Eu não sou a Staci. Nem sei quem é Staci! — grito e bato na mesa. — Tracey, você é louca. Precisa de ajuda. Você perdeu a cabeça!

Ela começa a rir.

— Ah, Staci, querida, você sempre foi engraçada. Agora que já sabe de tudo, podemos prosseguir. Eu desviei uma parte dos seus ganhos nos últimos cinco anos. Tenho passaportes falsos, e o nosso trajeto e destino já estão traçados. Nós vamos para o Atlântico sul, até a pequena ilha Tristão da Cunha. O clima lá é rigoroso, mas é um lugar tão remoto que dizem que tem menos de trezentos habitantes. É o lugar perfeito para vivermos em paz. Ninguém vai chegar até você lá, Staci, tenho certeza. E aí eu posso te proteger para sempre. Você nunca mais vai ter que se preocupar com esse homem.

— Acho que não. — A voz que eu amo mais que qualquer coisa ecoa, vinda do mesmo corredor por onde eu entrei, saída da pessoa de quem preciso mais que do ar que eu respiro. Meu homem, Parker.

Tracey gira e aponta a caixa preta para ele, pousando o polegar sobre o botão vermelho.

— Áfff, você de novo. Por que não morre de uma vez? Eu explodi a sua casa, atrolei o seu pai e peguei a sua namorada, e você ainda volta!

Parker entra lentamente, com Royce e Bo atrás. Mas não vejo Paul.

Tracey estreita os olhos e encara os três.

— Ótimo, a turma toda está aqui. Você disse que viria sozinha — reclama, voltando a cabeça em minha direção.

— Eu vim! Não sei como eles me encontraram.

Parker levanta um único dedo e mostra um quadradinho preto que parece um microchip minúsculo.

— Rastreadores.

— A vadia ruiva, suponho. — Tracey suspira e revira os olhos. — Dane-se, não importa. Minha Staci, a garota que você acha que é a Sky, está indo embora comigo. Sem vocês três.

Ela se aproxima de mim tão depressa que parece um borrão. Me pega pelo braço, enfiando as unhas na minha carne.

— Só por cima do meu cadáver — Parker rosna.

Sinto meu coração se apertar.

— Meu bem...

— Ótimo! Engraçado você dizer isso... — Tracey vai me puxando em direção à frente do bar, onde fica a entrada principal. — Esta caixinha está ligada àquela bomba — diz, apontando para a mesa onde há uma quantidade assustadora de equipamentos. — Basta eu apertar este botão e todos vocês morrem — completa, esticando o braço.

— E você também — Bo afirma.

Ela sorri.

— Sim, mas eu não me importo de morrer, desde que a minha irmã, Staci, venha comigo.

— Staci? — Royce grunhe. — Quem é Staci?

Tracey sacode meu braço.

— Ela é a Staci. Minha irmãzinha!

— O que você anda fumando, queridinha? — Bo pergunta, seco. — Essa é a Skyler, sua amiga. Sua melhor amiga. Uma mulher que confiava em você.

Tracey olha para mim e de novo para Bo. Então examina o salão antes de me olhar novamente, sacudindo a cabeça.

— Não, não. Esta é a Staci. Ela finge ser Skyler. Ela é uma atriz incrível, extremamente talentosa. Ela atua desde que nós éramos crianças!

Parker levanta as mãos.

— Tracey, eu sei que você não quer ouvir isso, mas a sua irmã, Staci, morreu quando tinha oito anos. Ela se foi. Você conheceu a Skyler um ano depois. Se olhar para ela com atenção, vai ver que não é a Staci. É a Skyler...

Tracey bate o pé.

— Cale-se! Cale essa boca! Você não sabe de nada. Esta é a Staci fingindo ser a Skyler!

Parker sacode a cabeça e se aproxima lentamente, um passo de cada vez.

— Tracey, eu não sou a Staci. Sinto muito... Sinto muito por você ter perdido a sua irmã — digo.

Mas ela aperta meu braço tão forte que grito.

— Calada. Nenhum de vocês sabe do que está falando! Fiquem de boca fechada, ou eu vou explodir este lugar com todos vocês dentro! Eu sei que a Staci não quer isso porque tem um coração puro, mas, se alguém der mais um passo, vou fazer isso. Você sabe que eu faço.

— Não vai fazer nada. — A voz profunda ecoa logo atrás de nós, e ouvimos um tiro.

Mal tenho a chance de ver Paul parado na entrada do bar, com a arma apontada diante de si, quando Tracey ruge de dor e deixa cair a caixa preta. Parker pula para a frente, derrubando-a, ao mesmo tempo em que Paul se joga sobre os dois para pegar a caixinha, levando-a com segurança para o outro lado do salão.

Tracey está no chão gritando de dor, segurando o pulso mole. O sangue vai se acumulando ao seu redor, até que ela para de gritar e desmaia.

Paul pega o pulso mutilado, que parece estar pendurado por um fio de pele e tecidos, enquanto eu fico parada, atordoada, no meio do bar, observando enquanto eles cuidam dela.

— Peguem uma toalha, porra! — Paul grita.

Bo entra em ação: pega uma toalha atrás do balcão e corre até ele.

— Chamem a polícia! — Paul continua.

— Chamando — Roy diz, com seu timbre profundo.

Parker deixa Tracey nas mãos capazes do irmão e se coloca à minha frente para que eu não possa mais ver a cena horrenda daquela que um dia foi minha melhor amiga sangrando no chão do bar de seu pai. Ele põe as mãos de cada lado do meu pescoço.

— Sky, você está bem?

E baixa o rosto tão perto do meu que posso sentir seu hálito de hortelã.

— Há... Não. — Sacudo a cabeça, fitando atordoada os olhos azuis do meu namorado.

— Está tudo bem, estou aqui — ele murmura.

— O Paul atirou nela? — pergunto, olhando por cima do ombro dele para ver Paul e Bo agitados ao redor de Tracey.

Mas parece estar tudo em câmera lenta.

— Sim, babe, atirou.

Ele passa o braço pelas minhas costas e puxa meu rosto para seu peito. Começo a tremer violentamente. Ou talvez já estivesse tremendo, mas só agora percebo.

— Foi um... foi um... um b-bom t-tiro. — Meus dentes batem, não consigo controlar.

Parker esfrega minhas costas e braços.

— Merda, Sky, você está entrando em choque. Quero que respire comigo, está bem? Inspire... um, dois, três, quatro... expire... Se concentre na minha respiração.

Ele respira fundo em quatro tempos, depois exala também em quatro tempos. Acompanho seu ritmo enquanto um turbilhão de fatos se espalha pela minha mente...

Meus pais assassinados.

Todas aquelas mensagens cruéis.

Johan. As drogas e as mulheres.

Nate sofrendo o impacto da explosão da bomba.

A tentativa de assassinato dos pais de Parker.

Minha melhor amiga planejando me levar para uma ilha distante.

— Pare de pensar por enquanto, baby. Só respire. É só isso que você tem que fazer agora.

Ele encosta a testa na minha e inspira. O som parece tão alto que é só o que ouço por alguns minutos enquanto compasso minha respiração com a dele. O pânico diminui lentamente.

Vagamente, começo a tomar consciência do som de sirenes e de botas batendo no piso de madeira. Parker se posiciona de modo a me aconchegar em seu peito, com o rosto em seu coração e meu foco só nele. Em seu cheiro de

frutas cítricas e madeira, no extremo calor e segurança que só podem ser encontrados dentro dos braços do meu namorado.

Ele está vivo.

Está me abraçando.

Me dizendo que vai ficar tudo bem.

Fecho os olhos, inspiro seu aroma, absorvo seu calor e deixo o som de seu coração aplacar o furacão que sinto dentro da alma. Suas palavras se infiltram em minha mente:

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo, Skyler. Acabou, baby.

Lambo os lábios e aperto Parker com todas as minhas forças.

— Acabou.

12

PARKER

— Baby, você precisa sair da cama. — Seguro o queixo de Sky e acaricio seu rosto com o polegar. Parece veludo.

Ela faz beicinho e aperta os olhos com força.

— Não quero. Tudo de ruim acontece quando estou acordada.

Eu me inclino e beijo sua têmpora, arrastando os lábios até sua orelha.

— Todas as coisas boas acontecem quando você está acordada também — digo, mordiscando sua orelha.

Ela ri brevemente, mas logo seu sorriso é substituído pela carranca profunda da última semana.

Sete dias inteiros se passaram desde que sua ex-melhor amiga foi baleada, levada ao hospital e atendida, só para acabar perdendo a mão. Tiveram que amputar.

A boa notícia é que meu pai está acordado e rabugento pra caralho, pedindo para ver Skyler e querendo ir para casa. Nate, que se recuperou muito bem dos ferimentos que sofreu na explosão, está pressionando para ter alta também. Agora que seus sinais vitais voltaram ao normal, ele está pronto para ter seu desejo atendido hoje. Isso é parte da surpresa que eu planejei para minha garota, se ela sair dessa maldita cama.

— Meu pêssego, eu sei que você está triste, mas ficar na cama e evitar a vida não é a solução. — Passo as mãos sob suas costas e a levanto.

— Ei! O que está fazendo?

Com uma leve pontada nas costelas quase boas, eu a levanto e a jogo sobre o ombro. Endireito-me e lhe dou um tapinha na bunda.

— Ai! Parker, me solta! — ela grita.

Mas eu a ignoro.

— Não. Já chega de autopiedade. — Bato em sua bunda de novo. — É hora de tomar banho e voltar ao mundo dos vivos.

— Me solta! — Ela bate em minha bunda, mas a ignoro. — Estou falando sério, Park! Me solta!

Entro no banheiro e abro o chuveiro. Com ela de regata e calcinha e eu de calça de pijama, entro debaixo da água morna. Deixo-a deslizar pelo meu corpo e então pressiono Sky contra a parede, prendendo-a.

— Me ouça — peço.

— Não acredito que você fez isso! — ela rosna, com raiva.

Bem, raiva é melhor que nada. É a primeira emoção além de tristeza que vejo nela em uma semana.

— Calada! — rosno também, quase encostando o nariz no dela. — Você não pode se esconder debaixo das cobertas por mais de uma semana. Não vou ficar vendo a minha linda garota afundar na depressão nem mais um dia.

Uso tanta inflexão nas palavras que a água que escorre pelo meu rosto respinga no dela enquanto falo.

— Você é melhor que isso — digo, batendo na parede e fazendo-a se encolher. — Volte para mim, baby. Tenho esperado pacientemente, mas já chega. — Esfrego o nariz no dela. — Eu preciso de você de volta.

Lágrimas brotam em seus olhos e caem por suas faces. Seus lábios tremem.

— Meu bem, ela matou meus pais.

Levo a mão a seu cabelo e pego sua nuca, encostando a testa na dela.

— Eu sei, baby, e lamento. Lamento muito que isso tenha acontecido.

— Ela matou minha mãe e meu pai. — Sua voz sai torturada, cheia de tristeza.

— Eu sei... — digo. As palavras soam guturais e mutiladas, porque a dor que sai dela está entrando em mim. Vou pegar toda essa dor, para tirar Sky das profundezas do seu sofrimento.

— E ela feriu o Nate.

— Não foi culpa sua. Ela está louca.

— E o seu pai. Baby, ela quase matou o seu pai. — Sua voz é como um soluço.

— Eles estão se recuperando, meu pêssego. E ninguém te culpa. Eles culpam a Tracey. Ela fez tudo isso. No cérebro transtornado dela, a Tracey criou uma realidade na qual não perdeu a irmã. A dor que ela sentiu com essa perda deve ter sido enorme e ferrou com a cabeça dela, Sky.

Ela aperta meus braços com tanta força que sinto suas unhas se cravarem ali.

— Por algum motivo, você se tornou a irmã que ela perdeu. E ela se tornou uma espécie de protetora distorcida. Não estou dizendo que isso é justificativa. Só quero dizer que você não teve participação em nada nisso. Você é amorosa, gentil, generosa, doce. E o seu coração é tão grande que ilumina todos que têm contato com você. Ela se aproveitou disso, te magoou e feriu pessoas que você ama, mas você não pode deixar que ela vença abandonando a sua vida. O que a sua mãe e o seu pai diriam se você deixar que ela derrote você, que lhe tire a vida que eles te deram? Hein, Sky, o que eles diriam?

Seu corpo convulsiona. Eu a envolvo em meus braços enquanto ela soluça com fortes sacudidas, apoiada em mim. Absorvo tudo sem reclamar. Eu assumiria qualquer coisa por ela. Toda a sua dor e sofrimento. Qualquer coisa para fazê-la feliz de novo.

— Eles... eles odiariam.

Assinto, apoiado em seu ombro.

— Exatamente. Então vamos tomar um banho? A Wendy está muito preocupada com você, deixando o Mick louco. Ela precisa ver que você está bem.

Ela me abraça mais forte.

— Eu não estou bem.

Esfrego suas costas lentamente. Quero que ela sinta nossa conexão.

— Eu sei, baby, mas vai ficar. Eu te ajudo.

— Eu te amo — ela sussurra em minha orelha.

Abraço-a com mais força.

— Nossa, como eu precisava ouvir isso... Eu também te amo, Skyler. Tanto que às vezes dói.

Por um longo tempo ficamos ali abraçados, deixando a água cair sobre nós, selando nossa conexão física tanto quanto a emocional.

Recuo um pouco e fito seus olhos castanhos.

— Vamos optar pela vida. Deixe tudo isso para trás e viva livre. Certo, meu pêssego?

Ela anui, fica na ponta dos pés e me beija. Mergulho em seu beijo com prazer, deixando-a no controle, e graças a Deus uma boa parte da mulher dos meus sonhos volta. Vai ser um longo caminho, mas sei que juntos conseguiremos.

Uma vez que tiramos nossas roupas encharcadas, lavo minha garota sem pressa. Depois fazemos amor lentamente no chuveiro enquanto ela chora. É catártico, e um dos momentos mais bonitos da minha vida.

Sáímos e eu a enxugo. Abro a gaveta e reviro sua maquiagem, por fim encontrando um batom vermelho.

— Ah, perfeito.

Ela vem por trás, acaricia minhas costas molhadas e me beija.

— Você é perfeito.

— Vou te fazer lembrar disso da próxima vez que eu pisar na bola.

Ela ri e beija minha omoplata de novo.

— O que está fazendo?

— Deixando um lembrete para você... e para mim.

Tiro a tampa do batom, faço subir o bastão vermelho e aponto para o espelho. Em letras maiúsculas, escrevo a única coisa que nós dois precisamos lembrar depois de tudo que passamos:

VIVA LIVRE

COM AMOR.

NÓS

Skyler sorri com os lábios em minha pele, e eu a vejo espiar por trás de mim para ver as palavras que rabisquei no canto do espelho.

— Como eu disse, perfeito, meu bem — e me abraça por trás.

Pego suas mãos e levo uma delas aos lábios, beijando a ponta de cada dedo e depois o centro da palma.

— Sim, perfeito.



De mãos dadas, caminhamos pela rua com nossos cachorros à frente. Tudo deixa os filhotes animados atualmente: um pássaro, um esquilo — toda a natureza ao redor os faz atacar e pular.

— Obviamente estamos indo em direção a nossa casa. Mas por quê? — pergunta Skyler.

Sorrio para ela e mexo as sobrancelhas.

— É surpresa, já disse.

Ela enrugando o nariz.

— Ultimamente, as surpresas não têm sido muito boas.

Reviro os olhos e aperto sua mão.

— Deixa comigo, baby.

Ela dá de ombros.

— Tudo bem.

Seguimos para nossa linda casa e Skyler suspira.

— É mágico, não é?

Sorrio, observando a paisagem, as árvores mais além do terreno e a varanda na volta toda. Vou levando-a para a entrada, mas ela para e puxa minha mão.

— Meu bem, não podemos entrar. Ainda não temos a chave.

Pego em meu bolso a chave de bronze brilhante.

— Serve essa?

Ela arregala os olhos e abre a boca, formando um O.

— Meu bem...

Com apenas um sorriso, minha garota envolve meu pescoço com os braços e pula. Eu a pego pela bunda e ela passa as pernas ao redor da minha cintura, me beijando.

Ela me beija forte e por muito tempo. Retribuo com todo o meu ser, até que ela recua e ri alto, a cabeça para trás, e as ondas douradas de seu cabelo

balançam na brisa leve.

Meu Deus, seu riso é o som mais bonito do mundo.

— Que incrível! — ela grita e desliza até o chão.

— É uma boa surpresa? — pergunto, sorrindo.

— A melhor surpresa do mundo! — ela diz e pega minha mão, desta vez me puxando para a casa.

Quando chegamos à porta, eu a abro, pego Sky no colo e nós entramos, com os cães a reboque. Ela ri quando beijo seu pescoço várias vezes e a ponho no chão. Tiramos as guias dos cachorros. Acendo as luzes do hall e o único lustre, com seus cristais pendentes, ilumina as paredes ao redor.

Ela gira com os braços abertos.

— Meu bem, estamos em casa.

— Sim, estamos! — digo, com um sorriso largo. — Venha, tenho mais uma surpresa para você.

— Ah, é? Não há nada melhor que entrar na nossa casa pela primeira vez. Vai ser difícil bater essa.

Eu rio e entrelaço meus dedos nos dela, conduzindo-a para o lado mais distante da casa, onde fica a suíte principal. Quando chegamos diante das portas duplas, solto sua mão, pego as duas maçanetas e as abro. Dentro do quarto há uma enorme cama de madeira feita à mão. A cabeceira é alta e grossa, com delicados arabescos entalhados dos quais imaginei que ela gostaria, mas a cor e a estrutura de carvalho pesado dão um toque de masculinidade. Está coberta por um edredom branco divino que Wendy encontrou para mim, bem como os lençóis mais macios e com a maior quantidade de fios que ela conseguiu arranjar. Gastei uma nota preta, mas, pelo olhar de fascínio de Sky, sei que fiz bem. A mulher dos meus sonhos está feliz.

— Gostou?

Ela olha para a cama — a única coisa no quarto, porque eu disse a ela que queria comprar a cama. Mas não estava brincando quando falei que ela podia decorar o restante da casa.

— Se eu gostei? Meu bem, adorei! — diz, maravilhada. — É a cama mais linda que eu já vi.

Sorrio e a abraço por trás enquanto ela olha para o móvel como se ele fosse sair andando com seus próprios pés a qualquer momento.

— Fico feliz por você ter adorado, porque eu adoro você!

Ela gira em meus braços, me dá um beijo e fica na ponta dos pés com um sorriso sexy no rosto. Leva a mão ao laço na nuca que prende seu vestidinho. Em um instante, o laço se desfaz e o vestido cai no chão.

Minha garota está parada diante da nossa cama nova só de sutiã tomara que caia rosa-pálido e calcinha da mesma cor. Ela chuta o vestido e os chinelos de lado.

— Acho que devemos inaugurá-la agora mesmo. — E sorri, erguendo uma sobancelha.

Lambo os lábios e absorvo toda a beleza diante de mim. Então entro em ação, tirando a camisa. Seus olhos se iluminam de desejo enquanto ela desliza os dedos pelo seu corpo. Tiro os tênis e as meias enquanto abro o botão da calça e a abaixo com a cueca de uma só vez, chutando tudo para o lado. Ela leva os olhos a minha virilha e sorri com malícia.

— Está gostando do que vê, meu pêsego? — pergunto, sorrindo.

— Ah, sim, e muito.

Ela leva a mão para trás, abre o sutiã e o deixa cair, libertando seus seios apetitosos.

— Acho que é hora de um momento selvagem. — Vou em sua direção.

Ela abaixa a calcinha e a deixa cair também.

— Acho que é hora de vivermos livres.

Quando chego até ela, passo uma das mãos em volta de sua cintura, puxando-a para mim, e toco seu lindo rosto com a outra.

— Todo dia, o dia todo, baby.

E então provo que ela vai viver livre comigo na nossa nova cama, no nosso lar para sempre.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

International Guy

Site da autora

<http://www.audreycarlan.com/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/AudreyCarlan/>

Twitter da autora

<https://twitter.com/audreycarlan>

Instagram da autora

<https://www.instagram.com/audreycarlan/>

Goodreads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/7831156.Audrey_Carlan

Skoob da autora

<https://www.skoob.com.br/autor/15764-audrey-carlan>



International Guy: Los Angeles - vol. 12

Carlan, Audrey

9788576867692

140 páginas

[Compre agora e leia](#)

O último volume da série da mesma autora de A garota do calendário. International Guy é a agência de Parker Ellis, um dos maiores especialistas do mundo em vida e amor, que tem como missão ajudar as mulheres em questões tão diversas quanto se sentir sexy e poderosas, aprender a administrar um império empresarial ou conquistar o homem dos seus sonhos. Parker e seus dois sócios atendem mulheres ricas do mundo todo, como atrizes de Hollywood, membros da realeza e CEOs de multinacionais bilionárias. E, às vezes, eles não podem evitar que as coisas esquentem e vão parar na cama de suas clientes. Literalmente. Parker adora sua vida de playboy e não está procurando compromisso. Afinal, há um mundo inteiro à sua frente: os negócios o levam de Paris a Milão, de Berlim ao Rio de Janeiro. Mas, conforme ele pula de cidade em cidade — e de cama em cama —, é possível que acabe encontrando mais que sexo ao longo do caminho... A parada final é Los Angeles, onde uma surpresa inesquecível aguarda Parker, um respiro bem-vindo depois de toda a dor que ele, Skyler e o restante da agência enfrentaram nos últimos tempos.

[Compre agora e leia](#)



Fenômeno editorial nos Estados Unidos
Mais de 2,5 milhões de cópias vendidas

A *garota* DO CALENDÁRIO

Audrey Carlan

JANEIRO

A garota do calendário: Janeiro

Carlan, Audrey

9788576865247

144 páginas

[Compre agora e leia](#)

Fenômeno editorial nos Estados Unidos com mais de 3 milhões de cópias vendidas. Mia Saunders precisa de dinheiro. Muito dinheiro. Ela tem um ano para pagar o agiota que está ameaçando a vida de seu pai por causa de uma dívida de jogo. Ela precisa de um milhão de dólares. A missão de Mia é simples: trabalhar como acompanhante de luxo na empresa de sua tia e pagar mensalmente a dívida. Um mês em uma nova cidade com um homem rico, com quem ela não precisa transar se não quiser? Dinheiro fácil. Parte do plano é manter seu coração selado e os olhos na recompensa. Ao menos era assim que deveria ser... Em janeiro, Mia vai conhecer Wes, um roteirista de Malibu que vai deixá-la em êxtase. Com seus olhos verdes e físico de surfista, Wes promete a ela noites de sexo inesquecível — desde que ela não se apaixone por ele.

[Compre agora e leia](#)



VERUS
EDITORA

*Ele venderia sua alma de
guerreiro para possuí-la...*

Brumas do tempo

Karen Marie
MONING

HIGHLANDERS | LIVRO 1

Brumas do tempo - Highlanders - vol. 1

Marie Moning, Karen

9788576866404

308 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro volume da série Highlanders. Um sedutor lorde escocês é conhecido no reino como Falcão, lendário predador nos campos de batalha e na cama. Nenhuma mulher resiste e ele, mas nenhuma jamais conseguiu mexer com o seu coração. Até uma fada vingativa levar Adrienne da Seattle dos dias de para a Escócia medieval. Presa em um século que não é o seu, ousada demais, franca demais, Adrienne representa um desafio irresistível para esse conquistador do século XVI. Forçada a se casar com Falcão, ela jura manter distância do marido, mas o poder de sedução dele vai destruir lentamente a determinação dela. Adrienne tem o "não" na ponta da língua, mas Falcão jura fazê-la sussurrar seu nome com desejo, implorando que ele a incendeie de paixão. Nem mesmo as barreiras do tempo o impediriam de conquistar o amor dela. Apesar das incertezas sobre seguir seu coração apaixonado, a hesitação de Adrienne não é páreo para a determinação de Falcão de mantê-la a seu lado.

[Compre agora e leia](#)



Amor sob encomenda

Rissi, Carina

9788576867999

522 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo romance da autora do best-seller *Perdida*. Melissa Gouvêa está totalmente focada na profissão. Responsável pela situação financeira da família, incluindo o caro tratamento médico da mãe, a determinada assistente sonha em se tornar a produtora de eventos da Allure. Como se casar não faz parte de seus planos no momento, ela se assusta ao saber que o namorado foi visto comprando um anel de noivado. Mas Mel não devia ter se preocupado tanto, já que o anel não era para ela e, pior ainda, a Allure foi contratada para o cerimonial do canalha. Mesmo assim, Melissa aceita o maior desafio de todos: produzir o casamento do ex. A bagunça em sua vida aumenta quando ela se vê dividindo o apartamento com o cara mais irritante, cínico, atrevido — e muito lindo, infelizmente — que conhece. Melissa devia se concentrar em manter o que resta de seu coração a salvo e sobreviver ao casamento do ex. O problema é que o novo colega de apartamento confunde sua razão e seus batimentos cardíacos, despertando desejos avassaladores até então desconhecidos. Tarde demais, Mel se dá conta de que seu coração nunca correu tanto perigo... Amor sob encomenda vem cheio de humor, amor e emoção e apresenta uma história que nos fará refletir a respeito do que realmente é importante na vida.

[Compre agora e leia](#)



Audrey Carlan

0.
primeiro DIA
DOS **NAMORADOS**

um conto da série

A
garota DO
CALENDÁRIO

O primeiro Dia dos Namorados

Carlan, Audrey

9788576866428

26 páginas

[Compre agora e leia](#)

Seis semanas após o casamento de Mia e Wes, chegou o primeiro Dia dos Namorados que eles vão passar como marido e mulher. Qual será a surpresa especial que Wes preparou para sua amada? E o presente divertido que Mia comprou para ele? E o que vai acontecer quando eles estiverem a sós no hotel...? Descubra tudo neste conto especial da série A garota do calendário.

[Compre agora e leia](#)